

ROMÉLIA RODRIGUES DOPP

**PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA -
OLHARES DE MULHERES ADULTAS KADIWÉU**



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

CAMPO GRANDE - MS

2009

ROMÉLIA RODRIGUES DOPP

**PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA -
OLHARES DE MULHERES ADULTAS KADIWÉU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom
Bosco como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Mestre em Educação. Área de concentração:
Diversidade Cultural e Educação Indígena.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Vinha.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

CAMPO GRANDE - MS

2009

Ficha Catalográfica

Dopp, Romélia Rodrigues
D692 Pedagogia Kadiwéu e a formação da criança - olhares de
mulheres adultas Kadiwéu / :Romélia Rodrigues Dopp; orientação,
Marina Vinha. 2009.
120 f.+ anexos

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica dom Bosco,
Campo Grande, Mestrado em educação, 2009

1. Educação indígena 2. Índio Kadiwéu – Crianças – Educação
da tradição. I. Vinha, Marina II. Título.


CDD – 371.97981

PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA -
OLHARES DE MULHERES ADULTAS

ROMELIA RODRIGUES DOPP

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Drª Marina Vinha - UFGD 
Drª Maria Beatriz Rocha Ferreira - UNICAMP 
Drª Adir Casaro Nascimento - UCDB 

Campo Grande, 27 de julho de 2009

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM EDUCAÇÃO

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Maria Catarina e Luiz Gabriel, e genro Leandro, pelo amor, carinho, respeito e incentivo em todos os momentos que necessitei. Por acreditarem no meu trabalho, nos esforços e no entusiasmo para o crescimento profissional e espiritual.

Obrigado filho querido, filha querida, pelo amor dedicado a minha pessoa como mulher, mãe e criança que necessitou, em alguns momentos, de 'colo', para me fortalecer e revigorar, dos projetos que o todo poderoso determinou, dando-me toda a atenção possível. Vocês são a minha Luz e o meu crescimento como ser humano.

Às minhas irmãs, pelo fortalecimento familiar. Certamente haveremos de compreender os desígnios que Deus nos impôs nesta caminhada.

À memória dos meus pais, Bartolomé e Lorenza, por nos ensinarem sobre a realidade da vida e retirar nossas vendas para podermos enxergar com olhares do outro, os outros. Foram grandes guerreiros em seu tempo e importantes em nossas vidas, certamente estão impressos em nossas mentes e em nossas almas.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para meu crescimento, abrindo possibilidades para outras dimensões.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que nos liga a todas as comunidades, corporificadas em cada um de nós, manifestação viva nesta experiência terrena. Desse modo, a natureza, a cultura e todos nos seres viventes, manifestando nossa diversidade inter e transcultural, estamos em conexão com o cosmo, nesse sentido, somos sagrados.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Educação-UCDB, que apontaram caminhos estimulando meus estudos e meus olhares como pesquisadora.

À minha orientadora Marina Vinha, pela paciência e carinho. Quando parecia que ia perder o rumo, dava-me luz, compartilhando seus conhecimentos, dando-me estímulo e orientação, mesmo nos momentos mais tensos do meu trabalho. Essas fases foram de enriquecimento e transformação nas batalhas como estudante de mestrado.

À Sonia Maria Rodrigues, Secretária Executiva do Mestrado em Educação, pelo atendimento ímpar, e dedicação, sempre pronta para atender com carinho e respeito às nossas necessidades documentais.

Aos colegas de Mestrado, por contribuírem de diversas maneiras. Especialmente a Renilda Lino e Verônica Lopes, que me ajudaram quando uma parte de minha existência foi afetada como ser humano. Essa ligação exigiu de nós compaixão e capacidade de compartilhar sentimentos, foram momentos de enriquecimento e crescimento como mulher e como pessoa.

Às mulheres Kadiwéu, meninas, crianças guerreiras, pelo carinho com que me receberam, permitindo que me aproximasse de sua sabedoria sobre os modos de educar a criança na tradição.

À Carla Mayara de Alcântara, por me acompanhar nesses momentos e prontamente me repassar às informações necessárias para a pesquisa. Aos Jovens Kadiwéu por tentarem compreender a importância desta pesquisa.

À liderança da Aldeia Água Bonita e as mulheres da Aldeia Buriti.

À senhora Gislene Severino, que no período da pesquisa era fiscal da Associação das Mulheres Kadiwéu, à senhora Eunice André esposa do líder da comunidade da Aldeia Água Bonita, e à jovem Valéria Guedes por estar sempre disposta a ajudar e a acompanhar-me nessa jornada.

À FUNDECT/MS pela bolsa de mestrado, e FUNDECT/PAPOS pelo incentivo para viabilizar a pesquisa de campo.

À Prefeitura Municipal e a Secretaria de Educação de Corumbá, por terem me permitido dar continuidade aos meus estudos. As colegas da Creche Valódia Serra, por serem pessoas iluminadas, especialmente Neide Estadulho de Campos, Sueli de Jesus Maldonado, Professora Laura Helena de Campos e Professora Lourdes Duram Barcellos, por não medirem esforços me apoiando em todos os momentos.

HOMENAGEM ESPECIAL

À Professora Adir Casaro Nascimento.

Por sua dedicação amor e carinho ao estudo da diferença, centrada na educação escolar indígena. Por desenvolver e incentivar pesquisas, que levam à compreensão dos educadores o modo de educar, no grupo primário. Por seus estudos pioneiros no estado de Mato Grosso do Sul sobre criança e infância indígenas. E por vislumbrar e indicar que essa temática fosse desenvolvida sobre as crianças Kadiwéu.

Com Carinho

Romélio e Marina

HOMENAGEM

Menina, Mulher Guerreira Kadiwéu

Criança guerreira Kadiwéu,
menina, mulher morena,
nasceu nesse povo, mas não ficou ao léu.
Com carinho, atenção a mãe terna,
conduziu a menina, carinhosa e serena
em qualquer época, ser garbosa e rainha eterna!

Guerreira criança
menina, mulher,
você é a esperança
do povo Kadiwéu!

Criança, menina mulher,
encarna historias, mitos e ritos.
Você que encanta a todos,
tudo pode fazer!

Criança, bela guerreira Kadiwéu,
no nascimento a canção espalha ao vento,
que logo no ritual da passagem,
canções dizem, superou guerras, na vida venceu!

Da singeleza do nascimento,
menina vai se tornando mulher.
Como uma trança, enlaça em seu encanto,
o passado, o presente e o futuro valem a pena ver!

Criança, menina mulher,
carrega crianças no colo.
Ao colocar nelas o sonho e poder,
preserva sua gente,
sua cultura, e a identidade Kadiwéu!

Romélio Rodrigues Dopp

Menino Guerreiro

De porte forte e altivo,
filho de sangue ou cativo.
Mãe Natureza orienta o norte,
a se tornar filho querido!

Da mãe, mulher recebe o incentivo,
com palavras de carinho e ternura,
por ela é conduzido,
para que dos ancestrais preserve a bravura!

Da história do passado, mitos do presente,
recebeu com sabedoria e honraria,
título de guerreiro, para defender seu povo, sua gente,
com nobreza, e muita alegria!

Já se passou muito tempo,
ele ainda é senhor, um guerreiro.
Ao nascer um lindo rebento, vai crescendo,
tratado com muito amor e carinho!

Não esqueça menino guerreiro,
tenha orgulho de seu passado,
Respeito, reverência e honra,
nesses pilares estás assentado!

Salve! Menino guerreiro!
Da glória dos ancestrais,
está vivo o esteio,
deve ser celebrado, com guerreiros atuais!

Na tua mente está escrito, e como um velho sábio
ensine, aprenda e lembre que existem Histórias e Mitos.
Quando nos Ritos Nupciais a guerreira beijar seus lábios,
os ventos do passado, emaranhados no presente,
celebram o futuro que do presente não está distante!

Romélio Rodrigues Dopp

DOPP, Romélia Rodrigues. **PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA - OLHARES DE MULHERES ADULTAS KADIWÉU** Campo Grande, 2009, 120p. (Dissertação Mestrado). Programa de Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

RESUMO

Este trabalho seguiu perspectiva teórica proposta na Linha de Pesquisa 3 - Diversidade Cultural e Educação Indígena - constitutiva do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O objeto de estudo foi investigar os processos de formação da criança Mbayá-Gauicuru e Kadiwéu no seu universo cultural, segundo olhares de mulheres adultas da referida etnia. O estudo abarcou as técnicas de nascimento, os modos de alimentar à criança e as diferenças na criação do menino e da menina. O objetivo geral do estudo foi descrever o 'jeito' de educar Kadiwéu, sob o olhar de mulheres adultas. Os objetivos específicos foram: a) sistematizar o 'estado da arte' que trata da criança Mbayá-Gauicuru e Kadiwéu em referências bibliográficas, escritas por missionário, militares, viajantes historiadores e etnólogos; b) identificar os elementos que estruturam a identidade e a formação da criança Kadiwéu e c) registrar a percepção da mulher adulta sobre as técnicas do nascimento, modos de criar e alimentar e diferenças na aprendizagem da menina e menino criança em seu grupo étnico. Nessa perspectiva, procuro resposta para a problematização: *quais são os saberes e práticas específicas dos adultos Kadiwéu para que uma criança possa construir sua identidade?* As reflexões se entrecruzam com dados bibliográficos e dados empíricos - estes obtidos em levantamento com mulheres adultas Kadiwéu. A metodologia está organizada com elementos vindos de um missionário, dois militares, viajantes, historiadores e etnólogos do Século XVIII até o Século XXI. Foi aplicada uma entrevista semi-estruturada em quatro mulheres Kadiwéu, para a obtenção dos dados sobre a criança. As abordagens sobre os elementos valorativos desse grupo estão delimitadas da concepção até o período antes dos ritos pubertários. Os resultados esperados foram recuperar significados na formação da criança Kadiwéu. Desse modo, foi possível a compreensão de que na educação da criança indígena Kadiwéu está impressa na Pedagogia da tradição dessa etnia, sendo relevante para a preservação de sua identidade. Acredita-se que esta pesquisa estará contribuindo para posteriores estudos escolares dos povos indígenas, conforme Constituição/1988 e LDB/1996, na especificidade dos povos do pantanal, em seus processos próprios de ensinar e aprender, emergindo dados para compreensão do *ethos* Kadiwéu.

Palavras-chave: Criança, Infância, Educação da Tradição, Kadiwéu.

DOPP, Romélia Rodrigues. **PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA - OLHARES DE MULHERES ADULTAS KADIWÉU** Campo Grande, 2009, 120p. (Dissertação Mestrado). Programa de Mestrado em Educação. Universidade Católica Dom Bosco - UCDB.

ABSTRACT

This project followed a theoretical perspective based on Line of Research 3 - Cultural Diversity and Indian Education - a constitutive Master Program in Education favored by UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), a Catholic University in Campo Grande - MS - Brazil. The aim of this study was to investigate the processes in child development both in Mbayá-Guaicuru and Kadiwéu tribes, focusing on its cultural environment according to each ethnic group. The study enclosed birth techniques, the ways of feeding the children and the differences in teaching, both a boy and a girl. The aim of this project was to describe “the way” Kadiwéu Indians bring up their offspring regarding to grown-up women influences. The specific goals were: a) to codify the “state of art” that refers to Mbayá-Guaicuru and Kadiwéu children in bibliographical references written by a missionary, military men, historian travelers and ethnologists; b) to identify the basis that gives identity and development of a Kadiwéu child; c) to take notes about these grown-up women’s perception and the techniques in child birth, ways of bringing up and feeding a child and the differences in educating a boy and a girl according to each ethnic group. Consequently, the target is to look for an answer for the following question: “What are the knowledge and experiences shown by the grown-up Kadiwéu women in order to build up a child’s identity?” The reflections crisscross with bibliographical and empirical data - these taken from investigations with grown-up Kadiwéu women. The methodology is organized with subsidies given by a missionary, two military men, travelers, historians and ethnologists from the XVIII to XXI centuries. A half-structured interview was used to get the data about the child. The answers obtained from the topics questioned ranged from the birth period till before the ritual in puberty. The waiting results were to recover the importance in child’s formation. As a result, it was possible to understand that the education system given to a Kadiwéu child is based on pedagogy of this traditional ethnic group, of utmost importance to preserve its identity. It is believed that this research will contribute to further scholar studies on Indian people, according to the 1988 Constitution and LDB / 1996, specifying the marshland people, in their own teaching and learning strategies, arising data to the comprehension of Kadiwéu ethos.

Key words: Child, Childhood, Traditional Education, Kadiwéu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: Criança e Infância	22
1.1 Fatores de Identidade – Grupo primário.....	22
1.2 Breve Histórico sobre Criança e Infância no Ocidente.....	24
1.3 Criança no Mundo Atual.....	27
1.4 Pedagogia nas Tradições Indígenas.....	28
CAPÍTULO II: Criança Mbayá-Guaicuru Séculos XVIII a XXI	31
2.1 As Crianças Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu - Séculos XVIII e XIX.....	31
2.1.1 José Sánchez Labrador (1770).....	31
2.1.2 Francisco Rodrigues do Prado (1795).....	39
2.1.3 Ricardo de Almeida Serra (1803).....	42
2.1.4 Guido Boggiani (1892 - 1897).....	45
2.2 A Criança Kadiwéu na Etnografia dos Séculos XX a XXI.....	51
2.2.1 Historiador Emílio Rivasseau (1890 a 1920).....	51
2.2.2 Claude Lévi-Strauss (1935).....	53
2.2.3 Darcy Ribeiro (1947).....	54
2.2.4 Jaime Siqueira Junior (1993).....	58
2.2.5 Mônica Thereza Pechinha (1994).....	62
2.2.6 Marina Vinha (2004).....	65
2.2.7 Lisiane Koller Lecznieski (2005).....	66

CAPÍTULO III: Olhares de Mulheres Kadiwéu	77
3.1 Elos com as Mulheres Kadiwéu.....	77
3.2 Identificando as Mulheres Kadiwéu.....	79
3.3 Técnicas de Nascimento – Olhares de Mulheres kadiwéu	80
3.4 Desmame e Pós – desmame – Olhares de Mulheres Kadiwéu	87
3.5 Diferença na Criação da Menina e do Menino – olhares de Mulheres Kadiwéu.....	89
3.6 Tensões - a construção de novos ambientes para formação da criança Kadiwéu.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS	107
ANEXOS.....	111
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO A e B	112
QUESTIONÁRIO SEMI – ESTRUTURADO.....	116
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS	118
DECLARAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO	120

INTRODUÇÃO

Este estudo denominado “Pedagogia Kadiwéu e Formação da Criança - Olhares de Mulheres Adultas Kadiwéu” seguiu a perspectiva teórica proposta na Linha de Pesquisa 3 - diversidade cultural e educação indígena -, constitutiva do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O termo ‘pedagogia’ que é utilizado no título tem o sentido trazido por Freire (2008) se *pais (criança) e ago* (conduzir), significando em grego, ‘conduzir a criança’. A pesquisa trata da forma diferenciada de educar a criança Kadiwéu, nos contextos urbanos e na aldeia, com ênfase na forma tradicional do grupo étnico Kadiwéu. Assim, a expressão ‘Pedagogia Kadiwéu’ trata de como esse povo lida com suas crianças. Reforçando essa idéia, o estudo não prioriza como a criança aprende, ou como se dá a aprendizagem da criança, mas, sim, prioriza como se constrói ambientes para a formação da criança Kadiwéu.

Diante desse contexto, a pergunta problematizadora deste estudo buscou respostas para: *quais são os saberes e práticas específicas dos adultos Kadiwéu para que a criança possa construir sua identidade?*

O tronco de origem dos Kadiwéu, os Mbayá-Gaicuru são da região Chaquenha, nas fronteiras Brasil/Paraguai/Argentina. Esse povo habita, nos últimos 200 anos, a região fronteira Brasil/Bolívia, cujas terras estão jurisdicionadas ao município de Porto Murtinho, mas, com acesso via municípios de Bonito e de Bodoquena, no Sul do Pantanal, Estado de Mato Grosso do Sul. O grupo é falante da língua Kadiwéu, do tronco guaicuru, estão constituídos de uma população aproximada de 2000 pessoas (LECZNIESKI, 2005, p.45), sendo que quase a metade desse grupo vive na aldeia Alves de Barros ou de Bodoquena como a autora denominou. Atualmente muitas famílias Kadiwéu mantêm residências em dois lugares, ou seja, uma em terras Kadiwéu, em uma das cinco aldeias, Bodoquena, São João,

Campina, Barro Preto e Tomázia, e outra residência, na cidade geralmente localizada na periferia da capital, ou nos municípios vizinhos às suas terras.

A motivação para desenvolver esse estudo fundamentou-se na minha formação em pedagogia aliada à perspectiva exposta na Linha 3. Nesse sentido, essa configuração contribuiu para estabelecer espaços de inquietude, visando compreender o modo de educar indígena de um povo habitante no pantanal sul mato-grossense, assim como eu.

Como pedagoga ao buscar compreender o processo de construção do modo próprio de educar dos Kadiwéu enfrentou um desafio que poderá contribuir tanto com esse povo quanto com a instituição escolar que atualmente deve garantir um estudo diferenciado que valorize a língua e as metodologias próprias de aprendizagem, conforme a Constituição Brasileira de 1988.

Pessoalmente foi um desafio realizar um estudo com população indígena e, principalmente, trabalhar com um grupo étnico em que há pouca produção científica, como os Kadiwéu. Além desse fator, o grupo caracteriza-se por ter diferentes tipos de conflitos com relação a terra. Esta foi historicamente por meio de muitas violências ao seu povo. Com tudo, naquele momento político em que a Coroa Portuguesa ainda estava estabelecida, os Kadiwéu conseguiram firmar um acordo para cessar os ataques em troca de terras, conforme Siqueira Junior (1993).

Desse contexto histórico e político foi priorizada a problemática criança e a educação no modo de ser da tradição Kadiwéu. De antemão, tínhamos conhecimento de que estudos sobre a criança indígena de forma geral ainda são incipiente, portanto sobre a criança Kadiwéu a perspectiva era de mais dificuldades ainda. Diante dessa realidade o levantamento histórico da literatura que trata dos Kadiwéu, foi significativa para compreender os olhares contemporâneos das mulheres. Mulheres adultas Kadiwéu, neste estudo, caracterizam-se por aquelas que já passaram pelo rito da ‘festa da moça’. A idade cronológica das mulheres entrevistadas alcançou dos 24 anos aos 70 anos.

A expressão tradição foi adotada no sentido dado por Gallois (2006), como memória e história oral, composta por percepções de conhecimentos individuais e coletivos que vão inovando-se ao longo do processo histórico. Nesse sentido, cada grupo social ou grupo étnico trata de suas tradições conforme suas vivências e saberes, recriando-os segundo o tempo histórico de cada um. Gallois (2006, p. 20) afirma: o que é tradicional no saber tradicional não é sua antigüidade, mas a maneira como ela é adquirida e como é usada, ou seja, os saberes tradicionais não são enciclopédias estabilizadas de conhecimentos ancestrais, mas formas particulares, continuamente colocadas em prática na produção dos

conhecimentos. Pode-se compreender que a expressão ‘criança’, é ampla e complexa, em diferentes significados sociais sobre o ‘ser criança’.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de descrever os saberes e práticas no ‘jeito’ de educar e formar a criança Kadiwéu no seu universo sócio-cultural, sob olhares de mulheres adultas Kadiwéu. Perceber o modo educativo primário, e como o fazer pedagógico influencia na formação identitária da criança.

Os objetivos específicos foram destacados três eixos. Esses eixos foram inspirados nos argumentos elaborados por Mauss (2003): (a) técnicas do nascimento; (b) modos de criar e de alimentar a criança - desmame e pós-desmame e (c) diferenças na criação da menina e do menino. Esses eixos conforme o autor foram denominados como “técnicas do corpo”. ‘Técnicas do corpo’ são compreendidas como “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 2003. 401).

Explicitando esses três eixos, temos: (a) técnicas de nascimento (p. 412) se referem às diferentes formas, em diferentes contextos, de como as mulheres têm seus filhos; (b) os modos de criar e alimentar as crianças são modos em que cada grupo tem um jeito de criar e de alimentar e (c) modos de criar menino ou menina segundo valores de cada grupo étnico. Os eixos detalhados na metodologia foram obtidos via relatos de mulheres adultas, não sendo utilizado o procedimento de observação no local em que as crianças vivem. Os locais urbanos serão o *locus* da pesquisa de campo.

Conforme Vinha (2004) dentre os ritos Kadiwéu, para a interrupção de infância, para a menina há ainda hoje, a “festa da moça”. Para o menino havia a “festa da corrida”. A ‘festa da corrida’ nos dias de hoje é festejada no ‘Dia do Índio’. Conforme relatos históricos, nos dias atuais não há indícios de reelaboração desse rito, mas Siqueira Jr. (1993) menciona o rito de “quando o menino vai para a cidade pela primeira vez”.

Reforçando essa visão indígena, de forma geral, Silva *et al* (2002, p. 42) entendem que “criança e infância correspondem ao período de vida que vai do nascimento aos rituais pubertários ou seus equivalentes”. Portanto, dados relacionados aos eventos acima citados, a partir dessas duas cerimônias indicam que a criança continuará sua formação nas outras fases de sua existência.

Quanto aos resultados, no plano social geral, espera-se que com essa investigação, presentes no campo do conhecimento e da educação são o de recuperar os ‘jeitos’ e os significados na formação da criança Kadiwéu, contribuindo para estudos escolares dos povos indígenas, conforme a Constituição de 1988, nas especificidades dos povos indígenas do

Pantanal da região Sul mato-grossense, e rever os processos próprios de ensinar e aprender, enfocando principalmente a fase anterior ao período em que a criança vai para a escola, fazendo emergir dados para compreensão do *ethos*¹ Kadiwéu, entendido antropológicamente como a identidade de um povo.

A relevância social da pesquisa está no sentido de que sua contribuição pode recuperar jeitos sócio-culturais e significados na forma de educar a criança Kadiwéu, contribuindo para estudos da educação escolar indígena, por focar principalmente a fase anterior ao período em que a criança vai para a escola, fazendo emergir dados para compreensão do *ethos* Kadiwéu.

Os indígenas Kadiwéu possuem escolas públicas em suas áreas, conforme os relatos das entrevistadas, embora seja um avanço, o objeto deste estudo a criança e os modos próprios de formação, seus ‘jeitos’ de educar, poderão contribuir para a realização de uma escola diferenciada. Desse modo poderá causar um impacto na reformulação dessas escolas, atendendo assim, o Art. 210 § 2º, Capítulo III, da Educação (BRASIL, 1988) e conforme o Art. 5 da LDB (1996).

Na elaboração teórica, recorri a uma reflexão em teorias de origem ocidental, as quais possuem classificações de idade cronológica convencional sobre a criança. Criança é o ser humano de um mês de idade até aproximadamente 10 anos (GALLAHUE & OZMUN, 2003). Por outro lado, há autores como Rogoff² (2005) em suas pesquisas com os povos maia da Guatemala sobre o desenvolvimento humano como transformação da participação em atividades culturais, que entende a ‘criança’ deve ser entendida dentro de teorias que compreendam esse conceito vinculado a contextos culturais diferenciados, uma vez que os seres humanos são biologicamente culturais.

Diferentemente, em populações indígenas, segundo Silva et al (2002, p. 42) “criança e infância correspondem ao período de vida que vai do nascimento aos rituais pubertários ou seus equivalentes”. O envolvimento com sua sociedade de pertencimento ocorre desde a tenra idade. Crianças indígenas com menos de três anos já participam dos rituais corporais, onde “a matéria a aprender são as condições para tal desempenho: força, coragem, disciplina, ação articulada, expressividade, respeito, obediência aos mais velhos, consciência do pertencimento individual do grupo”, afirmam os autores (2002, p. 43).

¹ Espírito que anima uma coletividade. (AURÉLIO, 2001, p.324).

² Professora de psicologia da Fundação Universidade da Califórnia Santa Cruz (UCFC). Membro do Center for Advanced Study in the Behavioral Sciences de Sanford, Kellogg Fellow, e Osher Fellow do Exploratorium. Recebeu o Prêmio Scribner da American Educational Research Association, por seu livro *Apprenticeship in Thinking* (OUP, 1990). Trabalhou em uma comunidade maia da Guatemala por quase três décadas (ROGOFF, 2005).

A percepção sobre a criança entre o indígena Terena da Aldeia Tereré/MS, segundo uma senhora de 76 anos. Desde que nasce, até ficarem homens, quero dizer, se eles não saírem de casa, não constituir família por conta deles, (a senhora entende?) enquanto os filhos estão na dependência dos pais, eles são considerados crianças.³

As compreensões indígenas sobre criança são diferenciadas, portanto no decorrer do estudo serão aprofundadas por percepções dos olhares das mulheres adultas Kadiwéu. Na atualidade, pesquisas sobre a criança da espécie humana merecem atenção especial, diferente do reconhecimento teórico clássico, quando a criança era tratada sob um ponto de vista ‘adultocêntrico’ Esse neologismo foi encontrado em Nunes (2002) que expressa o pensamento e o comportamento centrados na forma adulta de ser. Para Nunes (2002) tanto a criança quanto o adolescente, adulto ou velho é um ser social, e essa visão centrada na realidade adulta não permite que vejamos que elas fazem parte de sociedade. A tensão que se configura ao levantarmos esses estudos sobre o ser criança foi destacada por Dopp e Vinha⁴ (2007) ao tratarem da questão da criança e da cultura. Nesse sentido, as autoras corroboraram com Silva (2002), refletindo sobre o fato de que há uma cultura do grupo de pertencimento que será repassada ou introjetada nas crianças, estando sob uma dinâmica histórica. Assim pode-se entender que a cultura é dinâmica, reelaborando-se a cada instante.

Na linha de pensamento citada acima pelas autoras, compreende-se que tanto a criança tratada como adulto, quanto a criança é submetida aos valores do seu ‘grupo primário’ ou grupo de pertença, não explicitam as características próprias da infância, mas, sim, a forma de educar adotada em cada sociedade. A criança não é um ser sem significância, mas alguém com imenso potencial, um sujeito que, a princípio, dará continuidade de forma dinâmica à sua cultura, afirma Cohn (2005).

As prescrições, as coerções e os saberes fortalecem as relações culturais do grupo dando-lhe distinção étnica. Silva (1988) ao explicar as diferenças de vivências e significados entre os povos, explica “que toda cultura é um código simbólico construído socialmente (pelos grupos sociais - pelas pessoas reunidas em sociedades), compartilhado por todos os membros do grupo social que a construiu; [...] (p. 7)”. Nesse sentido, a identidade cultural não é uma realidade parada, é fonte de sentido e construção da realidade. A criança, fazendo parte dessa realidade, vai assimilando a cosmologia do seu grupo, conduzida por quem tem o poder de orientá-la, seja o grupo ou o responsável por ela.

³ Percepção dos adultos Terena sobre a Socialização das Crianças de 0 a 6 anos da aldeia Tereré de Sidrolândia - MS. (OLIVEIRA, 2007, p.61)

⁴ Reflexões Teóricas sobre Identidade Étnica. (DOPP e VINHA, 2007) Anais do “16º COLE/UNICAMP.

Para a pesquisa sobre a criança indígena Kadiwéu foram buscados dados em bases teóricas com recorte tanto para a criança indígena Mbayá-Gaicuru tronco de origem do povo Kadiwéu, quanto entre os atuais Kadiwéu na busca de compreender a relação entre as técnicas do nascimento, o modo de criar e alimentar e as diferentes formas de educar os meninos e as meninas até o período imediatamente antes dos ritos pubertários.

Foi organizado um levantamento bibliográfico sobre a criança Mbayá-Gaicuru e Kadiwéu, quais sejam: (a) literatura específica sobre os Kadiwéu escrita pelo missionário Padre José Sánchez Labrador (1910), que viveu entre esse grupo étnico, no período de 1770 e 1776; (b) relatórios deixados pelos militares, Francisco Rodrigues do Prado, que esteve entre o grupo em 1795, parte de sua monografia foi publicada em 1951, e Ricardo Franco de Almeida Serra que esteve na região ocupada por esse grupo em 1803, tendo seu relatório publicado em 1866; (c) o viajante Guido Boggiani, artista italiano que esteve por duas vezes entre o grupo nos períodos de 1892 e 1897, tendo seu material publicado em 1895 e d) o Historiador Emilio Rivasseau, que permaneceu por um período de quinze dias entre os Kadiwéu.

A etnografia Kadiwéu foi buscada em pesquisadores como Claude Lévi-Strauss (1955), Darcy Ribeiro (1948), Jaime Garcia Siqueira Júnior (1993), Mônica Thereza Soares Pechincha (1994), Lisiane Koller Lecznieski (2005), e Carmem Junqueira (2002). As diferentes especificidades Kadiwéu terão como literatura de fundo, Marina Vinha (1999; 2004).

Os autores da literatura usada para a compreensão dos conceitos de cultura, identidade, diferença e desenvolvimento humano foram selecionados, sendo adotado: Barth (2000); Bhabha (1998); Hall (2006); Fleuri (2003) e Tomaz Tadeu da Silva (2003), Bárbara Rogoff (2005); Gallahue e Ozmun (2003) e Marcel Mauss (2003).

Para a compreensão da criança os autores selecionados foram: Philippe Áries (1981); Clarice Cohn (2005); Aracy Lopes da Silva (1988; 2002) Adir Casaro Nascimento (2004); Maria Beatriz Rocha Ferreira (2005) e Bartome Meliá (1978), por abordarem a apropriação dos saberes e autoria de pensamento da criança. Outros autores, citados no entremeio dos temas desenvolvidos contribuíram para o aprofundamento das reflexões.

A pesquisa é de caráter predominantemente qualitativo, com reflexões que entrecruzem dados bibliográficos e dados empíricos - estes obtidos em levantamento com mulheres adultas Kadiwéu, habitantes na periferia de Campo Grande/MS e cidades vizinhas, mas mantendo suas moradias e demais familiares em uma das aldeias.

O percurso da investigação teve início com uma ‘pesquisa exploratória’ ocorrida em meados de 2007, quando foi realizada uma visita à Aldeia Urbana Água Bonita, localizada no município de Campo Grande, com o objetivo de oficializar um contato com o primeiro elo⁵ para chegarmos às demais entrevistadas. Em 2008, após a aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética/UCDB, dei continuidade à pesquisa, finalizando-a em 2009. A adoção dos nomes fictícios ocorreu com o objetivo de não expor as mulheres, embora tenham assinado os ‘termos de consentimento livre e esclarecido’. Desse modo, os sujeitos da pesquisa, receberam nomes fictícios de planetas da Constelação Solar: senhora Sol, senhora Mercúrio, senhora Vênus e senhora Terra. No decorrer da pesquisa de campo, outras duas mulheres participaram momentaneamente, mas de forma muito significativa e forma denominadas de senhora Marte e senhora Plutão. Houve a contribuição também de um homem, marido da senhora Marte, que prestou esclarecimentos sobre a criança Kadiwéu contemporânea criada na cidade.

A visita às mulheres indígenas dividiu-se em duas etapas: o primeiro contato foi da pesquisadora feita por telefone agendando as visitas para conhecimento das senhoras, e sempre fui acompanhada de uma pessoa mulher e da mesma etnia, com domínio na língua Kadiwéu; o segundo momento constitui-se de duas fases, uma para efetivação da entrevista com as senhoras e outra para a devolução desta por escrito.

O tipo da investigação não é invasivo fisicamente, não envolvendo manipulações que atentassem contra os sujeitos da pesquisa ou contra os valores Kadiwéu de modo geral.

Com relação à possibilidade de risco atuais no sentido de haver algum desrespeito ao modo de vida e aos valores dos sujeitos pesquisados. A pesquisa fundamentou-se nas normas explícitas na Resolução nº. 304/2000, Resolução nº. 196/1996, e Portaria nº. 177/PRES/2006 e tendo o projeto de pesquisa aprovado pelo “Comitê de Ética” da Universidade Dom Bosco, Protocolo nº. 063/2008B, aprovado em 02 de outubro de 2008, conforme anexo.

Lüdke e André (1986) afirmam que há uma interação entre os dados reais e as suas possíveis explicações teóricas, o que permite que se organize um quadro teórico para que o objeto de estudo possa ser compreendido. Nesse sentido, os procedimentos adotados para a obtenção dos dados tiveram os passos aqui explicitados:

⁵ Termo adotado por Meihy (1991, *apud* VINHA, 2004) para designar a rede formada por indicações do próprio grupo étnico.

a) Organização do referencial teórico, vindo de fontes bibliográficas, segundo períodos históricos dos Séculos XVIII e XXI que destacaram a criança em diferentes contextos, em fontes cujos autores tratam da especificidade Mbayá-Gaicuru e Kadiwéu.

b) Definir os conceitos de criança, infância indígena, tradição, ‘jeitos’ de ser, ensinar e aprender, dentre outros.

c) Agendar com os sujeitos da pesquisa indicados pela senhora Sol, data e hora para ir a suas residências;

A entrevista semi-estruturada consistiu em uma conversa intencional, utilizada para colher dados descritivos sobre a maneira de ser Kadiwéu. Dessa maneira, “[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”, afirmam Lüdke e André (1986, p. 33).

O ‘eixo norteador’ da entrevista tem como referência as seguintes questões: a gestação da mulher Kadiwéu período da gravidez, parto, resguardo, os cuidados no desenvolvimento da criança, com os “jeitos” de amamentar, de banhar, de alimentar, de cuidar, de dormir, os primeiros dentes e as diferenças na criação do menino e da menina.

d) Essas entrevistas foram primeiramente gravadas em *audio-tape*. O segundo procedimento digitar as falas gravadas conforme dito no original. No terceiro momento foram selecionados os relatos que explicitaram as questões em estudo, conforme os objetivos da pesquisa. O quarto momento, os recortes citados no original receberam tratamento adequado, ou seja, a oralidade foi transformada em texto para adequá-lo às normas acadêmicas, respeitando as construções das frases conforme a lógica da língua Kadiwéu.

e) Cada sujeito da pesquisa foi entrevistado uma vez, podendo ser entrevistado pela segunda vez apenas em caso de dúvidas, após a digitação dos relatos orais, e

f) A sistematização dos dados, que possibilitaram uma compreensão reflexiva do objeto de estudo, seguiu os períodos históricos previamente determinados.

A presente dissertação está organizada em três capítulos, sendo que o Capítulo I trata das teorias sobre as características fundamentais do desenvolvimento da criança e sua infância, dos fatores identitários que compõe a cosmogonia do grupo primário. Da constituição da identidade atrelada ao modo de ser de cada povo e em particular dos Kadiwéu, conforme registros bibliográficos.

O Capítulo II é abordado com elementos da pedagogia Mbayá-Gaicuru e Kadiwéu em seu processo histórico desde Século XVIII até o Século XXI.

O Capítulo III aborda os saberes contemporâneos, estabelecendo-se um diálogo com a educação Kadiwéu na tradição e com influências vivenciadas com relações de contato

sob olhares das mulheres adultas. Os pontos de vista sobre as mudanças, a importância dos mais velhos para a revitalização da tradição e o fortalecimento da identidade Kadiwéu estão evidenciados e fortalecidos, bem como a compreensão dos saberes sobre a formação da criança, segundo olhares das mulheres adultas Kadiwéu da atualidade.

Nas considerações finais, são expostas as argumentações que procuram responder o objeto de estudo, os objetivos gerais e específicos. Foram elencados os autores da literatura que tratam de estudos exclusivamente sobre os Kadiwéu. Com relação aos objetivos do estudo, a criança em seus modos de nascer foi elucidada através da literatura e via relatos das mulheres Kadiwéu pesquisadas. Evidenciou-se o 'jeito' de conduzir a criança em sua formação como nos relatos das mulheres pesquisadas, quando informam que quando a mulher Kadiwéu está grávida se sente feliz. As crianças ao nascer são festejadas conforme a tradição. As crianças são cuidadas, os pais dão muito carinho, dão atenção e tudo que a criança deseja saber é explicado. Desse modo, estão evidenciados a formação e o jeito de conduzir a criança nos saberes da tradição Kadiwéu.

CAPÍTULO I - CRIANÇA E INFÂNCIA

1.1 Fatores de Identidade - Grupo Primário

Por muito tempo, a criança ficou relegada historicamente. Atualmente, a palavra criança, segundo Aurélio (2009) e Houaiss (2008), traduz o ser humano no início de seu desenvolvimento. Gallahue e Ozmun (2003) usam o termo ‘neonato’ para designar o recém-nascido até um mês de idade e usam o termo ‘bebê’ para designar o ser humano a partir do 2º mês de idade até o 18º mês. A partir do 18º mês até os 12 anos de idade os autores usam o termo ‘criança’.

A palavra ‘infância’ segundo Houaiss (2008), refere-se ao período que vai do nascimento até o 11º ano de vida de uma pessoa. Na sociedade ocidental, segundo Gallahue e Ozmun (2003), o termo ‘infância’ designa o período que vai do nascimento os 24 meses de ‘primeira infância’ e a partir dos 24 meses aos 10 anos de idade cronológica de ‘infância’. Esse período da ‘primeira infância e infância’ caracteriza-se por ser de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual crescimento da altura e do peso da criança, acompanhado pelo desenvolvimento social, intelectual, afetivo e motor.

Kramer (2006) entende ‘infância’ como um período da história de cada um. Segundo Rogoff (2005), ‘criança’ tem infância’ ou seja, um período em que o ser humano se desenvolve com graduais mudanças no comportamento e na aquisição das bases de sua personalidade. Nesse período ela vai explorar os movimentos e a capacidade de observar seu ambiente cultural com mais discernimento. Esse período é também o do início da formação da autonomia no grupo social a que pertence.

Desse modo, pode-se entender ‘criança e infância’ referindo-se aos seres humanos, envolvendo um conjunto de fatores com características próprias. Dentre elas a identidade “primária”, assim denominada por ser uma formação que vem do grupo primário,

construída intra-determinado grupo. O grupo primário é constituído de família e do grupo no qual o sujeito está inserido.

Em grupos indígenas as características físicas, o nome, a afiliação étnica ou religiosa, o ligam aos ancestrais de cada povo. As prescrições, as coerções, os saberes fortalecem as relações culturais do grupo, dando-lhe distinção e identidade étnica, segundo Poutignart (1998).

Um grupo social é constituído por, no mínimo, duas pessoas e/ou por um agregado de seres humanos. Em todas as formas existem relações específicas entre as pessoas que o formam, tanto quanto cada pessoa tem internalizado saberes do próprio grupo e seus símbolos. Um grupo tem, no mínimo, uma estrutura e organização composta por regras, ritos e “uma base psicológica na consciência de seus membros” (BOTTOMORE, 1996, p. 344). Os papéis da família são importantes no desenvolvimento e na vida da criança, bem como na comunidade, e diferem muito em todo o mundo.

Para que a criança tenha uma infância saudável é de suma importância a responsabilidade da família para com ela. Rogoff (2005) esclarece que os sistemas familiares com relação a quem toma conta da criança, e em quais circunstâncias, estão intimamente relacionados ao apoio proporcionado pelas conexões da comunidade e pela família ampliada. Cada família, em seu grupo social, insere em seus pequeninos, os modos, as atitudes, os valores, entre outros elementos de sua cultura, para que este de um modo peculiar faça a representatividade de seu grupo.

Para os indígenas, de um modo geral, o grupo ou sociedade constituem uma comunidade em função de todos. Segundo Junqueira (2002), é uma sociedade que define suas prioridades de maneira distinta da ocidental, onde as tarefas de produção são conduzidas num ritmo que se harmoniza com outros valores sociais.

Rogoff (2005) esclarece que em todo o mundo a educação das crianças envolve suas famílias, seus bairros e suas comunidades em diversos papéis e responsabilidades. O desenvolvimento da criança sob a ótica cultural, segundo a autora, entende que, comunidades distintas, podem esperar que as crianças desenvolvam atividades em momentos muito diferentes durante a infância. Como exemplo, citou: uma comunidade pode se surpreender com os calendários, enquanto outras podem apreciá-los ou considerá-los perigosos.

Segundo Junqueira (2002), grupos indígenas ou comunidades indígenas são caracterizados pela qualidade das relações. Os contatos que mantêm entre si são mais próximos, há ajuda mútua, mesmo havendo confrontos de opinião e outras tensões. O que seguramente os distingue das demais sociedades é o fato de que, apesar das eventuais

desavenças e além das questões pessoais, todos se acham envolvidos na defesa de sua identidade étnica como povo e na preservação do patrimônio cultural comum.

Barth (2000) afirma que a etnicidade é uma das características relevantes dos seres humanos, sendo bastante diferente das características constitutivas de raça e de classe social. Desse modo, os fatores que participam da formação da identidade vêm predominantemente do grupo primário, sendo marcante para a criança no período de vida de sua infância.

1.2 Breve Histórico sobre Criança e Infância no Ocidente

Segundo Cohn (2005), por um tempo as teorias sobre o ser humano consideraram a criança na sociedade ocidental uma ‘tábua rasa’. Mesmo a criança e a família tendo conquistado um espaço social nas teorias ao longo dos séculos, a criança era pouco conhecida e compreendida.

Ariès (1978) ao buscar a história da criança ocidental observou que os estudos a tratavam de forma ambivalente. Ao mesmo tempo em que era tratada como ingênua e inocente, era também tratada como um ser imperfeito e incompleto.

Cohn (2005, p.21), ao discutir a infância, considera que é um estudo recente, “porque a infância é um modo particular, e não universal, de pensar da criança”. Ao fazer essa asserção, a autora nos leva a pensar que o mundo particular infantil constitui-se das vivências da criança em seu ambiente, bem como nos modos particulares de ver, agir e sentir do seu grupo de pertencimento. Segundo a autora (2005, p. 28) devemos “entender que, onde quer que esteja ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, e com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações”.

Nesse sentido, Rogoff (2005) ratifica que as práticas culturais em torno do cuidado de crianças são herdadas durante gerações e revisadas pelas novas gerações, sob idéias e circunstâncias renovadas. São esses modos particulares e culturais compreendidos neste estudo como ‘pedagogias’, por entender segundo Freire (2008), que a palavra é derivada do grego *pai* (criança) e *ago* (conduzir), significando ‘conduzir a criança’.

A pedagogia ocidental tratava a criança, em um determinado período histórico, conforme Ariès (1978), como adulto. Quando chegavam a sobreviver, ultrapassando esses primeiros períodos da vida, não ficavam com sua família, eram conduzidas em suas aprendizagens por outras pessoas. Esse processo histórico de sair do convívio da mãe ou

cuidadora e ir conviver com adultos, por vezes desconhecidos, a deixavam em uma situação indefesa, nada podendo fazer.

A criança valia pouco. Isso justificava o fato às mães de classe mais abastadas aceitarem o afastamento de seus filhos, entregando-os às amas de leite, que só as devolvia mais tarde à sua família biológica. Essa restrição ao afeto familiar era defendida, pois se temia pelo caráter da criança, cuja índole de nascença poderia tender para o ‘mau caminho’. Por sua alegria natural e seu riso. Nesse sentido, vêm de tempos passados alguns ditos populares, que diziam ‘muito riso pouco ciso’, dito em situações nas quais se considerava a alegria uma insanidade. Durante a idade média, afirmam Petta e Ojeda (1999, p.54), a alegria, o prazer, o riso era associado às forças inferiores, tanto do ser humano como do mundo sobrenatural.

Embora outros autores tenham registrado que a preocupação com a criança existia anteriormente, Ariès (1978) se reportou para a idade média para explicar que a partir desse período é que teve início a um sentimento voltado para a infância. Contudo, afirmou não querer dizer que as crianças fossem abandonadas, negligenciadas ou desprezadas, mas a preocupação com essa parte da vida era pouco significativa. A idade média foi uma época de demonstração de preocupação com a criança.

Naquele período, a interrupção da gravidez era permitida, aceita como natural e praticada largamente entre as classes mais abastadas. Já nas classes menos abastadas, a criança era muito significativa como aumento da mão-de-obra. Para Falcão (1996), o Estado e a Igreja ignoravam as práticas de interrupção da gravidez, assim como os maus tratos às mulheres e crianças, pois eram considerados seres inferiores. Em ambas as classes sociais preservavam-se os filhos do sexo masculino, mantenedores dos nomes das famílias.

O processo de mudanças conceituais sobre a criança teve início na França, influenciando toda a Europa. Dessa maneira, seus modos de falar, as boas maneiras, o *status* diferenciador das camadas sociais, inspirou quase toda a sociedade ocidental. Para Ariès (1978), a escola substituiu a aprendizagem familiar e do grupo primário, separando a criança do convívio direto dos adultos. A pedagogia caracterizava-se como ramo da teologia. A criança representava o ‘mal’ e acreditava-se que nascia com o ‘demônio no corpo’. Os adultos, ao se referirem às suas peculiaridades, diziam ser o ‘capeta em forma de gente’. O cotidiano das crianças ficava nas mãos das mulheres de classe economicamente baixa. Morriam crianças em grandes quantidades, e o argumento era de que ‘Deus as levava’.

Segundo o autor (1978), houve um movimento de chamada à razão, primeira abordagem promovida pelas reformas católicas e protestantes. A segunda abordagem seria a mudança da família, que se tornou mais afetiva, tanto entre cônjugues, quanto entre pais e

filhos. Nesse contexto, no período em que a criança saía do seio familiar constatou-se que somente um nome era dado a ela, o que trazia muitas confusões. Foi necessária a inserção de um segundo nome.

Esse acréscimo poderia ser o nome de um lugar, ou de plantas da região, dentre outros. Com o passar do tempo, acrescentou-se o caráter numérico, ou seja, a data de nascimento para identificar as pessoas assim que nascessem.

Desse modo, Ariès (1978, p. 30) destacou que o nome pessoal pertence à fantasia, o sobrenome pertence ao mundo da tradição e a idade, com uma precisão quase de horas, era produto do mundo que se organizava. O que era um hábito de registrar o nome foi se aprimorando até se constituir na identidade do 'eu'. Parte de nossa identidade está registrada em documento interligando esses três elementos. A partir do século XVI Ariès (1978, p. 36) supõe que a noção de idade tenha se firmado, associando idade com mudanças corporais:

[...] A primeira idade é a infância que planta os dentes, essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos. E nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes, como diziam Isidoro e Constantino. Após a infância, vem a segunda idade [...].

As mudanças trouxeram também a necessidade de se criar uma vestimenta para a criança. Ariès (1978) explica que isso foi mudando ao longo do tempo, principalmente nas camadas abastada e principalmente relacionada ao menino. Muito embora a educação tenha se voltado para as crianças, a menina recebeu pouca importância. A criança teria um traje especial, particular e diferenciado. Vale ressaltar que os meninos, em seus modos de trajar não se distinguiram da menina até os cinco anos. Em 1770, aproximadamente, os meninos, aos quatro anos, deixavam de usar a camisola.

Dentro desse enfoque, faltava também um vocabulário para designar a criança. Segundo o autor, foram inseridas no vocabulário francês palavras de origem latina para distingui-la *pueri* e *adolescentes*. Conheciam a palavra *enfant* (criança), *petit* (pequeno) a qual adquiriu sentido especial no fim do século XVI e designava os alunos das 'pequenas escolas'.

Assim, esse breve histórico localiza o lugar da criança ocidental do nascimento até o período em que os dentes estavam firmes e como as plantas, animais e outros objetos foram adotados para identificá-los.

1.3 Criança no Mundo Atual

A criança na atualidade, encontra-se em um momento de fertilidade de conhecimento em que há um vislumbre para os diversos saberes. Contudo, nessa complexidade de relações entre diversos conhecimentos, valores e culturas e a compreensão de ser criança atravessa um momento delicado.

Diferente do trabalho doméstico e o trabalho na roça familiar, principalmente em sociedades coletivas, atualmente há um abuso da mão-de-obra infantil. Esse trabalho de exploração é difundido no mundo, sendo frequentemente comentado pelos meios de comunicação. No Brasil, dados estatísticos apontam os pais biológicos como os maiores responsáveis desse tipo de exploração e por agressões de toda ordem cometidas contra a criança

Por outro lado, os meios de comunicação têm demonstrado o desrespeito à criança, principalmente à menina. As agressões sofridas tanto pelas meninas e pelos meninos, são de ordem moral, física, psicológica e sexual, acontecem nos ambientes mais diversos, não diferenciando classes sociais. Esses abusos são também praticados além da casa, instituições colocando as crianças em situações de risco, inclusive o tráfico e a pornografia, dentre outras espécies de situações violentas, são também amplamente divulgados na mídia.

Moura *et al* (2008, p. 4), aponta que o primeiro passo é identificar as complexas situações de violência ou potencialmente geradoras de violência, por outro lado Day *et al* (2003) apontam quatro formas de violência doméstica intrafamiliar: física psicológica negligência e sexual. As autoras esclarecem que esse problema é histórico no Brasil e no mundo. Esse histórico se confunde com os 'direitos da criança e do adolescente'. Segundo as autoras até o final do Século XIX e início do Século XX a criança era vista como 'instrumento de poder e domínio exclusivo da igreja'. Contudo, posteriormente com a medicina, a psiquiatria e a pedagogia contribuíram para a formação de uma nova mentalidade, abrindo assim, espaços para uma concepção de educação, baseadas não somente nas concepções religiosas, mas sobretudo nas científicas.

Desse modo, tanto a ciência quanto os meios de comunicação da contemporaneidade divulgam, mostrando que o aparente amor e a dedicação de pais biológicos ou não podem esconder situações de violência. A violência contra a criança está presente em todos os grupos sociais e em todas as classes sociais.

Reflexões sobre violência envolvendo crianças nas sociedades indígenas foram publicadas por Liegbott (2009), através de estudos de uma organização não governamental alertam para o alto índice de violência contra a criança e o jovem indígena. As agressões vão desde a falta de assistência à saúde, a falta de assistência diferenciada à educação, a desnutrição e a violência sexual.

A falta de assistência à saúde das crianças indígenas é revertida em doenças como diarreia, vômito, pneumonia, que conseqüentemente leva as crianças a óbito. Conforme a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), dados significativos da mortalidade infantil alertam para uma ação mais urgente. Dados de 2009 indicam que mais de 18 crianças morreram na aldeia dos indígenas Guarani-Kaiowa, no Mato Grosso do Sul. Para Liegbott (2009), uma explicação viria de políticas governamentais paliativas, submetidas aos interesses econômicos e considerando muito pouco os interesses sócio-culturais.

Segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 2009, há dados sobre violações dos direitos dos povos indígenas. Diversos itens desse relatório publicado pelo (CIMI) incluem violências que atingem crianças e jovens nos casos de tentativas de assassinatos, violência sexual, suicídios, desassistência à educação escolar, mortes por desnutrição e mortalidade infantil.

Por isso, a preocupação com a criança indígena e com as crianças de um modo geral, se ignoradas gerarão conseqüências irreparáveis a construção de ambientes salubres para a formação das crianças.

1.4 Pedagogia nas Tradições Indígenas

Conforme Junqueira (2002, p. 14), entre indígenas de um modo geral a criança, ao nascer recebe o nome de tradição do grupo e/ou da família de pertencimento. Os padrões de comportamento, as instituições, os valores materiais e espirituais que constituem o conjunto de símbolos de um povo são a sua cultura.

Nas culturas indígenas, de um modo geral, as crianças não são classificadas por idade. Quando são encontrados dados destacando a idade, geralmente se sabe que isso seria para a sistematização de estudos cujo objetivo é compreender melhor esse mundo complexo do viver indígena. Várias sociedades diferem em seus modos de viver e fazer, mas quanto à criança, parecem assemelhar-se. Cada uma delas desenvolve, todavia, suas próprias idéias de concepção de vida e formas de educar.

Silva (1988) explica que, nas comunidades indígenas, aos quatro ou cinco anos a criança já se arrisca um pouco, formando grupinhos com crianças da mesma idade. Esses grupos vão ser importantes ao longo de sua infância, mas o que mais importa é a afinidade criada pela idade.

Para Gallois (2006), o que se denomina hoje povos indígenas são sociedades que optaram por uma formação sócio-política na qual a existência de um poder centralizado e hierarquizado foi descartado. Na contemporaneidade, eles continuam na luta, mesmo inseridos em estados nacionais e sob diversas orientações políticas.

Para a maior compreensão do processo de educação, Meliá (1979) esclarece sobre a educação indígena, explicando que ela se aproxima da noção de educação como um processo totalizante na formação da pessoa. A cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. Os grupos indígenas possuem modelos diferentes de aprender, razão por que Meliá denomina de ‘sistema educativo indígena’, ou neste estudo entendido como ‘educação na tradição indígena’.

Meliá (1979, p.13) destacou duas categorias de aprendizagem: uma refere-se às “condições dentro das quais se processa a educação do índio, ou seja, o ciclo da vida, com separação nítida entre o homem e mulher”; e a segunda “refere ao que se pode considerar os aspectos fundamentais de uma cultura”.

Nesse sentido, Meliá (1979, p. 14) categorizou a primeira infância como sendo aquela que frequentemente vai do nascimento até a idade de andar e funda-se na linguagem, para o menino ou menina, caracterizada pela educação de hábitos motores e um estreito relacionamento com a mãe. A segunda infância está representada por duas etapas distintas “a imitação da vida do adulto pelo jogo e a imitação pelo trabalho participado”. Esses dois processos continuados e simultâneos são fundamentais na estruturação da identidade como sujeito do grupo.

Junqueira (2002, p. 8) afirma que entre os Kamayurá, no Alto Xingu, “durante o primeiro ou o segundo ano de vida, a criança permanece estritamente ligada à mãe, recebendo todas as atenções, à medida que amadurece, o mundo da aldeia desperta sua atenção e, finalmente, ela decide participar das brincadeiras junto às outras crianças”. Desse modo, a criança vai guardando na memória essas práticas lúdicas, plenas de afetividades no seu grupo.

Cohn (2005, p. 9) afirma que, “por isso não podemos falar de criança de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que ocupam na sociedade [...]”. É necessário entender e respeitar o lugar, o tempo e o processo histórico de cada povo, como fatores indispensáveis para sua cultura e sobrevivência étnica.

Junqueira (2002p. 15) explica que “a partir da experiência de cada povo, de cada sociedade florescem culturas próprias e a criatividade imprimiu rica diversidade aos estilos de vida da humanidade”. Embora tenhamos uma herança genética familiar, no contexto social somos preparados para a vida de modos diferentes, com procedimentos pedagógicos que conduzem a criança conforme a sociedade em que está inserida.

CAPÍTULO II - CRIANÇA MBAYÁ-GUAICURU - SÉCULOS XVIII A XXI

2.1 Criança Mbayá-Guaicuru - Séculos XVIII e XXI

Inspirada em Cohn (2005), ao afirmar que é preciso conhecer o povo indígena para compreender criança e infância, percorro a trajetória dos Kadiwéu, em registros de seu tronco de origem, os Mbayá-Guaicuru. Ao anunciarmos a temática pedagogia Kadiwéu sob olhares de mulheres Kadiwéu adultas foram buscados registros históricos que tratassem da criança em contextos dos Mbayá. O enfoque sobre o lugar que a criança ocupou ao longo da história dos Kadiwéu permitiu formar um retrato dessa criança, fundamentado nos autores do século XVIII ao século XXI, tratados nos próximos ítems. Esses olhares estiveram presentes em um viés histórico vindo do colonizador.

2.1.1 José Sánchez Labrador - 1770

O modo de ser étnico dos Mbayá-Guaicuru, nos registros deixados por este autor foi tratado conforme seus entendimentos e olhares daquele período. O uso de determinada folhagem para tecer esteiras foi um dos motivos que denominou esse povo, pois o nome *Mbayá*, que é da língua guarani, significa ‘esteira’. Um dos subgrupos do tronco Mbayá, os Mbayá-Guaicuru, deu origem aos atuais Kadiwéu (SÁNCHEZ LABRADOR, 1910, p. XIV e 59).

Os Mbayá-Guaicuru viviam em uma grande amplitude de terras e eram temidos por outras nações indígenas. Estavam divididos em parcialidades, habitando as margens ocidentais e orientais do rio Paraguai. O estilo de vida, a organização política e o acesso à distribuição de poder eram culturalmente definidos e refletiam a estratificação social do

grupo. A língua, os elementos da estrutura social e os diferentes *status* sociais ajudam a compreender o lugar criança. Desse modo, quando Sánchez Labrador (1910), relatou que:

Os capitães de sangue são em primeiro lugar os caciques, de uma linhagem da parcialidade, sendo o *Niniotagieliodi*, ou grande capitão, e o senhor dos outros. Em segundo lugar os capitães de sangue são todos descendentes e parentes do cacique, em ambos os sexos [...] Os capitães de segunda classe são todos aqueles que no nascimento de algum filho do cacique receberam no berço esse título. (p.62).

O registro do autor explica que a criança, desde o nascimento, sendo filho de cacique, tinha *status* social diferenciado. O título de capitão era recebido quando uma criança nascesse na mesma época do filho do cacique, ou quando a criança era adotada para ser filho do cacique. Hoje o detentor de saberes e de liderança está na figura do ‘filho querido’.

A organização política desse grupo, naquele período, estava assim estabelecida: (a) os capitães eram todos descendentes do cacique, descendência transmitida em qualquer linha ou grau e sexo; os ‘cativos’⁶ vinham das capturas; (b) a criança, filho (a) do capitão, ao nascer era já reconhecida como chefe, recebia honrarias de cacique e era reconhecida pelo grupo como senhor legítimo; (c) quando o chefe não tinha filhos, passava para o irmão a sucessão; (d) quando o título de chefe era recebido como um ‘favor’, o capitão permanecia com *status* de cativo, sujeito ao seu senhor, e (e) cada ‘cacicato’⁷ tinha um regulamento próprio, independente dos outros, e fronteiras fixas, mas se uniam para resolver coisas de seus interesses.

Esse modo de se organizar contava com uma população estimada pelo autor entre 7.000 a 8.000 membros. Naquele período, nesse tipo de organização, o lugar da criança Kadiwéu era estabelecido por um *status* social definido, afirmando qual a sua importância nesse grupo.

Buscando referências sobre técnicas do nascimento e da obstetrícia, observamos que não há menção sobre essas temáticas na literatura de Sánchez Labrador. Foi encontrado que as mulheres Mbayá, solteiras ou casadas, ao se sentirem grávidas, tinham a opção de interromper a gravidez. Contudo, não há detalhamento sobre a questão das formas de interromper a gravidez ou procedimentos de nascimento. Uma forma de constituição dessa sociedade, eram as ‘guerras de capturas’, movidas por relações com outros grupos, sob

⁶ Pessoas, podendo ser jovens, adultos ou crianças, que foram inseridas ao grupo, através das ‘guerras de capturas’.

⁷ Conjuntos de moradias estabelecidas nas duas margens do rio Paraguai, naquele período estavam organizados por duas, três ou quatro grupos, cada uma delas tinha um cacique.

constantes tensões. Eram desses confrontos que os Mbayá-Gaicuru traziam crianças, jovens e adultos para constituírem sua sociedade, explicou o autor.

Conforme a narrativa do autor, para as ‘guerras de capturas’ havia a explicação de um dos mitos Kadiwéu que foi discutido pelo missionário, nessa versão, o ‘caracará’, que é a ave representativa da cultura Kadiwéu, explica o comportamento do guerreiro, autorizando-o a trazer filhos de outros grupos para criar. Simbolicamente, o guerreiro Kadiwéu traria a criança, ‘parindo-a’ no seu grupo.

Se, naquela época, os Mbayá-Gaicuru tinham poucos filhos de sangue, como citado, um filho do sexo masculino, poderia vir através do ato da captura. A criança ‘capturada’ era incorporada à família e adaptada em seu sistema familiar, podendo tornar-se o sucessor daquela família, interpretou Pechincha (1994) ao estudar Sánchez Labrador. Nesse contexto, pode-se inferir que algumas crianças, tanto aquelas nascidas/vindas das ‘guerras de captura’ quanto às nascidas dos casais indígenas Mbayá-Gaicuru, ocupavam um lugar social e político dentro dessa organização, principalmente as do sexo masculino.

Sánchez Labrador (1910) registrou alguns ‘modos’ de criar e de alimentar as crianças. Qualquer mulher adulta, mesmo em idade relativamente avançada, podia amamentar a criança. O autor registrou que vira crianças ainda pequenas comendo caça, pesca, frutas e raízes do mato, conforme o alimento adulto. Desse modo, pode-se inferir que, tão logo ela deixasse de mamar já era introduzida na alimentação adulta adotada em sua comunidade de pertencimento.

Para argumentar sobre as ‘diferenças’ na criação da menina e do menino, buscou-se ‘festas’, por se entender os momentos festivos, segundo Gallois (2006, p.11), como “reunião coletiva durante a qual eventos importantes para uma comunidade cultural são proclamados, celebrados, comemorados ou valorizados por meios diversos e habitualmente acompanhados de danças, música e outras manifestações”.

Elas contribuíam, para que a forma de educar na tradição fosse designando e afirmando o ‘modo de ser menino’ e o ‘modo de ser cultural’ são proclamados, celebrados, comemorados ou valorizados por meios diversos e habitualmente acompanhados de danças, música e outras manifestações contribuíam para que a forma de educar na tradição fosse designando o ‘modo de ser menino’ e o ‘modo de ser menina’. As festas, portanto são espaços em que a pedagogia Kadiwéu pode ser compreendida.

Sánchez Labrador registrou algumas festas direcionadas às crianças do sexo masculino, as quais tinham o objetivo de prepará-las para serem guerreiros. Com esses

objetivos, foram encontradas a ‘festa do nascimento do filho do cacique’; ‘a festa dos meninos’; a ‘festa da caça’, e da ‘festa da corrida’.

A ‘festa do nascimento do filho do cacique’ era feita quando a criança recebia o nome étnico hierarquizado e o título de ‘capitãozinho’, grau honroso que a inscrevia em um mundo previamente organizado. Desse modo, a criança era recebida com honrarias durante três dias ou mais. Esse caso era somente para a criança do sexo masculino, para dar continuidade no ‘modo de ser guerreiro’.

Nas festas, as crianças com menos idade podiam participar de algumas atividades dos adultos, pois nesse período elas observavam com interesse os procedimentos dos adultos. Aparentando 12 anos ou mais, na transição de criança para adulto, já estavam autorizados pela educação na tradição, a ajudarem tocando flauta ou tambor, explicou Sánchez Labrador.

Os meninos participavam da ‘festa da caça’, a qual consistia em correr atrás de um cervo⁸ até irritá-lo o suficiente para atacar o perseguidor. O animal se lançava de encontro ao cavalo, fazendo de seus galhos uma arma, o que facilitava sua captura pelo cavaleiro. Os caçadores retornavam para a aldeia levando a caça e nesse ambiente de festa as crianças participavam recebendo os caçadores com alegria e aos gritos - *Napicagale!* (sim, é um cervo). Embora o missionário tenha relatado uma situação de festa, ela não era para todos, porque a caça era repartida com as pessoas que viviam no mesmo toldo de pertencimento do caçador. Os demais esperavam ter sorte em outra caçada.

A ‘festa da corrida’ era aquela em que as crianças podiam mostrar suas habilidades e suas forças físicas, resistência e coragem, pois era uma prova de valor que servia de exemplo. Isso significava uma preparação para a vida adulta. Essa ‘transição’ era efetivada com a ‘festa dos rapazes’ ou ‘ensaio para ser homem’; específica para os jovens, preparando-os para a entrada no mundo adulto.

Sánchez Labrador (1910) explicou que naquele período os meninos faziam o seguinte ritual: pintavam-se de cores como o vermelho e o branco. Vestiam-se com esmero, ostentando plumas, contas e metais se tivessem. Preparavam os tambores, tocavam e cantavam a noite toda e o dia seguinte, até que o sol se escondesse. Antes que o sol se escondesse, o Pajé, utilizando ossos, fazia punções em várias partes de seu corpo, inclusive nas partes íntimas. O menino, ao ser submetido a essa sangria, ou punções, observava escorrer seu sangue com serenidade. Dessa forma, o Pajé deixava seu corpo marcado, apto para

⁸ *Blastocerus Dichotomus* - espécie de cervo do pantanal que se encontra em extinção (NUNES, 2007).

pertencer ao grupo dos homens. As crianças pequeninhas participavam, mas somente como brincadeira e observação.

A educação na tradição Mbayá-Gaicuru era realizada também por meio de outras atividades, como as 'brincadeiras'. O 'jogo das argolas', o 'jogo da peteca' e o 'jogo dos galhos' eram comuns aos meninos e meninas e a todos. Outros jogos foram destacados pelo missionário, por envolverem adultos e crianças.

O 'jogo de argolas' era coletivo, mas se jogava individualmente e a meninas quantos os meninos participavam, se resumindo em roda. Esse jogo consistia em fazer de cinquenta a sessenta argolas da casca dura da cabaça e no meio dos quais se passava um cordão e uma vara.

A habilidade consistia em enfiar todas as argolas na vara enquanto estavam no ar. Quem conseguisse realizar isso, ganhava. O 'jogo de escopeta' era destinado às crianças pequenas, do sexo masculino. Consistia em fazer funcionar um instrumento que imitava uma arma de fogo (SÁNCHEZ LABRADOR, 1910).

O 'jogo de soco' era praticado por meninos, jovens e adultos do sexo masculino. As meninas participavam, nos mesmos moldes do jogo dos meninos, ou seja, se socavam até uma se considerar vencedora, mas com mais cuidado. Essas demonstrações eram para comemorar a importância que alguma criança, ao nascer, representava para os Mbayá-Gaicuru/Kadiwéu.

Lutavam uns com os outros, exercitando suas forças, afirma o autor. O jogo '*chueca*', consistia em dividir um grupo de meninos e jovens rebater uma bola com um bastão, de um lado para outro. Esse jogo era feito também quando o filho de algum cacique nascia, simbolizando felicidade e alegria.

Jogavam 'peteca', eles mesmos confeccionavam esse instrumento. De um modo simbólico, as meninas imitavam 'o jogo dos bois', quando uma delas pegava os chifres dos cervos, as outras faziam a sucessão, fazendo grande algazarra. Esse jogo se praticava também no nascimento do filho de um cacique.

O relato desses jogos que eram praticados pelas crianças, nos leva a inferir que as comemorações, as festividades e jogos estão sempre marcados e relacionados ao tempo cosmológico em cada grupo. Para eles, a participação ativa da criança na vida social, interagindo e construindo sentidos em sua vivência, era um modo de como concebiam o aprendizado da criança.

Com relação à criação da menina, Sánchez Labrador destacou que, desde tenra idade elas eram cobertas com mantas. Não se apresentavam desnudas. A 'festa da moça', os

Mbayá-Guaicuru comemoravam a entrada da menina na menarca, o objetivo era preparar a jovem para o casamento.

Além disso, elas eram exímias tatuadoras, tinham preocupação com a beleza do corpo e das crianças, o que as levava a criar um modo ou 'estilo' no corte de cabelo. Nos adultos, cortavam até a raiz do cabelo e, com as crianças, havia certa moderação, como explica o autor:

Nas crianças em cada fase tinha uma forma de ser cortado o cabelo, desde pequenos. Deixavam o cabelo das crianças comprido até os cinco anos de idade. Contudo nesse tempo os cabelos eram divididos e cortados para fazer caminhos, para poder dividir em pequenas asas ou mechas, dos lados e por cima deixavam mais compridos, de maneira que caísse até os ombros (p. 247).

Esse 'estilo' seria tanto para as meninas quanto para os meninos. Dessa maneira, não era possível distinguí-los pelo corte de cabelo, mas finalizando o tempo de ser criança, mudavam o corte dos cabelos. Pintavam os cabelos com tinta vermelha, às vezes enfeitavam as crianças com uma rede na cabeça, feita com fios coloridos, miçangas de vidros pequenos, com cores brancas, amarelas e negras, formando flores e laços. Costuravam a rede com um ferro feito de latão bem fino, estreito e flexível. Faziam esses enfeites em volta de toda a rede, deixando-a brilhante, de maneira que ficava muito bonita, uma bela arte. As crianças ficavam lindas, afirmou o autor.

As meninas passavam para a 'crista das mulheres'⁹, ou seja, cortavam o cabelo das meninas rente à raiz, deixando o topete que saía desde a frente, fazendo uma meia-lua, chegando até a coroa da cabeça. Mostravam muita habilidade ao pegarem com dois dedos de largura, os cabelos para cortar o topete. Quanto maior e mais alto mais bonito ficava. Todas as meias-luas tinham que ficar iguais, e o cabelo, bem liso. Feito isso, pintavam o cabelo com tinta vermelha. Desde criança, pintavam o rosto com tinta preta, até aproximadamente sete anos. A introdução desses 'modos' de cortar e usar os cabelos nas crianças, tanto para os meninos quanto para as meninas, assim como a pintura preta do rosto até os sete anos, era um meio de não distingui-los.

Com relação aos 'jeitos' de sentar, Sanchez Labrador deixou registrado que os pais ensinavam desde cedo a cuidarem de seus corpos, tendo boas maneiras. Eram refinados em seus modos de sentar, seguiam um ritual: após as saudações ou cumprimentos, os meninos não sentavam direto no chão. Procuravam um lugar que lhes servisse de assento, como

⁹ Expressão usada pelo autor designando um outro formato no corte do cabelo.

esteiras, pele ou manta, sentando-se de pernas cruzadas, mostrando elegância. Nos ‘modos’ de ser das meninas, usavam uma túnica e a deixava mais perto do assento, demonstrando asseio e preocupação em não sentar-se no chão. O autor contou que se preocupavam tanto com os bons modos quanto pelo perigo de serem picadas por algum réptil pequeno, ou algum inseto. Esse ritual de sentar-se era feito inclusive com as visitas.

Havia ‘jeitos’ de se despedirem quando queriam ir embora. As crianças obedeciam aos pais, demonstrando boa educação e polidez. Davam “beijos com uma mão e com a outra mostravam o caminho que iam seguir dizendo: “*Yege Eyigo*”, ou seja, ‘estou indo’”. Sanches Labrador narrou que as crianças, desde bebês, eram criadas nessa educação polida, como explica a seguir:

Também criam as crianças com essa doutrina, era uma graça ver as mães quando se despediam, impondo o cerimonial a seus filhos, mesmo que eles estivessem em seus braços. Em várias ocasiões, ocorreu das crianças estarem concentradas em suas brincadeiras, e naquele momento que seus pais já terem se despedidos de nós, e tomando seu caminho, logo vinham os bonitos a cumprir sua cortesia, e esta em sua inocência, nunca nos deu aborrecimento, pois era um princípio muito bom para o que nos pretendíamos para a ordem da criação reacional (249).

Havia uma forma de educar, uma pedagogia que não ficou explícita, mas fragmentos dessa pedagogia foram escritos por Sánchez Labrador, destacando que os Mbayá-Gauicuru criavam os filhos ‘livres’. Ele não destacou se eram menina ou menino, ou ambos, até os doze anos, para que não deixassem de ser crianças antes do tempo.

As mulheres, mães ou responsáveis, desempenharam importante papel na vida e formação de suas crianças. Segundo o autor, as mães demonstravam tanto amor pelos filhos que somente os deixavam quando estavam na fase da finalização, segundo o autor, aproximadamente aos doze anos, permitindo-lhes vôos mais altos. Os pais tinham um grande amor pelos pequenos, demonstrado principalmente quando não corrigiam suas ‘travessuras’. Não gritavam e não permitiam desagrado nem punições às suas crianças. Os espanhóis sim, castigavam suas crianças, escreveu Sánchez Labrador.

Os Mbayá-Gauicuru viam os espanhóis como gente sem amor. Pois, para esse grupo, criar seus filhos saltitando e brincando como ‘cabritinhos’ era o correto. Desse modo, entendemos que, esse mundo infantil é construído na interação social entre os sujeitos adultos e crianças. Sánchez Labrador comentou que os jovens e crianças demonstravam muita inteligência, vivacidade e curiosidade, pois eles desejavam saber sobre música e pintura, e ficavam admirados ao verem os desenhos e ouvirem os sons dos instrumentos musicais que o

missionário lhes mostrava. Naquela época, tiveram contato com alguns artefatos e tecnologias avançadas que só o não indígena conhecia como os prismas coloridos, o ímã e o relógio, todos trazidos da Europa.

Nos relatos dos modos de viver dos Mbayá-Gauicuru havia uma política hierarquizada para educar a criança. A educação do futuro guerreiro era realizada em espaços definidos na aldeia. Para as crianças vivenciarem a infância, as deixavam livres e quando estavam mais crescidas, tinham as tolderias estruturada para se exercitarem. Era nesses espaços que a criança era preparada no estilo Mbayá-Gauicuru.

Havia um local caracterizado como ‘sitio do jogo’ ou a ‘praça do toldo’, um espaço onde os meninos e jovens se exercitavam, sendo que esse lugar era também utilizado pelas mulheres e meninas. Em frente à tolderia de um ‘nobre’ era o local que a comunidade utilizava também para diversos jogos, assim como o espaço que ficava entre as tolderias também era utilizado para a formação da criança Kadiwéu. Para melhor visualização dos dados pesquisados, foi criado por mim um quadro que transmitisse de modo sintético esses dados valorativos dos Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu. O Quadro 1 em questão compõe a síntese de relatos dos autores que tratam desse grupo, expostos neste Capítulo.

Quadro 1. Registros de Sánchez Labrador - 1770

Técnica do Nascimento e Obstetrícia

Não há dados sobre técnicas de nascimento. As mulheres, ao se sentirem grávidas eram livres para ter ou não o filho. Tinham geralmente somente um filho. O filho do capitão, ao nascer, era reconhecido como chefe, recebido com honrarias e reconhecido pelo grupo como senhor e legítimo. Crianças capturadas podiam ocupar essa posição.

Desmame e pós-desmame e Modos de alimentar

Qualquer mulher, em diferentes idades, podia amamentar o filho legítimo ou não. Eram introduzidas na alimentação dos adultos,

Modos de criar a menina e o menino

A formação, até sete anos aproximadamente, era feita pela mãe, depois os pequenos eram transferidos para os meninos adultos. A menina era responsabilidade da mãe, até ser introduzida nos ritos pubertários. Desde bebês, eram criadas numa educação polida. Eram ‘livres’, menino ou menina e jovens até os doze anos. Tomavam de três a quatro banhos por dia. O menino andava nu, com enfeites na cabeça e rosto pintado de negro. Aos doze anos, já podia participar das festividades dos adultos, tocando flauta e tambor anunciando as festividades. Desde bebês, as meninas eram cobertas com mantas. Quando grandinhas usavam túnica, rosto pintado de negro e enfeite na cabeça até os seis anos. Obedeciam aos pais demonstrando boa educação e polidez. Demonstravam muita inteligência, vivacidade e curiosidade, desejavam sempre saber sobre música e pintura. Aprendiam a montar cavalos desde cedo, tinham contato com alguns artefatos e tecnologia ocidentais, mostrando curiosidade e vontade de aprender. Eram refinados ao sentar, seguindo um ritual. Falavam em um tom moderado e ouviam o que os outros diziam. Pintavam os cabelos de vermelho e em cada fase havia uma forma de este ser cortado. Deixavam compridos até os cinco anos de idade. Iam cortando o cabelo aos poucos e o dividiam, fazendo caminhos dos lados, em mechas, por cima deixavam mais comprido com nos ombros. Finalizando o tempo de ser criança, os meninos passavam para a ‘moda dos homens’ e as meninas passavam para a ‘crista das mulheres’.

2.1.2 Francisco Rodrigues do Prado - 1795

Aproximadamente 19 anos após Sánchez Labrador, o comandante Francisco Rodrigues do Prado (1795) esteve entre os Mbayá-Gauicuru. Sua monografia foi publicada em 1951. O autor naquele período, comandando o Forte Português ‘Real Presídio de Coimbra’¹⁰, construído às margens do rio Paraguai, descreveu o modo de viver desse grupo, mostrando admiração por esse povo.

Segundo Prado (1951), a organização desse grupo indígena era de uma sociedade dividida em três segmentos, a saber: a ‘dos nobres’¹¹ denominado de ‘capitães’¹² e as mulheres que as intitulavam de ‘donas’; os ‘soldados’ cuja obediência era de pais a filhos, e a dos ‘cativos’, cuja denominação continuava com seus descendentes. O autor em seus relatos registrou uma versão do mito de origem dos Mbayá-Gauicuru.

Depois que os homens foram criados e repartidos as riquezas, uma ave de rapina, chamada caracará se lastimara de não haver no mundo Guaicuru, assim, essa ave os criou e deu-lhes o porrete, a lança, o arco e as flechas, com estas armas faziam guerras às outras nações, tomariam seus filhos para cativos (p. 103).

Essa referência já foi encontrada em Sánchez Labrador, ou seja, quando foi destacado que eram autorizados pela força mitológica para guerrear e a ‘tomar filhos de outros povos’, um indício para a compreensão de uma das ‘técnicas do nascimento’. Mesmo com o ‘nascimento’ simbólico, ou seja, pela inserção em determinada sociedade, essa criança estaria sob os mesmos valores que a criança nascida em uma das famílias nobres.

Prado (1951, p.103) registrou, além do ‘mito de origem’ dos Guaicuru, o mito das ‘sete estrelas’. A chegada, ou quando esse grupo de estrelas se tornava visível, era festejada, não como divindade, mas como precursora do aparecimento das bocaiúvas, que lhes serviam de precioso alimento.

Dentre as ‘festas’ citadas por Prado, está a ‘festa das cavalladas’, com a participação tanto de homens como de mulheres. Ressaltamos que o cavalo foi inserido nessa sociedade aproximadamente em 1695, quando os espanhóis estabeleceram contatos com os Kadiwéu, segundo Vinha (2004). Pode-se dizer que naquele período, houve influência espanhola nos modos de viver desse referido grupo.

¹⁰ Fundado em 1775 pelos portugueses, para coibir os ataques dos Mbayá-Guaycuru.

¹¹ Nobres eram os Kadiwéu ‘puro’ ou ‘cativos’ recebiam o título por merecimento ou por parentesco.

¹² Capitães eram e são ainda na atualidade a liderança política dos Kadiwéu, sempre assessorado pelos conselheiros.

Prado descreveu o ‘ritual para o casamento’, explicando que o jovem, após escolher a mulher com a qual podia se casar fazia o pedido ao pai. Somente com o consentimento do pai os jovens dormiam juntos, na casa do pai, sem contato físico. Após essa passagem, o pai entregava a moça para as núpcias. O rapaz, já casado, ia morar com os sogros, sendo que, a partir daquela data, os sogros do rapaz não mais falavam com ele. O autor não explicou como se relacionavam, como mantiam o diálogo ou a razão desse modo de se comportar. Contudo, explicou que o casal era fiel um com o outro e quando queriam separar-se conversavam e, se todos respondessem sim, se separavam.

A partir da constituição do casal Mbayá-Guaicuru, pode-se entender os processos culturais que mostram as figurações dos saberes e das práticas que antecedem o nascimento da criança. O casal constituído teria somente um filho, conforme registros sobre esse grupo étnico.

Detalhamentos sobre as ‘formas’ como as mulheres realizavam os partos não foram encontrados nesse autor. Modos carinhosos entre os casais foram registrados no passado por Prado (1951). A mulher Guaicuru retribuía terno amor ao marido.

O comandante Prado (1951, p.94) fez apenas uma citação, referindo-se a um dos ‘modos de criar’, “[...] conta-se que desde a primeira idade começam a puxar a pele da barriga, até que chega a cair pelo meio das coxas este é o único vestido que usam para cobrir as partes que a natureza e o pudor mandam ocultar”.

Para as moradias e vestimentas, usavam peles de animais, como de lobos, onças e outros animais de pequeno porte. As famílias viviam em casas cobertas de esteiras, feitas de um tipo de vegetal, o junco. Eram abertas pelos lados, denominadas pelo autor de ‘toldos’. Dormiam sobre peles de animais e sob pequenos feixes de palhas, variando conforme a época das cheias do rio Paraguai.

Os campos, com abundância de mata, ofereciam tintas para as pinturas corporais e seus adornos. Naquele período, o grupo já estava perdendo essa terra devido às povoações que chegavam através dos portugueses e espanhóis, afirmou o autor. Mesmo com as perdas das terras, eram senhores de um bom quantitativo de “gado vacum, cavalari e lanígero” (p. 95). A conquista desse patrimônio animal há aproximadamente dois séculos era atribuída às lutas guerreiras travadas com os colonizadores e com outras etnias indígenas.

A fama de ‘bárbaros’ já acompanhava os Mbayá-Guaicuru, afirmou Prado. Mesmo vivendo em campos de extrema fartura para a alimentação do grupo, pois havia veados, porcos do mato, cervos e peixes, dentre muitos outros tipos de alimentos, o estilo de vida era de contínuos deslocamentos e com a índole guerreira prevalecendo nas relações.

A alimentação do grupo era enriquecida com a carne de muitas espécies de animais silvestres, como jacarés, sucuris e todo tipo de pescado. “Comiam tudo assado, castanhas, palmitos e algumas batatas bravas (p. 101)”. Tinham boa saúde e na alimentação estava incluída a polpa da carandá¹³, a que possivelmente se deve a boa saúde dos Mbayá-Gaicuru.

A vestimenta da menina consistia em usar uma tanga, a qual denominava de *aijulate*, o que pode ser semelhante ao chiripá - tipo de tecido que toma forma ao ser envolvido na cintura, passando por entre as pernas - usado desde a mais tenra idade.

Nas crianças de ambos os sexos, afirmou o autor, os dentes, embora mal postos, eram conservados até a velhice. Prado explicou que os indígenas explicaram a ele que os dentes mal postos eram por não tirarem os dentes de leite ‘para que as crianças não sofressem’.

As brincadeiras sempre estiveram presentes em suas vidas, sendo que os jovens, assim como homens e as mulheres, se reuniam para realizá-las. O autor não destaca a presença de crianças. Nas brincadeiras, o comandante afirmou ter presenciado imitações de alguns animais, como o peru, touros e sapos.

Nas ‘formas de educar’, obtidas por meios de brincadeiras, o comandante afirmou ter presenciado sons onomatopéicos. Imitavam tão bem que podiam confundir os inimigos. Essas brincadeiras eram momentos em que crianças e jovens, assim como homens e mulheres adultas, se reuniam para realizá-las num convívio social.

Os pais Kadiwéu amavam os filhos, realizavam seus gostos, ficando sempre em volta deles. Sendo o pai responsável pela família, muitas vezes era do interesse desse amor paternal dar o título de ‘capitão’ ao filho desde a tenra idade. Mesmo tendo autoridade para usar esse título, o filho o usava com moderação, explicou o autor.

Ao referir-se às características físicas dos Mbayá-Guaycuru, o autor destacou que eram de cor mais escura que a do cobre, e de estatura alta. Havia homens mais altos, alcançando até seis pés e meio de altura, ou seja, alcançavam aproximadamente um metro e noventa e oito centímetros de altura. Possuíam corpos bem feitos, capazes de resistir à fome e à sede. Arrancavam as sobrancelhas e as pestanas, “nos gestos de todos respira robustez e um estado perfeito de saúde (PRADO, 1951, p. 96)”.

O autor destacou que, naquele período, os meninos, jovens e adultos, andavam nus, enfeitavam a cabeça, pernas e pulsos com penas e plumas. Os mais ricos tinham enfeites

¹³ Espécie de uma palmeira que de seu tronco retiravam o meio dela, para comer.

de prata e nas orelhas usavam brincos de prata em formato de meias-luas ou contas de diversas cores. A pintura corporal dos Mbayá-Guaycuru era feita com tinta de duas frutas silvestres, o urucum e o jenipapo; usavam uma cinta feita de algodão. O corte de cabelo podia ser do jeito que quisessem.

Outro dado significativo que o autor expôs foi que os Guaicuru, naquele período, ao estabelecer contato com os espanhóis, começaram a cobrir o corpo com contas de diversas cores (p.97). Os Kadiwéu mostraram força e vitalidade, resistiam ao trabalho cotidiano, estavam sempre cuidando do gado e fazendo artefatos de caça e pesca. Com relação às mulheres, o autor destaca que envelheciam muito cedo e ficavam com a pele muito enrugada (PRADO, 1951 p. 97). Era um grupo com poucos filhos, o que levou o comandante a refletir sobre a possibilidade de desaparecimento do grupo se não tivesse mais filhos. O Quadro 2 sintetiza os três eixos inspirados em Mauss, segundo os registros de Prado.

Quadro 2. Registros de Francisco Rodrigues do Prado -1795

Técnica do nascimento

Não foi relatado pelo autor. Podiam nascer pelo casamento. As mulheres podiam interromper a gravidez

Desmame e pós-desmame

Qualquer mulher podia amamentar, mas o autor não explica se é uma forma de acolher a criança ou se havia uma produção de leite. Após o desmame, as crianças comiam caça, pesca, castanhas, palmitos e batatas bravas, geralmente assadas.

Diferenças nos modos de criar menina e menino.

Passava pelo 'ritual do nome', escolhido pelo pajé ou 'pai'. Os meninos viviam nus. Enfeitavam a cabeça, pulsos e pernas de plumas e penas. Usavam brincos de prata em formato de meias-luas ou contas de diversas cores. Pintavam todo o corpo com a tinta de duas frutas, o urucum e o jenipapo. O corte de cabelo dos meninos podia ser do jeito que quisessem. Às vezes eram prometidos para o casamento por suas famílias. O jovem podia escolher a mulher para casar. Eram amorosos e fiéis. Após o casamento, o marido ia morar com os sogros. As meninas usavam uma tanga ou '*aijulate*' desde pequeninas. A primeira menstruação era recebida com a 'festa da moça'. Tinham o direito de interromper a gravidez. Pintavam o rosto com a tinta de jenipapo, para durar a pintura mandavam picar a pele com espinhos. Raspavam a cabeça até as entradas, toda em roda; ficava cabelo somente na parte da moleira. Dormiam sobre peles de animais, em pequenos feixes de palhas.

2.1.3 Coronel Ricardo de Almeida Serra - 1803

Transcorridos oito anos da permanência do Coronel Francisco Rodrigues do Prado, outro militar foi designado para atuar naquela região em que viviam os Mbayá-Guaycuru. O Major Ricardo de Almeida Serra permaneceu entre eles no ano de 1803, e teve seu relatório publicado em 1866. Esse relatório trata do aldeamento, do modo de vida, da religião e dos costumes desse grupo.

Registrou que o sistema social e político eram constituídos de senhores e cativos, sendo que as normas eram estabelecidas conforme os costumes e as regras herdadas da tradição. O Major caracterizou o grupo segundo seu ponto de vista, considerando-os como tendo “horror ao trabalho” (p. 204). Naquele período, esses indígenas entendiam que o trabalho cotidiano deveria ser realizado pelos seus cativos.

Contudo, a lida do cavalo e outras situações, principalmente os embates, as resistências aos colonizadores e a outras forças poderosas que invadiam aquela região eram trabalhos específicos dos guerreiros.

Passados 33 anos da presença de Sánchez Labrador, Serra constatou que, na ausência de filhos legítimos, os Kadiwéu daquele período reconheciam as crianças das ‘cativas’ como ‘fidalgo’, já com acesso à condição de liderança.

Todos os casais conhecidos por terem filhos “uaicurús” legítimos, eram chamados de “côte” e alcançavam uma população infantil de, no máximo, 20 crianças (SERRA p. 206).

A composição daquela sociedade ainda era constituída por uma diversidade cultural vinda dos grupos étnicos da região, além de portugueses, espanhóis e descendentes de africanos que se refugiavam no grupo.

As diferenças populacionais nos levam a inferir que a criança Kadiwéu daquele período era resultado de relações bastante heterogêneas, mas que ficaram sob a égide ou se ‘traduziam’ no modo de ser Kadiwéu. O termo ‘tradução’ adotado para este estudo designa a compreensão de que os vindos de fora, das ‘guerras de captura’, renovavam aquela sociedade, como uma forma de ‘tradução cultural’.

No entanto o modo de ser Kadiwéu resistia e revigorava mantendo sua estrutura organizacional. Esse modo de ser revigorado, como um “entre - lugar” contingente, como parte da necessidade de conviver com novas identidades, mas traduzida em favor dos indígenas (BHABA, 2005, p. 27).

As ‘técnicas do nascimento e da obstetrícia’ não foram relatadas, assim como os ‘modos de criar e de alimentar a criança’ foram poucos elucidados pelo autor. As diferenças na ‘criação da menina e do menino’ podem ser apontadas na distinção do menino para o papel guerreiro e da menina para o casamento, para ser ‘senhora’ ou ‘cativa’ predominantemente ligada ao cotidiano da aldeia.

Os comportamentos eram ambivalentes, no sentido de serem extremamente carinhosos e tratarem com muito amor as crianças que traziam das relações conflituosas de capturas e, simultaneamente, algumas mulheres interromperem a gravidez. Relata o autor, que naquele período o grupo não mostrava sentimentos religiosos, no caso inferindo sob valores

morais da sociedade ocidental, de influência cristã. Para a questão das interrupções dos nascimentos, o autor usou o termo pejorativo de ‘infanticídio’.

Caracterizados por Serra (1866), como tendo “horror ao trabalho”, leva-nos a inferir que naquele período, a estrutura social estratificada com admissão de membros de outros grupos, os ‘cativos’.

Para a estrutura social estratificada dos Kadiwéu, encontramos em Ferreira (2003, p. 121) explicando que “A estratificação, dessa maneira, refere-se a uma forma de organização que se dava por meio da divisão da sociedade em estratos ou camadas sociais distintas, de acordo com algum tipo de critério estabelecido”.

Por essa observação, percebe-se que nesse período os Guaicuru entendiam que o trabalho cotidiano era para ser feito pelos seus ‘cativos’, sendo que o ‘senhor’ e o ‘guerreiro’, cuidavam do gado e protegiam o grupo, entre outras tarefas.

Serra escreveu que a sociedade guaicuru, em 1803, estava assim constituída; a primeira tribo era de capitães; a segunda tinha como chefe uma mulher, Catharina. Ainda que não sejam fornecidos mais dados a esse respeito, esse fato, pode indicar a educação ou um ‘modo de criar a menina’, permitindo a manifestação guerreira, índole desse povo. A terceira tribo era dos agregados e cativos. Esse grupo, naquele período, contava com 680 pessoas.

Serra afirma que o bem maior que os Guaicuru tiveram foi uma manada de 6 a 8 mil cavalos, que se alimentavam de vasto pasto naquela época. E para o sustento das famílias dos ‘capitães’, havia a caça, a pesca e frutas.

O autor, ao destacar a estratificação social Guaicuru daquele período, percebeu a existência de uma mulher capitã. Esse autor foi o único que registrou a existência de uma mulher comandando os Kadiwéu, sendo que até então não havia registro sobre a igualdade de capitães entre mulheres e homens, embora houvesse relatos de que no caso de não existir um varão iria à mulher para a sucessão.

Nas inserções de pessoas de outros grupos estavam algumas crianças. Na ausência de filhos, essas crianças eram adotadas pelos senhores como ‘fidalgos’, com acesso à condição de capitão. Os filhos dos Kadiwéu eram chamados *coté*.

O ‘jeito de alimentar’ naquele período. Na maior parte do ano, havia abundância de peixe e jacaré, assim como veados, porcos e outras caças. Da bocaiúva comiam a polpa, o côco, e do meio do tronco faziam uma farinha que se assemelhava à farinha de mandioca. Havia o pasto em abundância para a alimentação de suas cavalgadas (p.212). Desse modo, eles iam acompanhando sempre as cheias e as vazantes do rio e, conforme as inundações procuravam sempre lugares mais altos.

As informações deixadas por Serra (1803) relatam pouco o modo de vida das crianças no contexto desse grupo, entretanto destaca que os pais eram muito carinhosos com as crianças e o casal que não podia ter filhos adotava dos seus cativos.

No Quadro 3 destacamos alguns dados sobre a criança deixados por Serra (1866) ressaltando os três eixos de Mauss (2003).

Quadro 3. Registros de Ricardo de Almeida Serra - 1803

Técnica do nascimento desmame e pós-desmame.

Não há relatos feitos pelo autor.

Desmame pós desmame

Não há registros de como era feito. Mas comiam peixe, jacarés, veados, porcos e outras caças, palmito, a polpa e o côco da bocaiúva.

Diferenças nos modos de criar menina e menino.

Viviam nus, eram fortes. Casavam-se tanto com Kadiwéu quanto com cativos. Usavam o cavalo como meio de exercícios e lutas. As mulheres eram chamadas de ‘donas’. Podiam interromper a gravidez. Tinham somente um filho. Tiveram educação, para serem guerreiras. Primeiro relato de uma mulher capitã ou chefe, mostrando a índole guerreira. Composta de capitães, dentre eles havia uma chefe mulher de nome Catharina e cativos.

2.1.4 Viajante Guido Boggiani - 1892 e 1897

Boggiani esteve por dois períodos entre essa população indígena. Após ter convivido, em 1892 por três meses com os Kadiwéu, posteriormente voltou a conviver com eles em 1897. Seu livro, escrito em 1892, relata que o sub-grupo Mbayá-guaicuru estava estabelecido em terras brasileiras, tanto que o autor os denominou ‘caduveo’.

Boggiani (1895) foi conhecer os Kadiwéu, na aldeia principal, noventa e sete anos após Serra (1803). A aldeia, naquele período, denominava-se *Nalike*¹⁴. Nas suas observações, distingue-se a maneira sistemática e as impressões que deles obteve.

O autor, nessas viagens, estabelecia relações de amizade, cujo objetivo era desenvolver estudos sobre as características, os costumes e a língua desse povo. Desse modo, ficou tão entrosado e aceito pelo grupo que participava de toda a rotina, dos jogos, dos rituais e das festividades da cultura identitária do grupo.

Os Kadiwéu viviam em aldeias ou ‘tolderias’, que eram compostas em filas unidas umas às outras como uma grande cabana aberta de frente para o rio. Era coberta por um teto feito em parte de folhas de palmeira e em parte de palha, com duas calhas para as

¹⁴ Considerada naquele período como ‘capital’ das terras Kadiwéu.

chuvas. A ‘tolderia’ era a habitação do ‘capitão’ e de sua família. No alto de cada uma delas havia um mastro em que se via de longe a imagem de um galo e de uma bandeira branca.

Sobre os ‘modos’ de vestir dos homens, naquela época já havia ocorrido mudanças, pois, segundo Boggiani (1895, p.131) eles se cobriam com um pano que cingia “os flancos e cobre todo o corpo do peito até pouco acima do calcanhar”. Usavam um cinto com desenhos, desse nunca se separavam, pois era de uso contínuo e de muita necessidade. O resto do corpo continuava nu, enfeitado por colares e outros adornos. Quando fazia muito calor ou frio, usavam a camisa aberta, ou a colocavam nas costas, como manta. A maioria deles fazia uso de chapéu confeccionado por eles mesmos. Tomavam banho de duas a três vezes ao dia, a limpeza do corpo era primordial para eles.

Boggiani observou que os jovens participavam de diversos jogos dentre, eles o ‘jogo da peteca’, ‘jogo do pastor de ovelhas’ e o ‘jogo de bola’ com bastões (chueca). Jogavam com o mesmo “entusiasmo” e “paixão”, como observara os “jovens americanos do norte jogando o *foot-Bal e base-ball* (p.146)”. As crianças brincavam com figuras esculpidas em madeira que eram “usadas pelas crianças, para brincar de bonecas, vestindo-as e despindo-as [...]” (BOGGIANI, 1895, p. 200).

Boggiani observou que quando as mulheres praticavam o pugilato ou jogo de soco, as crianças participavam, fazendo parte de sua socialização, sendo de muita importância e de reconhecimento social entre eles. O autor observou que todos demonstravam carinho pelas crianças e relatou que a filha do ‘capitão’, uma menina de dois ou três anos, era muito linda, e que todos da aldeia lhe faziam carícias, não só pela posição social que lhe cabia, mas por cativar a todos com seus encantos.

Com relação ao ‘nascimento’ de crianças, o autor relatou que as mulheres praticavam o ‘infanticídio’. Essa expressão é muito intensa para ser usada fora do contexto daquele período, quando Boggiani interpretou o modo de ser daquele grupo com os valores de sua sociedade européia. Cohn (2008) afirmou durante uma acessoria realizada para a linha 3, do Programa de Mestrado em Educação/UCDB que há várias questões sobre criança em sociedades indígenas que precisam estudos mais aprofundados, a exemplo da citação de Boggiani sobre os Kadiwéu.

Nos ‘modos de educar’ os meninos, Boggiani relatou que uma das técnicas usadas por eles era se oferecer para serem picados pelo ferrão de uma raia com o objetivo de mostrar e dar provas de coragem. A coragem era também exercitada na arte da milícia para os meninos. Aprendiam especialmente a atirar com arco e flexa, adquirindo, assim, habilidade necessária ao modo de vida daquele período.

Os Kadiwéu, estando em guerra ou não, protegiam suas crianças e mulheres contra ataques de outros grupos, pois colocavam sentinelas e espiões a longas distâncias. Nas festividades, como a das ‘sete estrelas’, por eles chamadas ‘cabritas’, “as crianças imitavam os genitores com gritos barulhentos, participavam em desafios para corridas, fazendo garbo de sua agilidade e esbelteza” (BOGGIANI, 1895, p.262).

As mães desempenhavam um papel restrito apenas à fase da infância, quando os cuidados se desdobravam, não permitindo desagrado às crianças, punições ou sanções. As fases de crescimento e desenvolvimento das crianças da nobreza eram acompanhadas por festas. Era ‘festa do desmame’, quando rompiam os vínculos de aleitamento materno; ‘festa dos primeiros passos’, quando a criança começava a andar.

Após algum tempo, realizavam a ‘festa dos primeiros jogos’, quando o infante passava a se socializar por meio dos jogos. Após essas fases, as crianças deixavam de receber os cuidados da mãe e iniciavam a participação em outros rituais. Essa forma de educar tinha o caráter de transformar o menino em guerreiro. A ‘festa para ser homem’ consistia em provas de coragem e ousadia que compunham o perfil masculino.

Boggiani comenta que, um dos ‘modos de educar’ as meninas era na confecção da arte da cerâmica. As meninas acompanhavam as mães em todo o processo de coletar tinta, selecionar terra e aprendiam as ‘técnicas’ de ser ceramista. Elas faziam pratos em formatos de galinhas, patos e outros elementos.

As Kadiwéu também confeccionavam pentes de osso, ornados de figurinhas de onças, avestruzes, cavalos, homens, etc. A arte de ourives foi praticada entre os Kadiwéu. O autor viu colares, brincos, anéis e outros ornamentos, tendo presenciado o capitãozinho fabricar um anel de uma moeda de prata. Não sabiam, contudo, dar a liga, principalmente porque lhes faltavam instrumentos para tal envergadura.

Os modos sociais e políticos estavam constituídos hierarquicamente em ‘capitães’ ou ‘chefes’, mulheres e escravos. Boggiani destacou que visitou os principais ‘senhores’, podendo notar que todos o tratavam com cortesia e alegria. Primeiro o Capitãozinho, depois o irmão deste, chamado ‘Tenente’, considerado pelo autor com certa idade, alto, sério, calmo e compassado. Naquele período, já falavam a Língua Portuguesa com desenvoltura, afirma Boggiani (1895).

Naquele período, os modos de produção alimentar existiam para o sustento do grupo; além do gado e do cavalo, havia muitas galinhas e conviviam com gatos. Por estarem já estabelecidos em terra fixa, deixando de ser nômades, plantavam algum alimento como

milho e mandioca. Na pesca havia bagres e pacus; na caça tinha o cervo e as aves como o jacu¹⁵, o avestruz, o papagaio e a rolinha; havia ainda o palmito e uma planta denominada de beldroega¹⁶ que servia, entre outras coisas, para salada. Cada família cultivava, para seu sustento, cana de açúcar, arroz, abóbora, melão, banana, mamão, feijão, batata doce, verduras, frutos etc.

Nas moradias, em frente às cabanas, havia um campo limpo que se estendia ao comprimento da tolderia. Atrás ficava para utilização da cozinha, para estender couros, etc. Os Kadiwéu tinham reservatórios onde a água escorria limpa, para a higiene corporal. Eram muito descentes na higiene. A casa do Capitãozinho ficava no alto e era maior do que as outras.

Naquele período, as famílias já estavam constituídas com mais crianças, conforme Boggiani. Um dos chefes, por exemplo, o recebeu com suas “duas belíssimas filhas” (p.87). Nos ‘jeitos de beleza’, as mulheres Kadiwéu e as crianças tinham modos finos e educados de tratar as pessoas. Nos ‘modos de se embelezar’ as mulheres ‘caduveo’ pintavam o rosto, os seios e os braços.

Nos ‘modos de vestir e usar o cabelo’, os ‘caduveo’ homens se vestiam com um pedaço de fazenda branca ou de percal colorido, cingiam os quadris e cobriam todo o corpo, do peito até o joelho. Um cinto feito de desenhos era colocado na cintura, servindo também para colocar a faca ou o facão. Usavam um chapéu. O cabelo, negro, farto e dividido ao meio era bem penteado, usavam pomadas cheirosas, para untá-lo. Enfeitavam o pescoço com colares de contas ou compridos tubos de pratas alternados com grandes bolinhas de vidro azul ou sementes, finalizando com pendentes redondos, com pequenos desenhos e pontos em relevo, ou com moedas de pratas. Nos pulsos, usavam braceletes e fios de contas azuis. Os mais ricos usavam tubinhos de prata ou moedas furadas reunidas com contas azuis.

As mulheres vestiam-se igualmente bem, mas usavam o cinto mais apertado para baixo e o chiripá chegando até a metade das pernas. Na parte de baixo também o pano era sustentado por um cinto bem enfeitado. Os cabelos, lisos e abundantes, eram bem penteados e cheirosos, pois usavam pomadas perfumadas. Tomavam banho três vezes ao dia ou mais, logo que acordavam à tarde, antes do jantar e antes de dormir. Os homens acompanhavam as mulheres ao rio quando elas tomavam banho.

¹⁵ Designação comum a várias aves cracídeas das matas brasileiras alimenta-se de frutos e de folhas.

¹⁶ Planta rasteira nativa do continente americano tem vários nomes: brudo, língua-de-vaca, etc. usada na medicina caseira como *enemagogo*, diurético, emoliente, envulnérario e antinfecioso, é também consumida em saladas e refogados.

Enchiam tanques de água para as necessidades diárias, usavam-na para lavar o corpo e os pratos, que eram em forma de conchas bem ornados de contas e usados para retirar a água e não sujar a água das fontes. Os cativos, pouco a pouco, iam adquirindo o hábito de seus senhores, esclarece Boggiani (1895).

Quando os ‘caduveo’ retornavam da caça ou da pesca os cativos libertavam o ‘senhor’ de suas armas de caçador. Levavam crianças para que o senhor as acariciasse, as colocavam no cavalo e iam ter com a família, parentes e amigos. Esse ritual era feito com qualquer membro dos parentes, e o cativo era cheio de gentilezas (BOGGIANI, 1895, p. 167).

Boggiani (1895) registrou que o canto e a música estavam presentes entre os Kadiwéu, que naquele período fizeram festas e cantavam em sua chegada. As mulheres cantavam alegremente na maioria das festas, e os homens tocavam seus instrumentos musicais.

Com relação aos ‘jogos’ e ‘brincadeiras’, o autor destacou que ele participou de alguns. Ele se juntou aos jovens que o convidaram para jogar ‘peteca’ que denominou de ‘volante’. Destacou o ‘jogo do pastor’, o ‘jogo do túnel’, o ‘jogo do espiral’, o ‘jogo do círculo’.

Na educação do guerreiro, as crianças, filhos do sexo masculino, naquele período, logo que nasciam, eram cuidados pelos pais, mas havia os cativos para que os criassem e cuidassem. Era reservada uma cabana à parte, destinada para o serviço desses membros do grupo para com as crianças, que deveriam servi-la, vigiá-la e acompanhá-la. Enquanto as crianças e os pais dormiam, alguns cativos cantavam uma canção lamentosa que se repetia em breves intervalos (BOGGIANI, 1895). Uma forma de educar, na pedagogia Kadiwéu, era como o autor relata, o ‘*jogo do soco*’ entre rapazinhos e meninas, o descrito que segue:

Ao rufar de dois tambores reuniram-se de toda parte da aldeia, divididos em dois esquadrões de rapazinhos Chamacocos ou Kadiwéu pululavam nas cabanas. Quando cada um esteve em seu posto, de um dos quarteirões saiu um dos rapazinhos, e veio colocaram-se com ar de desafio no meio da arena improvisada, os punhos fechados, a cabeça alta, um pé muito adiante de outro e fixando o olhar altivamente sobre os rapazinhos do esquadrão oposto. Imediatamente saiu outro e sem tantos preâmbulos começaram uma esgrima rapidinha de punhos mandados à cara, que me fez ficar de boca aberta. Dada quinze ou vinte punhadas para cada um, os dois pugilistas são separados a estes sucederam outros, depois mais outros, depois outros, e outros ainda. Nem um grito, nenhum ai! Aos pequenos machos, seguiram com igual entusiasmo as fêmeas, depois um rapazinho maior desafiou e teve adversário [...]. E bem verdade que os senhores ou os pais não os deixavam esquentar-se demasiado neste jogo assaz excitante, e depois de dois ou três assaltos, os dois campeões eram separados (BOGGIANI, 1895, p. 170).

Considero que o que Boggiani presenciara eram as representações educativas daquele grupo étnico. O papel dos pais nesse modo pedagógico de atuar era para a preparação de sua criança para os embates da vida e para reforçar o elo de pertencimento. Nesse sentido, para os Kadiwéu, era necessário que a criança, desde cedo, fosse tomando conhecimento dos hábitos culturais de seu grupo, sob olhares dos mais velhos.

A caça relatada por Boggiani destaca que as crianças ajudavam nos preparativos feitos dois dias antes. Os produtos que fabricavam eram balas de chumbo, limpavam as armas e preparavam cavalos e bois. Organizavam duas comitivas, partindo uma em direção às montanhas de Miranda e a outra à esquerda, em direção ao Pantanal. Desse modo, pode-se dizer que a criança estava presente em todas as atividades do dia a dia do grupo.

Com relação às técnicas de nascimento da criança, o autor não faz menção, contudo deixou registrado que naquele período as mulheres tinham o direito de ficar grávidas ou não. As crianças nasciam nos toldos e, caso nascessem gêmeos, uma das crianças era excluída. Quanto aos modos de mamar e desmamar, Boggiani (1895) destacou que o aleitamento só terminava quando as crianças não queriam mais saber da fonte materna. Contou que já tinha visto rapazinhos de quatro a seis anos mamando, sendo coisa comum na aldeia ver meninas de três ou quatro anos penduradas no seio das mães.

Quando a criança era desmamada e quando começava a correr com os outros rapazes, eram celebradas grandes festas. Na aldeia, todos cuidavam das crianças e, após o desmame, dos três aos seis anos, elas passavam para a alimentação do adulto. Foi observado que naquele período havia diferenças em criar meninos e meninas, principalmente nas tatuagens feitas nos corpos das crianças. As crianças, desde seu nascimento, se mulher furava as orelhas para enfeitá-la e cortavam os cabelos, deixando a testa nua. Elas se distinguiam dos homens pela tatuagem do rosto e dos braços. No homem também eram furadas as orelhas desde cedo e até os quatro anos sua pele era pintada de negro. No Quadro 4 destacou-se o que Boggiani registrou, recortados para os três eixos inspirados em Mauss (2003).

Quadro 4. Registros de Boggiani -1895

Técnica do nascimento e obstetrícia

Não há registro, mas foram observados casais com maior número de filhos.

Desmame e pós-desmame

Para o menino e a menina o aleitamento só terminava quando as crianças não queriam mais, geralmente dos três aos seis anos. Após o desmame, passavam para a alimentação do adulto. Havia variedade de caça, pesca e animais caseiros, raízes e frutas.

Diferenças na criação da menina e do menino.

Enquanto a criança e os pais dormiam o cativo cantava. Os pais e a comunidade estavam envolvidos com os cuidados e a educação das crianças. Logo que nasciam, os pais e os escravos cuidavam, com o

objetivo de servi-los, vigiá-los e acompanhá-los. No desmame, andar e correr com outras crianças fazia festa para o menino. Os pais acompanhavam o seu desenvolvimento. Eram mantidos em constantes atividades físicas, como ‘jogo do soco’. Ajudavam os adultos na fabricação de balas de chumbo, limpavam as armas e preparavam cavalos e bois. Às vezes, acompanhavam os pais nas excursões. Andavam nus e tomavam banho três vezes ao dia, ou mais. Furavam as orelhas desde cedo e pintavam o corpo de preto. Enfeitavam o pescoço com colares de contas ou tubos de pratas; nos pulsos, usavam braceletes e nos pés, fios de contas azuis. Quando cresciam, usavam um pedaço de fazenda branca ou percal colorido, usavam um cinto para colocar a faca e chapéu, quando ficavam adultos. Os cabelos eram divididos ao meio e bem penteados; usavam pomadas cheirosas. As meninas tinham modos finos e educados de tratar as pessoas. Distinguia-se dos homens pela tatuagem do rosto e dos braços. Quando ficavam jovens, vestiam-se com pano branco ou colorido. Até os seis anos usavam cabelos longos, depois cortavam. Na idade adulta deixavam crescer, era bem pesteadado, negro e liso. Praticavam ‘pugilato’ entre rapazinhos, sob olhares de adultos, e praticavam outros jogos. Acompanhavam as mães para aprender as técnicas de serem ceramistas.

2.2 A Criança Kadiwéu na Etnografia dos Séculos XX a XXI

2.2.1 Emílio Rivasseau - 1904

Rivasseau permaneceu em Mato Grosso de 1890 a 1920, estando por um período de quinze dias entre os Kadiwéu. Sua obra foi publicada em 1936. Fez uma definição cartográfica da região do Nabiléque, onde viviam os índios Guaicurus.

Segundo o autor, os Kadiwéu embora andassem nus, quando deixavam suas aldeias para visitar os amigos e as fazendas circunvizinhas iam sempre vestidos “com uma calça e de uma camisa, e levam um chapéu” (p.46). Rivasseau (1934) registrou que os Kadiwéu se apresentaram bem trajados, como “gente e podiam ser confundidos e tomá-los como brasileiros e mesmo fazendeiros” (p.46).

Nas aldeias, os homens usavam calças, um pano de algodão ou ainda uma ‘tela de saco’. Esse pano envolvia todo o corpo, era preso por meio de uma correiazinha ou de um cordel. Com essas vestimentas os Kadiwéu aos trabalhos da roça na aldeia. O autor registrou que nesse período os Kadiwéu, que eram de índole guerreira, haviam aprendido a lidar com a terra, com os indígenas Terena. Rivasseau observou que as mulheres cuidavam das crianças, cuidavam da roça, plantando e colhendo.

Os “bugres”¹⁷, conforme o autor os chamou, tinham os cabelos compridos e espessos. Embora as roupas adquiridas através de presentes ou de trocas não fossem muito novas, o Guaicuru aceitava e usava, mas “conservavam a sua soberba natural (p.48)”.

A alimentação era à base de caça, pesca e carneadas de boi ou vaca. Para adoçar, usavam o mel de jataí e guardavam a cera. O autor não soube qual era o destino da cera. Extraíam o palmito das palmeiras, bem como seus frutos, plantavam mandioca e bebiam o

¹⁷ Termo pejorativo usado para designar os indígenas.

chimarrão. Na aldeia grande, o autor pôde observar que havia um grande número de mulheres e principalmente de crianças, meninos e meninas.

Nessa visita, foi realizado um baile em homenagem a Rivasseau (1936). Na aldeia, observou que havia vários instrumentos musicais, guitarra, sanfona, viola, flautas e tambor. “Participaram desse baile, mulheres adultas e jovens, inclusive crianças meninas de dez a doze anos” (p.194). Todos do grupo estiveram envolvidos, as mulheres se pintavam e se enfeitavam com adornos nos braços, pernas e pescoço. Os homens faziam seus adornos com penas e diferentes tipos de sementes adquiridos na natureza. Por vezes esses bailes duravam dias.

As crianças menores participavam dançando e imitavam os adultos com êxito e acerto, prometendo que no futuro representariam seu povo. Os adultos dançavam alegremente e finalizavam o baile com a ‘dança da sucuri’. Naquele período, foi observado pelo autor que essa aldeia era constituída de cinco ‘toldos’, ou o que o autor denominou de ‘ranchos’.

Nos modos de ser mulher Kadiwéu, contou que tatuavam o busto e o rosto, dando a impressão de que a mulher estava vestida. Naquele período, eram as mulheres que cuidavam das crianças, procuravam lenha, fabricavam utensílios de cerâmica, teciam cintos e saquinhos de fibras que os homens usavam para carregar pequenos objetos.

As mulheres cuidavam da alimentação, da roça, da plantação de mandioca, do milho, da cana de açúcar e das batatas, e faziam as colheitas. Na aldeia, tomavam conta de tudo quando os homens se ausentavam para as caçadas, ou ainda quando ficavam ocupados com as lidas da criação do gado *vacum* e cavalari.

As mulheres, segundo Rivasseau (1936), eram, em sua maioria, especialistas em pinturas de tatuagens. Enfeitavam-se com diversos colares, enfeites de penas, sementes e madreperla extraída de um marisco existente nas lagoas pantaneiras. Com relação à velhice precoce que também observou nas mulheres, argumentou que era devida ao trabalho árduo realizado sob o causticante sol e as intempéries como chuva e frio, que contribuíram de maneira significativa para tal precocidade. Tinham os dentes perfeitos, as meninas e as jovens eram proporcionais de corpo e feições regulares, olhos grandes, bonitos e brilhantes.

Sobre as ‘técnicas de nascimento’; não houve registro. Contudo, Rivasseau (1936) registrou que as mulheres, à medida que envelheciam, aumentavam o número de partos. A população infantil registrou que numa das aldeias, que vira umas vinte crianças dos dois sexos, abaixo de oito e de dez anos.

Os meninos andavam nus e as meninas usavam uma tanga de pano na cintura, semelhante à das mulheres adultas. Naquele período, Rivasseau (1936) contou que nessa

‘nação’, outrora numerosa, os homens chegavam a um total de cem pessoas, e nesse período, registrou a interrupção definitiva das ‘guerras de captura’, que, segundo ele, estava em processo gradativo aproximadamente entre sete e oito anos antes de sua chegada.

Desse modo, ao buscar relatos sobre a criança, os três eixos inspirados em Mauss (2003) estão sintetizados no Quadro 5.

Quadro 5. Registros de Rivasseau - 1904

Técnica de nascimento

Não há relatos de como era feito o parto das mulheres. O autor registrou que havia aumentado o número de partos. Registrou o fim da ‘guerra de captura’, portanto uma forma simbólica de nascer.

Desmame e pós-desmame

Não há registro. Alimentavam-se de gado, mandioca, cana de açúcar, palmito e outros gêneros.

Diferenças na criação do menino e da menina

Os meninos andavam nus, e as meninas usavam uma tanga de pano.

2.2.2 Claude Lévi - Strauss -1935

Lévi-Strauss (1945), traz dados sobre a vida dos Kadiwéu, com quem esteve em 1935, quarenta e cinco anos após Rivasseau. O autor esteve na aldeia *Nalike*, que denominou ‘capital’ dos Kadiwéu. O autor ouvira falar que os Kadiwéu continuavam com o estigma de preguiçosos, mas observou os homens trabalhando com fazendeiros da região, por isso apesar do pouco tempo com eles, pode provar o contrário.

Sobre o brincar e ser criança, não faz muita referência. Contudo, relatou que as crianças brincavam com objetos feitos por suas mães, “para as crianças as mulheres confeccionavam figurinhas que representavam personagens ou animais [...] nas mãos das crianças, também encontrávamos estatuetas de madeira talhada, em geral vestidas, que lhes serviam de bonecas [...] (p.163)”.

Observou que a sociedade vivia um paradoxo, pois relutava em procriar, mas adotava filhos de inimigos ou estranhos. O autor registrou uma versão do mito da criação do kadiwéu.

Quando o ser supremo, *Gonoenhodi* decidiu criar os homens, tirou primeiro a terra dos Guaná, depois as outras tribos; aos primeiros, deu a agricultura como quinhão, e a caça aos segundo. O Enganador, que é a outra divindade do panteão indígena, percebeu então que os Mbayá haviam sido esquecidos no fundo do buraco e os fez sair dali, mas, como não sobrava nada para eles, tiveram direito à única função ainda disponível, a de oprimir e explorar os outros. (p. 173).

O mito, na sua narrativa secular manteve o fortalecimento da índole guerreira e a autorização para oprimir e explorar. Com relação à arte, registrou que cabiam as mulheres a arte e a pintura. As mulheres praticam dois estilos: o espírito decorativo, mais usado para o rosto, e sendo angular, o estilo geométrico usado para o corpo. Em seus estudos, o autor sugeriu que na arte desse grupo está representada sua sociedade.

Lévi-Strauss (1996) presenciou o ritual da passagem da menina, ou seja, assistiu à ‘festa da moça’. Primeiro vestiram a menina à moda da tradição, com um vestido formado por um pano quadrado, enrolado no corpo, passando por baixo das axilas. Pintaram o seu rosto, ombros e braços com ricos desenhos e enfeitaram seu pescoço com vários colares. O Quadro 6 sintetiza as contribuições do autor, com ênfase nos eixos inspirados em Mauss.

Quadro 6. Registros de Claude Lévi - Strauss -1935

Técnica de nascimento

Não há relatos de como as mulheres faziam o parto. Presenciou o rito de passagem, um processo natural preparador para nascimento de crianças.

Desmame e pós-desmame

Não há relatos de como ou de que se alimentavam.

Diferenças na criação do menino e da menina

Os meninos eram escultores. Às vezes pintavam o rosto dos meninos. Educavam as meninas na arte da cerâmica. Presenciou o ritual da ‘festa da moça’. Mas registrou que as mães confeccionavam figuras de personagens ou animais e estatuetas de madeira, para brincar.

2.2.3 Darcy Ribeiro - 1947

O etnógrafo brasileiro Darcy Ribeiro esteve com os Kadiwéu em 1947, como representante do Estado, pois atuava no antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Seu livro, “O saber, o azar e a beleza”, foi publicado em 1980. Também publicou um artigo com o título de “Sistema familiar Kadiwéu”, em 1948. Naquele período, os Kadiwéu se encontravam concentrados em três aldeias, perfaziam um total de 235 pessoas.

Ao tratar do sistema familiar Kadiwéu, encerra em seu interior uma dinâmica de relações complexas que estabelecem três conexões: (a) processo histórico constitutivo da construção do passado com o presente, (b) o novo-paradigma ou o contemporâneo Kadiwéu que vive, vê e atua nele, com os antecedentes que lhe dão sustentação e (c) a criança, que além de atuar e viver nesse sistema implica uma nova visão para o futuro dos processos sociais e culturais, assumindo para si esses novos pressupostos, remodelando o processo histórico do seu grupo.

Com relação aos estudos do patrimônio mítico, Ribeiro (1980) afirmou que grande parte dele foi obtida durante a expedição de caças no Pantanal. Comenta que nessas caçadas participavam também as mulheres e crianças de várias aldeias. Foram destacados os mitos específicos para as crianças, pois reportam à educação da criança na cultura. Um desses mitos explica que alguns homens estavam no mato, tirando mel de uma árvore muito grossa e, quando eles iam alcançar o mel, acharam um menino feio, barrigudo, muito feio mesmo. Tinha umas pestanas grandes, do tamanho do nariz. Levaram aquele menino para casa.

Ele foi logo para o terreiro brincar com a meninada. Então uns meninos tiraram um cabelo da pestana do barrigudinho e relampejou. A menina achou aquilo bonito e tirou mais, foi relampejando até que trovejou forte e caiu um raio que matou aquela criançada toda. Neste estudo, não foi priorizada uma interpretação antropológica dos mitos dedicados às crianças, o que requer estudos posteriores.

Ribeiro (1980), ao fazer uma pesquisa com as crianças Kadiwéu de oito a quatorze anos, utilizou uma metodologia com desenhos, teve um resultado surpreendente. Relata que, embora não tenha sido esse o objetivo, pôde constatar que, desde cedo, os ‘estilos’ sobre desenhos e a pintura, bem como as diferenciações desse estilo entre os meninos e as meninas Kadiwéu já existiam. Desse modo, é como se fosse uma marca que já está impressa no *ethos* Kadiwéu, construída desde a infância.

O resultado foi surpreendente, os meninos desenharam animais, pessoas, plantas e casas, tanto mais perfeitos na representação e na composição, quanto mais velhos os desenhistas; as meninas, ao contrário, apresentaram um desenvolvimento completamente diferente, à medida que subiam em idade, para dar progresso no domínio do desenho, iam desaparecendo as representações, para dar lugar a formas abstratas e as figurações iam assumindo funções decorativas, podendo, muitas delas, ser tomadas como ensaios de estilizações simétricas. Na idade em que o menino procurava fazer composições anedóticas, as meninas começavam a preocupar-se com o domínio do espaço e surgirá a idéia de dividi-lo em áreas decorativas separadas por linhas de ênfase. Assim vemos que já na infância começa a diferenciação dos interesses e estilos artísticos; nas crianças a sociedade começa a modelar os futuros artistas, as decoradoras formalistas e os entalhadores naturalistas (RIBEIRO, 1980, p. 265).

Mesmo com esses dados, Ribeiro afirmou que essa arte e técnicas desapareceriam antes que estudiosos pudessem registrá-las. A exposição dos fatos nos leva a inferir que, se desde a infância as crianças imitam os pais, desde cedo elas esboçam um conteúdo instituído no grupo primário.

Em seu artigo sobre o sistema familiar, o autor falou da importância da unidade funcional daquela sociedade, ou seja, o núcleo de indivíduos que vivem na mesma casa. Nesse

contexto, além do cotidiano, as histórias voltadas para a criança estariam para incutir reflexões sobre os perigos que aquele tipo de vida impunha. Para ilustrar, transcrevo o que contou Cardoso, informante de Ribeiro em 1947.

A criançada, quando se juntava para brincar, não queria largar mais. A mãe chamava para ir embora, mas eles continuavam brincando. Um falou, vamos dormir companheira, daqui a pouco nós acordamos e vamos brincar até amanhecer o dia. Eles dormiram. Ficou aquela meninada dormindo no terreiro. Durante a noite veio ‘cipó’, um tipo de cordão vegetal, e carregou todas as crianças. Por isso estariam no céu, naquela roda grande de meninada. Essa associação com as estrelas trata do conjunto estelar conhecido como “corona austral”, explicou Ribeiro (1980, p. 93). Na pedagogia tradicional, o mito é um procedimento que ajuda a formar o modo de ser da criança Kadiwéu.

Nesse sistema familiar, o casamento podia ser de acordo com os pais, as crianças eram prometidas e quando a menina entrava na menarca era comemorada com a ‘festa da moça’.

Ele reafirmou também a transferência do rapaz para a casa da esposa, após o casamento, e acrescentou que as relações entre genro e nora, sogro e sogra eram de respeito, o genro não falava diretamente aos sogros em sinal de respeito. Segundo Ribeiro, quando os sogros falam era sinal de que eles não desejam mais esse genro (1980, p. 192).

Por outro, lado Ribeiro (1976, p. 83) destacou que “os cônjuges são em geral muito carinhosos e passam juntos quase todo o tempo em que o marido está em casa, contando casos e rindo [...]”. Juntos tomavam banho nas baias uma ou duas vezes por dia e atendiam também juntos, a todas as suas necessidades (p. 83).

Às mulheres cabiam os cuidados com os filhos, mas as relações de filhos e pais estavam na medida em que a mulher tinha filhos somente após os vinte anos, sendo raras as mulheres que tinham mais de dois filhos. Os casais mais jovens eram mais carinhosos uns com os outros.

Não foram encontrados dados sobre a técnica de nascimento naquele período, mas o autor reafirmou que a mulher podia optar ou não pela gravidez. Caso optasse por interromper, fazia uso de raízes amargas, principalmente de fedegoso¹⁸, normalmente ajudada por um homem. A maioria tinha outro filho quando o último tivesse mais de três anos, sendo muito raro terem mais de dois filhos.

¹⁸ Erva medicinal de flores amarelas, geralmente de odor desagradável.

Segundo Ribeiro (1980), o fato de terem no máximo um ou dois filhos se deve, entre outros, ao fato de o casal ficar em abstinência sexual antes e depois do nascimento da criança. As mães ficavam exclusivamente cuidando do filho, estando atenta aos menores gestos, orientando-os em todos os momentos. Se não estivessem casadas, somente à noite iam tomar banho e lavar roupa. Naquele período, o pai era quem cozinhava para todos, os mais velhos e as crianças cuidavam da colheita de frutos, palmito e mel.

Com relação à alimentação, Ribeiro (1980) registrou que a amamentação da criança Kadiwéu perdurava até os dois anos ou mais. As mães comentavam que as crianças, se deixadas sozinhas, podiam comer qualquer coisa do chão. Posteriormente ela era introduzida na alimentação do adulto que era constituída de frutas, milho, caça, pesca e carne de gado.

Quanto aos modos de criar o menino e a menina, os pais se sentiam igualmente obrigados a orientar e ensinar os filhos. Não havia segredos para os pequenos, todos os assuntos podiam ser ouvidos, não havia constrangimento por parte dos adultos, falavam sobre tudo perto delas. Ribeiro destacou que as mulheres, durante a gravidez, dormiam em cama separada do marido, abstendo-se das relações sexuais por dois meses antes do nascimento e por um ano depois, podendo ser esse um dos motivos da separação do casal, supôs o autor.

O irmão mais velho era visto como autoridade que podia ajudar a resolver problemas do irmão mais novo. O homem, quando se separava da esposa, a primeira casa que procurava era a de sua irmã, que considerava como sua. Quando os pais morriam, os filhos e filhas herdavam igualmente os bens familiares.

Desse modo, o Quadro 7 mostra uma síntese da criança Kadiwéu sob os três eixos inspirados em Mauss (2003).

Quadro 7. Registros de Darcy Ribeiro - 1947

Técnicas de nascimento e obstetrícia

Não há dados sobre técnicas de nascimento. A mulher podia interromper a gravidez. O casal tinha dois filhos, ficavam em abstinência sexual antes e depois do nascimento da criança.

Desmame e pós-desmame

A amamentação podia se estender até os dois anos ou mais. Velhos e crianças cuidavam da colheita de frutos, palmito, mel, da caça, pesca e do gado. Era inserida na alimentação do adulto. A mãe cuidava da criança, o pai cozinhava para todos. A mãe cuidava do filho, estando atenta aos menores gestos deste.

Diferenças na criação da menina e do menino.

Os pais orientavam e ensinavam os filhos; não havia segredos para eles. O irmão mais velho é visto como autoridade. Eram satisfeitos pacientemente com detalhes sobre qualquer assunto. O pai liga-se mais ao filho, e a mãe à filha. Havia divisão rígida entre os gêneros e de trabalho, mas ambos colaboravam na educação das crianças. Era costume o homem pedir a mão da moça em casamento. A menarca era comemorada com a 'festa da moça'. Os irmãos eram unidos e carinhosos. A autoridade dos pais era maior que a do marido.

2.2.4 Jaime Siqueira Júnior - 1993

Jaime Siqueira Junior, antropólogo, conviveu com os Kadiwéu por um longo período. “Essa terra custou o sangue dos nossos avôs” (1993), resultou de projetos realizados com o grupo num período de quatro anos, como membro do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Seu trabalho faz reavaliações sobre a estrutura social, política e econômica dos Kadiwéu, particularizando-os no tempo e espaço.

Siqueira Junior (1993) indicou a população de 1.223 pessoas Kadiwéu distribuídas em cinco aldeias: Alves de Barros, Campina, Tomázia, São João e Barro Preto. Os Kadiwéu da atualidade estão estabelecidos em Aldeias, cada uma tem seu chefe, e os capitães são escolhidos pelo grupo. Algumas famílias moram em fazendas arrendadas, contudo não desfazem os laços da aldeia. Há os que moram em fazendas, mas deixam as famílias nas aldeias, visitando-as sempre e mantendo contato com o grupo.

Os Kadiwéu são livres para ir e vir de suas aldeias; há uma população flutuante. Nas aldeias Campina e Tomázia, há maior número de homens aptos para o casamento do que mulheres, esse dado se repete na população de crianças menores de quatorze anos. Desse modo, os homens dessas aldeias continuarão casando-se com mulheres de fora da aldeia, comenta o autor.

Sobre a economia Kadiwéu, Siqueira Junior (1993) destaca que, naquele período, estava organizada na obtenção dos recursos provenientes de arrendamentos das fazendas de seu território, das atividades agrícolas, da criação de gado bovino e equino e, em menor escala da caça, da pesca e da coleta de mel.

A realização de empreitadas e a venda da força de seu trabalho nas fazendas vizinhas da reserva eram atividades constantes, são exclusivamente masculinas. Com relação aos trabalhos manuais masculinos, havia o metal e o entalhe, que até 1934, conforme relatos de Darci Ribeiro (1980) foram abandonados, permanecendo somente a confecção do chapéu de palha da carandá, por alguns homens da aldeia Bodoquena e Tomázia.

Com relação ao trabalho para a economia dos Kadiwéu, as mulheres, em sua política, além de cuidarem dos filhos e de outras coisas relacionadas à vida cotidiana, contribuem muito com a renda familiar, com a comercialização de artesanato, como trançados, colares, faixas de algodão, couros pintados e principalmente a cerâmica.

As mulheres Kadiwéu possuem grande autonomia em relação aos homens para realizar as viagens a fim de comercializar seus produtos, ficando vários dias ausentes da

aldeia, acompanhadas normalmente pelas filhas ou irmãs. Essa autonomia das mulheres Kadiwéu é uma característica marcante e as difere das outras etnias.

Naquele período, os mais velhos reclamavam da falta de interesse dos mais jovens e crianças por essas histórias. Contudo, o autor pesquisou esse tema entre os estudantes matriculados na escola da aldeia de Bodoquena, e foi obtido grande número de histórias orais. Nesse sentido, a pesquisa mostrou que a cultura está mantida intensamente na memória coletiva dos Kadiwéu.

O resultado foi que a maioria escreveu histórias relacionadas à cosmologia do grupo, como por exemplo, as Plêiades, ou ‘sete estrelas’. Nessa história há uma remodelação das casas e uma limpeza geral de todos os utensílios, para a obtenção mais prosperidade. A experiência demonstrou que os jovens que hoje recebem advertências pelo desinteresse em relação às tradições de seu povo, continuam na verdade “ouvindo histórias”, e provavelmente repetirão essas mesmas histórias e críticas para as gerações futuras (p.37).

De um modo geral, todos conhecem as histórias, mas preferem que os mais velhos contem embora nem sempre eles contem com riqueza de detalhes. Por outro lado, elas vão sendo remodeladas pelas novas e futuras gerações. Os rituais, as brincadeiras e os jogos abordados por Siqueira Junior (1993) geralmente são realizados no Dia do Índio, festa instituída pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com a instalação dos postos indígenas na década de 30.

O Dia do Índio culmina com o reforço dos laços de solidariedade dos Kadiwéu, constituindo oportunidade para levantar lutos, ensinar, socializar e iniciar as crianças nas festas; recordar danças e músicas tradicionais, aglutinando-se assim vários aspectos da cultura Kadiwéu. As festas da cultura Kadiwéu começam quando as plêiades tornam-se visíveis no céu, que se relaciona com a época do plantio.

As festas da cultura, segundo Siqueira Junior (1993) incorporam elementos da tradição junto aos mais jovens e crianças, tendo características didáticas, proporcionando momentos de socialização. Dentre elas está a do ‘Bate-pau’¹⁹, dos ‘Bobos’ e a festa de quando o jovem viaja pela primeira vez para a cidade. Desse modo, as festas são de suma importância para o processo de socialização. Para essas festas, danças e músicas, destacam-se os anciãos, que são os principais líderes da organização do evento.

Dentre as festas destacadas para a criança e a iniciação das meninas e meninos, estão do ‘Bate-pau’ e a dos ‘Bobos’. O ‘jeito’ de iniciar o menino nas danças tradicionais do ‘Bate-pau’ ocorre quando um menino dança pela primeira vez, e fica reconhecido pelos

¹⁹ Essa dança ou festa é diferente da dança do bate-pau realizada pelos Terena.

participantes. A família da criança fornece uma vaca para ser carneada no dia seguinte, podendo ser consumida no churrasco ou dividida entre as famílias da aldeia.

Através desse procedimento, explica o autor, se estabelece uma espécie de redistribuição de riqueza (vacas), que fica a cargo do capitão ou de outro líder mais idoso organizar. Realiza-se, então, um breve ‘ritual’ para marcar a participação das crianças: os parentes da criança estendem um pano no chão, em cima do qual um grupo de pessoas dança o ‘Bate-pau’. Depois disso, os parentes da criança presenteiam o pano à pessoa que mais participou das festas, que, por sua vez, o amarra à cintura e continua a dançar.

Na ‘dança dos Bobos’, a família da criança que faz sua iniciação também fornece uma vaca para ser carneada durante as festas. Ela é sacrificada pelos ‘Bobos’ de maneira não convencional, a facadas e a machadadas. Durante essa festa, nenhuma criança pode pronunciar o nome do mascarado, podendo ser surrada se o fizer, o que de certa forma explica o medo que as crianças demonstram diante dos ‘Bobos’. Essa dança provoca dubiedade, pois à medida que serve de diversão para adultos também provoca medo. Desse modo, representa a noção do perigo, de redistribuição (vacas) e de provação (iniciados) esclareceu Siqueira Junior (1993).

Na iniciação feminina ou a ‘Festa da moça’, tem início assim que a menina menstrua; ela avisa os pais para ‘festar’, começa um jejum parcial, que consiste em comer arroz no final da tarde, abstendo-se da carne e da gordura. Deve ficar em resguardo em todo o período de festas, que pode durar de três dias, ou até uma semana. Durante o resguardo, fica o tempo todo em cima da cama, dentro do mosquiteiro, evitando desviar o olhar e pisar no chão.

A iniciada é então denominada *Nogaana-ake* (moça que dá festa). Durante as noites ocorrem bailes no terreiro da casa da moça, animados normalmente com sanfonas e violão, até o dia em que os pais resolvem encerrar as festividades com a cerimônia final. Para isso, os pais convidam alguns familiares e chamam os descendentes e de seus ‘cativos’, que se encarregarão então de convidar outros membros da aldeia.

No começo da manhã do dia do encerramento, os donos da festa soltam fogos e os descendentes de ‘cativos’ da família da mãe da iniciada são os primeiros a chegarem para auxiliar nos preparativos. Quando a maioria dos participantes chega, um dos ‘cativos’ encarrega-se de distribuir as tarefas rituais, indicando outros ‘cativos’ para sentarem num couro e outras mulheres, também descendentes de ‘cativos’, para entrar na casa da moça. Dentro da casa, uma das mulheres canta e passa talco ou cinza branca na menina e nela mesma. Em seguida, outra mulher passa um batom vermelho ou urucum no rosto e na testa da menina e depois no queixo dela própria.

Finalmente, outras mulheres usam o que se chama de ‘abanico’ (pano vermelho bordado com moedas) para abanar a menina, entremeando choros rituais, num clima de forte emoção. Antigamente, a iniciada também era presenteada com um bracelete de prata. Nesse momento, somente as mulheres podem ficar dentro da casa, admitindo, no máximo, a presença do pai da moça.

A última das mulheres a usar o ‘abanico’ bebe um copo de aguardente e fica com a posse deste, podendo vendê-lo a um preço alto para a família da próxima moça que ‘festar’. A família que precisar do ‘abanico’ pode também fazer outro, caso não queira comprar aquele que, de certa forma, cumpre a mesma função que cumpria a chamada ‘tigela de moça’ - peça de cerâmica ornada com miçangas, usada para beber a aguardente - atualmente em desuso e substituída por bacias.

Depois de saírem da casa, as cantoras da festa, parentes da moça, executam seus cantos específicos para que os ‘cativos’ indicados sentem no couro e tomem suas posições. Cada um deles recebe um corte de pano dado por parentes da moça, inclusive a pessoa encarregada de distribuir as tarefas, que o amarra à cintura.

Desse modo, essa transmissão educativa é tratada com cuidado pelos Kadiwéu. O rito de passagem, ou ‘ritos de iniciação’, varia muito, no caso dos Kadiwéu, que fazem uma festa para o menino e outra para a menina. Assim, o corpo, que vai sofrendo modificações que são naturais, vai sofrendo também pelas ações culturais.

Desse modo, os três eixos caracterizados por Mauss (2003), podem ser sintetizados no Quadro 8 da seguinte forma:

Quadro 8. Registros de Jaime Siqueira Júnior - 1990 a 1993

Técnica do nascimento e obstetrícia

Não houve detalhamento de como as mulheres realizavam os partos. Mas os jovens são preparados para o casamento.

Desmame e pós-desmame

Não há relatos de como era feito o processo. Os alimentos eram obtidos com recursos provenientes de arrendamentos das fazendas, das atividades agrícolas da criação de gado bovino e equino, da caça, da pesca e da coleta de mel.

Diferenças na criação da menina e do menino.

Pesquisa realizada na escola mostrou que crianças e jovens dos sete aos dezoito anos tinham conhecimento das narrativas, das mitologias e das histórias orais do seu povo. O personagem simbólico dos ‘bobos’ contribui para pôr limites na educação das crianças. Os meninos passam por um ‘rito’ quando fazem a primeira viagem até a cidade. As meninas passam pelo rito da ‘festa da moça’. Danças do ‘Bate-pau’ e dos ‘Bobos’ inicia o jovem para a vida adulta e, conseqüentemente, para o casamento.

2.2.5 Mônica Thereza Pechincha - 1994

Mônica Thereza Pechincha permaneceu com os Kadiwéu por cinco meses, na aldeia Alves de Barros, em 1994. O trabalho de sua dissertação denominou-se 'Histórias de admirar, Mito, Rito e História Kadiwéu'. Nela faz a reconstituição dos mitos e as narrativas, sob uma perspectiva antropológica, das quais algumas foram selecionadas para as crianças.

Pechincha (1994) relatou que, de manhã cedo, adultos se reúnem em frente das casas para tomar o mate, antes do 'quebra torto', a refeição matinal que consiste em arroz, mandioca, macarrão e carne. No centro da aldeia, há o movimento das crianças e jovens deslocando-se para a escola, que naquele período contava com professores indígenas, uma Terena e três Kadiwéu. Durante o dia, a movimentação de índios atravessando a aldeia era grande, eram índios descendo da missão, homens a cavalo, recolhendo ou deslocando o seu gado, jovens ocupando-se com passeios a cavalo, ou de bicicleta.

No período da tarde, a movimentação ficava por conta do campo de futebol, para treinos diários, enquanto a pista de pouso para as 'carreiras', onde há torneios com participação de cavaleiros e os melhores cavalos, com apostas, que podem ser pagas em cabeças de gado.

À tardinha, os Kadiwéu se visitavam nos pátios de suas casas, ou à sombra de uma árvore, numa conversa desinteressada. Essa reunião envolvia visitante e anfitriões, sendo a maioria parentes. Essas conversas eram sempre em tom baixo, regadas de tereré. Esse encontro, seja de manhã ou à tardinha, ao visitante é reservado um banco comprido. Se a pessoa é de cerimônia, o banco vem com pelego feito de pelo de carneiro, para torná-lo mais confortável. O domingo é dia de culto na igreja pentecostal construída na aldeia Bodoquena, as mulheres sentam de um lado da igreja, os homens do outro; no culto, os cânticos bíblicos são traduzidos para o idioma Kadiwéu.

Na constituição política, Pechincha (1994) destacou que, ao longo do processo histórico, os Kadiwéu estão constituídos em duas famílias que detêm o poder interno na aldeia Bodoquena. Dividem a hegemonia política na aldeia, mas somente um capitão comanda o grupo, e é eleito pela comunidade.

O capitão da aldeia é assessorado por um conselho, composto por homens, geralmente mais velhos. O sistema de cativos atualmente funciona, mas basicamente para efeitos dos rituais. Os jovens podem alcançar posição de chefe pelo domínio da língua portuguesa e pelo grau de escolaridade.

O grupo está dividido em duas facções, o que isso se deve à administração dos arrendamentos. Os líderes das duas facções continuam a representar em conjunto a comunidade em assuntos externos. Naquele período, um Terena controlava a administração da FUNAI/Regional de Campo Grande, sendo reconhecido por todos.

Com relação à miscigenação, segundo Pechincha (1994), casamentos entre senhores e cativos sempre existiram. Um informante, descendente de cativos, mostrou-se desgostoso com o estado em que hoje se encontra a aldeia, em virtude dos inter-casamentos, para eles pouco aceitos.

Destacou que “Há rivalidades entre esse grupo, pois jovens mulheres Terena reclamam do tratamento diferencial dos sogros em relação às cunhadas Kadiwéu, por sua vez os Kadiwéu reclamam que os Terena querem usar o nome em certas circunstâncias” (PECHINCHA, 1994, p.79).

Segundo Pechincha (1994), a atualização do ‘sistema de cativo’, na atualidade está marcada por estereótipos aplicados às pessoas dentro do grupo, de acordo com a ascendência, consolidando distinções. A categoria ‘Kadiwéu puro’ vincula-se a critérios de descendência que, contudo, desconhece a miscigenação. Mas são participantes de toda a tradição dos Kadiwéu.

Dentre as tradições que mantêm, está o rito de nomeação’, quando recebem nome em duas ocasiões. Ao ‘nascer’ o nome vai incluí-lo em um lugar de ordem na sociedade, ligando-o ao grupo de pertencimento e às classificações sociais. Quando morre algum parente, os membros mais próximos recebem outro nome, embora essa simbologia não aconteça para todos. A morte é também simbolicamente representada pelo ‘corte de cabelo’, como sinal de luto.

Para os Kadiwéu, mudança do nome significa ‘não lembrar’ do parente morto. A perda precisa ser neutralizada, ao mesmo tempo em que re-nomear faz lembrar a unidade do grupo e recordar seus símbolos, esclareceu Pechincha (1994). Como exemplo, o mito de *Nitikana* trata metaforicamente do rapto de crianças, de outros povos.

O mito conta a história de *Nitikana*, mas a história se inicia antes do seu nascimento. A mãe de *Nitikana* teve, antes dela, uma filha e chamou-a de *Ebecalowai*. Certo dia, a mãe levou-a para banhar no rio. De repente, formou-se uma grande onda que veio em sua direção. A onda falou: eu vim para buscar a sua filha. A mãe, assustada, não se moveu para proteger a filha, e a onda a levou.

Quando nasceu *Nitikana*, seus pais disseram que ninguém a tiraria deles. O pai de *Nitikana* sempre fazia fogo para espantar lobinhos. Mas, quando a *Nitikana* estava com três

dias, a lobinho veio pegá-la. A lobinho é uma ladra que gosta de pegar crianças e todos a temem. Ela veio de noite e levou *Nitikana* para o mato. A história continua até *Nitikana* ter um filho longe de seus familiares e de seu povo. Desse modo, o nascimento da criança pode ser explicado pelo mito de *Nitikana*, aqui narrado apenas em parte.

A autora comenta que dentre as festas há a mais significativa para os Kadiwéu, a ‘festa do navio’. A didática educativa dessa festa educa todos os elementos do grupo. A autora presenciou essa festa cujo desenvolvimento é todo voltado para a guerra do Paraguai. Todos participaram, inclusive crianças, convidados e hóspedes.

As ‘técnicas de nascimento’ a criança Kadiwéu ‘pura’ era festejada por todos na aldeia. Para as prescrições do pós-parto da mulher, ela não estaria autorizada a comer carne de animal, o objetivo disso seria preservar a mulher para não virar bicho, não ser guerreira, sendo apenas para a preservação e para dar continuidade à sociedade Kadiwéu.

A outra ‘técnica de nascimento’ estaria, segundo Pechincha (1994), na ‘reprodução vinda do rapto’. Assim, todas as crianças vindas do ‘rapto’ estariam inseridas como Kadiwéu. Quando o grupo se preparava para guerrear com outros povos, ‘simbolicamente a mulher gestava’. Se por um lado Pechincha (1994) não deixou evidenciados os cuidados, os modos de nascer e de ser criança, bem como sua infância, por outro há de se considerar que o retrato da criança Kadiwéu foi exposto simbolicamente da seguinte forma: através do ‘mito’ da captura de outros povos, a criança morre em seu grupo de origem para nascer no grupo Kadiwéu; no ‘mito de nomeação’, ao ser introduzido no grupo, a criança ou o sujeito passa a adotar um nome Kadiwéu e, conseqüentemente passa a fazer, participar e viver as normas desse grupo.

Com a chegada das missões, as mulheres Kadiwéu hoje têm mais de dois filhos. No depoimento de uma senhora Kadiwéu para Pechincha (1994), ela afirmou que a chegada da Missão foi boa porque eles, os Kadiwéu, estavam desaparecendo. São conhecidos por terem jeito de serem brabos, correspondia a um modo de educar que preparava as crianças para a insensibilidade à dor. Desde pequeninha, a criança do sexo masculino já era submetida à dor. “Desde este gurizinho assim, já pega a caixa de maribondo e deixa derrubar no gurizinho quando está engatinhando. Deixa picar joga lá no caraguatá, vem saindo aquele gurizinho, onde cria coragem.” (p. 120). Contudo, contam que esse tratamento não era aplicado em todos os meninos. Esse assunto foi confirmado pela senhora Mercúrio (2008), ao relatar que presenciara a avó levar seu irmão de dois anos de idade para ser picado, “hoje ele é muito brabo”, afirma. Desse modo, os relatos da autora sobre a criança explicam os três eixos inspirados em Mauss (2003), conforme sintetizados no Quadro 9.

Quadro 9. Registros de Mônica Thereza Pechincha - 1994

Técnica do nascimento e obstetrícia

Não há detalhamento de como as mulheres realizavam o parto. Ao ‘nascer’ o nome vai incluí-lo em um lugar de ordem na sociedade. A criança era festejada, inserida pela captura-rapto, morria para seu grupo e nascia entre os Kadiwéu.

Desmame e pós-desmame

Qualquer mulher pode amamentar a criança, finalizando a amamentação a criança era inserida na alimentação dos adultos.

Diferenças na criação da menina e do menino.

O menino era preparado pelo pai, ajuda-o nos cuidados com o gado, cavalo e outros elementos. A menina inserida na técnica da cerâmica e outros artefatos. É preparada para dar continuidade à família. A ‘festa do navio’ educa todos os sujeitos do grupo.

2.2.6 Marina Vinha - 2004

A autora relata mudanças ocorridas entre os Kadiwéu, na atualidade. Registrou que qualquer pessoa seja Kadiwéu ‘puro’, homem ou mulher pode ser escolhido desde a infância para ser o filho querido. A expressão ‘filho’ ou ‘filha querida’ é adotada para pessoas preparadas desde a infância para transmitirem o conhecimento tradicional.

Com relação ao nascimento da criança Kadiwéu na atualidade, segundo Vinha (2004), não se fala em infanticídio e aborto, isso se deve a influencia cristã que existe na aldeia e à coerção feita pela Fundação de Saúde (FUNASA), em forma de ação política de proteção à gestante. Em decorrência, houve re-significação desses modos anteriores, sendo visível o aumento de bebês no grupo.

A autora registrou aproximadamente 30 tipos de jogos em que crianças, jovens e adultos brincavam em noites com a claridade das ‘sete estrelas’, em situações ritualísticas, na formação do guerreiro e nos ritos de passagem das diferentes fases da infância. Esses jogos, denominados pela autora ‘jogos tradicionais’ diferenciam-se de outros jogos populares por considerarem a cosmologia do seu povo e valores étnicos.

O jogo tradicional é entendido como atividade física com características lúdicas, que representam importantes elementos culturais como valores tradicionais, mitos e magias. Rocha Ferreira *et all* (2005) comenta que embora esses jogos fossem lúdicos, eles requerem um aprendizado específico de habilidades físicas, de estratégias ou chances, empregadas para preparar a criança e o jovem para prepará-lo para a vida adulta e socializar. Ainda conforme os autores esse tipo de jogo tradicional pode ser adotado de outros povos.

Na narrativa de Vinha (2004) o retrato da criança, sob os três eixos destacados por Mauss (2003) está sintetizado no Quadro 10.

Quadro 10. Registro de Marina Vinha - 2004

Técnica do nascimento e obstetrícia

Não há relatos de como as mulheres faziam os partos. O nascimento da criança Kadiwéu pura é festejada por todos da aldeia.

Desmame e pós-desmame

Qualquer mulher pode amamentar, a criança é desmamada aos três anos ou mais, ela determina o desmame, e inserida na alimentação do adulto.

Diferenças na criação da menina e do menino.

Antes o menino era preparado para ser guerreiro e suceder o pai, hoje é preparado para representar seu grupo na comunidade e fora dela. A mulher dá continuidade a família, preservação e continuidade da sociedade Kadiwéu, cuidados da casa, na confecção da cerâmica e cuidar dos filhos. Poucos jogos tradicionais são praticados, portanto os vínculos destes com os mitos e magias do grupo estão silenciados.

2.2.7 Lisiane Koller Lecznieski - 2005

Lecznieski (2005) foi uma das estudiosas dos Kadiwéu que focalizou sua pesquisa nas crianças. Segundo a autora, vivem aproximadamente 2000 habitantes em toda a área Kadiwéu. Lecznieski esteve com os Kadiwéu em 2001 e 2002. A atual organização social do grupo foi captada pela autora da seguinte maneira: o capitão que é escolhido pelo grupo, lhe cabe, além de outras responsabilidades, lidar diretamente com conflitos, problemas e tomadas de decisões. Na escolha, há discussões prévias, em geral é encerrada formalmente numa reunião. Além do cargo de capitão, são consideradas prestigiosas as posições de funcionário da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), de liderança da Associação das Comunidades Indígenas da Reserva Indígena Kadiwéu (ACIRK) e, sobretudo, o lugar de ‘conselheiro’ do capitão e da liderança.

Essas pessoas são respeitadas por todos, mas não lidam diretamente com os conflitos. Os conselheiros são em geral pessoas que já possuem prestígio dentro e fora do grupo, sendo esse prestígio, portanto, construído ao longo dos anos, através da demonstração da capacidade de liderança, de ser bom de fala e, principalmente, de ter idéias próprias.

Na atualidade, parece raro acontecer casamento ‘prometido’, mas até uns quinze anos atrás isso acontecia e as crianças já eram preparadas para isso. Nos relatos de Lecznieski (2005), a separação do casal pode ocorrer tanto por iniciativa da mulher quanto do homem. Quando um casal estabilizado, com filhos, se separa as crianças ficam em geral com a mãe. Mas a autora conheceu casos em que houve uma divisão das crianças os filhos mais velhos ficaram com os pais e os menores com a mãe - pelo fato de ainda estarem amamentados. Segundo Lecznieski (2005) é notável o fato de os homens Kadiwéu em geral não apelarem regularmente à casa materna (à mãe, irmãs ou irmãos) para a criação das crianças, podendo

acontecer, inclusive, em um eventual segundo casamento, de delegarem o cuidado e criação aos parentes da nova esposa.

A autora também ouviu comentários sobre os filhos mais velhos que ficaram com os pais de que, quando adultos alguns não tinham “nenhum afeto pela mãe”, contudo os outros irmãos a visitavam e levavam presentes. As informantes de Lecznieski (2005, p.133) contaram ainda que quando é a mulher quem decide “partir com outro”, as crianças, se não forem muito pequenas, em geral ficam com o pai. E em casos de falecimento da mãe, de que teve conhecimento, as crianças passaram a morar com a avó materna. Quando é o pai que morre, as crianças podem ficar tanto com os avós maternos quanto com os avós paternos, afirma a autora. Lecznieski (2005) se hospedara com uma família formada por, além do casal mais velho (casados há quase vinte anos) e dois filhos, uma menina de quatro anos e um menino de 11, ambos primogênitos de um filho e de uma filha desse casal. Morava também um menino de dois anos, a quem o dono da casa era muito apegado (fruto da segunda gravidez da caçula, irmão biológico da menina de quatro anos), embora isso nunca fosse mencionado. Morava um senhor de 50 anos, que havia sido criado pelo pai do dono da casa, que o considerava “como irmão”, mais a nora de um deles com seu bebê recém-nascido.

A autora comenta que a relação do casal era de grande intimidade, admiração, respeito e cumplicidade. Demonstravam preocupação e carinho mútuo, sendo comum o marido fazer “agrados” à esposa e vice-versa. Como exemplo, o marido a levou a um passeio de caminhonete, de que ela gostava muito. Por sua vez, a esposa o atendia e o cercava de atenção, principalmente quando ele não se sentia bem (devido à ingestão de bebida alcoólica, por exemplo), levando remédios e todos os tipos de chás para aliviar seu mal-estar.

Lecznieski (2005) viu outro Kadiwéu preocupado com a esposa que fora ao médico e não pôde acompanhá-la e outro preocupado com a dor no abdômen da esposa. Isso foi visto tanto nos casais jovens quanto nos mais velhos. Lecznieski (2005) inspirou-se em Pechincha (1994), quando relatou uma parte do mito de *Nitikana*, para fazer emergir o nascimento de outras crianças no seio dos Kadiwéu.

Capturar crianças era semelhante à parí-las. Desse modo, estaria aí à relação ‘eu’ e ‘nós’; raptar seria o parir para o homem Kadiwéu. A resposta nesse sentido está nessa relação de gênero em que é possível identificar uma relativa continuidade na posição de geradores de criança, tanto dos homens quanto das mulheres. Para Lecznieski (2005), embora as mulheres gerem crianças nas relações íntimas ou familiares, uma vez que só deve vingar a criança que os pais aceitem cuidar, ainda que esta seja repassada para os avós ou para outra pessoa. Por

outro lado, os homens se destacam no interesse demonstrado pelas crianças dos outros. Contudo, ambos participam nas duas esferas: a política e a íntima.

O exercício de ‘raptos’ de crianças tem relação significativa com o passado narrado por Sánchez Labrador (1910), relatando que quando os maridos iam para a guerra com o objetivo principal de ‘capturar’ crianças, ao retornarem elas eram entregues às esposas, como troféus. Nesse sentido, pode-se inferir que o casal compactua com esse modo de ter filhos, ou seja, com atos de gerar e parir crianças de dois modos.

Estará aí um viés na diferenciação da mulher e do homem na questão do poder, para não dar a ela o dom de ser guerreira, embora ele seja tão guerreira quanto o homem. Para os Kadiwéu, todavia, a mulher teria que ser procriadora e cuidadora de crianças. Outro dado relacionado ao mito Kadiwéu é o tema ‘perigo’, que ronda as crianças. A maioria das histórias carrega perigo para elas. Seria esse um modo de impor limites às traquinices das crianças? Isso do ponto de vista lúdico seria um jeito de não bater e não pôr de castigo, uma pedagogia Kadiwéu.

Nesse sentido, e talvez por isso, os adultos tenham extrema preocupação, não desviando o olhar de suas crianças. Lecznieski (2005) afirma que o mito evoca nos Kadiwéu uma realidade interna, ou seja, eles se comovem profundamente com as crianças, tanto no sentido emocional, que é o fascínio que têm por elas, quanto no político e social, pois as crianças são motores importantes dessa dinâmica. O afastamento da criança da vida pública para circunscrevê-la ao interior da casa é ainda reprovado por outros povos, mas nesse espaço ela será protegida, terá afeição e seus desejos deverão ser atendidos. Dessa forma, matam-se crianças fora para cuidá-las dentro, observou o autor.

A partir disso, haveria uma distinção nítida entre o mundo familiar, dentro de casa, característica vivida por Lecznieski (2005), onde se vive um clima intenso de respeito, afeto, tranqüilidade e simpatia, e o mundo público, visto por carrancas, ameaças e conflitos inter-familiares, o que demonstra que o Kadiwéu é ‘brabo’. Isso pode ser entendido como as referências sobre um ideal de ‘ruindade’.

Com relação à predação, Lecznieski (2005, p.166) explicou que “fica explícita no caso Kadiwéu, não apenas o lugar atribuído ao outros nesta sociedade, como, e principalmente, a importância que a busca de crianças, tanto dos outros, inimigos, quanto entre os mesmos, adquire na dinâmica social e política do grupo”.

Ao tratar do controle conceutivo, Lecznieski (2005) explicou que, naquela época, era um assunto corrente. Afirmou que, antes de chegar à aldeia, fora apresentada a um senhor, conhecedor de “ervas para mulheres”, ou “ervas que fazem o sangue descer”. Na aldeia lhe

perguntaram o que havia feito, tomado, ou que métodos a pesquisadora havia usado, pelo fato de ter só um filho aos quase trinta anos de idade. A pesquisadora, naquele período havia levado seu filho durante a pesquisa de campo.

Com relação ao nascimento de crianças, Lecznieski (2005) explicou que, na geração dos velhos há somente uma criança e que a retomada do controle de natalidade é bastante notável nas gerações mais novas. Quanto aos casais relativamente jovens, Lecznieski (2005) observou que alguns viviam sozinhos, longe das crianças por muito tempo. Em um dos casos, duas crianças pequenas estavam com os avós paternos, enquanto o filho mais velho (com 10 anos) era criado desde pequeno pelo bisavô materno.

A essa relação a autora denominou ‘estranha parentalidade’ (p.135). Nesse sentido, explicou que existem relatos na literatura antiga dos Mbayá segundo os quais era costume do grupo dar seus filhos para os avós criarem como se fossem seus filhos biológicos.

A autora explicou que os progenitores eram muito jovens quando as crianças nasceram. Mulheres Kadiwéu afirmavam que só deixam nascer outras crianças quando a última tem três anos, pois elas se dedicam exclusivamente à elas. O nascimento do filho não assegura a estabilidade ou longevidade dos laços conjugais, ao contrário, hoje muitos casais jovem se separam ainda com filhos pequenos.

A família Kadiwéu tem um convívio de conversa e cuidado mútuo. A passagem do nome e a filiação biológica é que parecem assegurar os laços de parentesco dos Kadiwéu. O rompimento dos laços significa perda lastimável, por vezes sem volta. Nesse sentido, os filhos podem vir de outros - sejam parentes, inimigos ou cativados, e em situações de crise podem perder-se os laços, tornando-se inimigos.

Os laços podem ser desfeitos devido à distância espacial prolongada, quando os pais não perguntam ou deixam de perguntar sobre as crianças, de visitar, de conversar e de trazer presentes para os seus. Quando os jovens não seguem os conselhos dos mais velhos e dos parentes, “não medir as palavras”, ofender o outro.

Nesse sentido, isso significa a quebra de harmonia, que é vista como indispensável para a manutenção do grupo. Os valores de respeito à família e à comunidade, por mais distante que o sujeito fique, são constitutivos da identidade Kadiwéu.

O civilizado fala ‘bençã tia, bençã vó’ porque ele é obediente, explicaram para a autora. “Enquanto aqui, se nós não falarmos com os nossos filhos, eles ficam desobedientes, eles podem falar bençã, mas se não acredita no tio nem na avó”, não haverá laços ou eles se romperão. Se isso acontece, sentido a criança ou o adolescente desobedecerão e se afastarão da família e do grupo.

Leczniesk explicou que, embora o jovem casal costume doar seus filhos, ou a prática de “adoção” pelos avós seja plenamente aceitável pelo casal, com o passar do tempo, quando a relação se estabiliza e as crianças crescem, é comum haver conflitos, pois o alvo é a re-conquista das crianças. Nesse sentido, a cultura Kadiwéu, não só busca postergar a maternidade, mas igualmente tenta distanciá-la ao máximo das ligações biológicas. Desse modo, esses laços estabelecidos estão intimamente interligados com o controle rigoroso da natalidade e, conforme Lecznieski (2005) há uma combinação disso tudo com a prática comum de cativar as crianças dos outros, tornando suas, também revela o caráter eminentemente político da família e dos laços tecidos na vida doméstica.

A autora percebeu isso, e se apavorou quando, na casa onde ficou hospedada com seu filho, que a acompanhou nas pesquisas, percebeu o menino sendo cativado com balas e outras coisas interessantes para crianças. O dono da casa lhe dizia que o menino seria dele e logo lhe dariam um nome Kadiwéu. A criança tinha facilidade de aprender a língua kadiwéu, não só a senhora da casa afirmava, mas todos lhe diziam que ele já era um ‘kadiwéuzinho’²⁰. Assim, propuseram-lhe uma troca: Lecznieski ficaria com o neto deles, que necessitava estudar para ser doutor, e seu filho dela ficaria com a família Kadiwéu e se tornaria um Kadiwéu.

Com relação aos ‘cativos’ no sentido dado por autores anteriores, a autora observou que não poderiam ser chamados de ‘escravos’, pois existe uma relação implícita de parentesco e afeição manifestada por ambas as partes. Mesmo sendo uma relação hierárquica, nas práticas cotidianas, os cativos e outros estrangeiros incorporados não apenas são definidos como parentes, mas com o tempo poderão mobilizar-se politicamente usando o nome dos Kadiwéu. Nesse sentido, pode-se dizer que os ‘cativos’ foram conquistados e não subjugados.

Por outro lado, há na tradição desse povo o dispor de ‘cativos’ para festas, como no passado em que, não se mostrassem como tal, pois estariam descumprindo a etiqueta, e sem eles não haveria festas. Esse comportamento define uma formalidade, um distanciamento intra-grupal, uma marcação de fronteira entre a esfera pública e a doméstica, visando desmanchar (enquanto houver a festa se comporta como tal), e afirmar ao mesmo tempo (acabando a festa voltará tudo ao normal), mas continuará cativo.

Ao repensar a filiação, Lecznieski (2005) afirmou que, como em todas as culturas humanas, os Kadiwéu reconhecem as diferenças entre homens e mulheres. É o casamento

²⁰ Para mais detalhes sugiro a leitura no título 5.2 da referida autora.

união legítima existente entre os Kadiwéu, assim com é dentro dessa união que a filiação e a legitimidade das crianças são geradas.

Contudo, ao explicar a relação de parentesco entre os Kadiwéu, a autora mostra que elas não são naturalmente dadas, argumentando que várias práticas Kadiwéu - como a amamentação coletiva de crianças, a prática de os avós criarem os netos (as) dos primogênitos, de adotar crianças de estrangeiros ou inimigos etc, - evidenciam uma concepção do parentesco, bem como da pessoa, construída socialmente através de laços cultivados, ao invés de naturalmente dados.

Por outro lado, em comentários sobre o “perfil da personalidade” Kadiwéu, disseram a Lecznieski que para cortar pela primeira vez o cabelo do menino era necessário que se comprasse uma tesoura e um pente novos. Caso tenham ‘posses’, hoje em dia, levam o menino para cortar o cabelo no barbeiro, também usando instrumentos comprados especialmente para a ocasião.

Nas argumentações relacionadas à qualidade do sangue, Lecznieski (2005) comenta que o caráter contextual da dinâmica de parentesco Kadiwéu articula dois tipos de discurso, bem como dois processos, que se expressam basicamente em dois níveis. Em um, se processa uma diferença em termos de identidade étnica, distinguindo os Kadiwéu dos outros - estrangeiros e não Kadiwéu. Num segundo nível, processa-se uma diferença em termos de nobreza dos Kadiwéu, através da distinção de nobres e não-nobres.

Nesse sentido, para entrar para o grupo, ou se tornar um ser social Kadiwéu é preciso passar pelo processo de inclusão étnica, passagem obrigatória para ingressar no outro nível inclusivo, entre os ‘puros’ de sangue (os nobres). Essa composição, afirmou Lecznieski (2005), se dá de fora para dentro, semelhante a um movimento de ‘purificação’ do outro para torná-lo mesmo.

Da mesma forma, na ‘cativação’ da criança dos outros, parece seguir a mesma lógica, só que não pelos meios graduais, mas pela guerra e ou conflito que intermídia essa entrada radical do outro, que vai diretamente para o seio da família, para o mundo dos parentes.

Ainda nas demonstrações de gênero, a autora explicita que, nas reuniões de liderança, as mulheres eram marcantes. Os homens ficavam em uma roda perto do fogo e elas ficavam circulando perto da casa, principalmente aquelas com crianças pequenas.

Quando as visitas chegavam, os homens cumprimentavam as mulheres e se dirigiam à roda dos homens. A autora achou curiosa essa configuração das mulheres como platéia dos homens como centro do espetáculo. As crianças, lá pelas altas horas, eram

colocadas para dormir em camas improvisadas enquanto as crianças maiores e adolescentes brincavam ou ficavam no pátio.

Nessa diferença de gênero, tanto homens como mulheres discutem, disputam e criticam-se entre si. Lecznieski (2005) afirmou que as ceramistas competem entre si pela qualidade do trabalho e os homens competem nas formas de lutar pelo território. Embora os termos de disputa de gênero remetam à diferença, a concepção desse gênero implícita é bem particular dos Kadiwéu.

Outro fato particularizante é de as mulheres estarem sendo, nos últimos tempos, as que mais viajam para o estrangeiro (Berlim, Praga, etc). Isso tem incomodado o grupo, levando os homens e mulheres a pensarem em articular alternativa para que eles possam acompanhá-las. Um casal havia comentado com Lecznieski que iam começar a ensaiar algo que ‘pudessem mostrar’, como a dança Kadiwéu (do Bate-pau).

Embora as mulheres sejam marcadas em algumas esferas coletivas, elas participam das atividades públicas, inclusive das discussões e decisões políticas. Elas são ouvidas, respeitadas e consideradas parceiras dignas de diálogo pelos homens, quando perguntam, pressionam e emitem opinião.

O mesmo ocorre com os homens, que participam das atividades domésticas, opinando, tomando decisões, ajudando no cuidado com as crianças. “Nessa sociedade, as mulheres e os homens tendem a compartilhar as esferas de prestígio e poder, sendo difícil enquadrar o homem no modelo de dominação masculina” (LECZNIESKI, 2005, p.255).

Nesse sentido, Lecznieski (2005) apontou fatos marcantes e valorizados que, se existiam no passado de um modo, na atualidade foram remodelados. São eles: (a) protelação do nascimento dos filhos até certa idade 30 anos; (b) a preocupação com a estética do corpo - corpo idealmente desejável; (c) percepção da relação conjugal - agradar o marido e (d) no passado, o gosto pela aventura e na atualidade a prioridade é a produção de cerâmica. Na atividade que confere fama e prestígio às mulheres e ao grupo, a cerâmica exprime identidade étnica.

Contudo, segundo Lecznieski (2005) tanto as mulheres quanto os homens afirmam que a pintura é apenas para deixá-los bonitos. Eles esclareceram que, na sociedade Kadiwéu, ser ‘ruim’ não é visto como uma condição dada ao ser humano, mas, ao contrário, uma qualidade intimamente ligada à coragem, e que deve ser cultivada desde a infância. Ser ‘ruim’ é bom, ser ‘fera’ é belo.

Nos relatos de Lecznieski (2005), observou-se que a aparência corporal das crianças, jovens e adultos era uma preocupação constante. Os adultos e jovens gostam de

andar bem vestidos e penteados. Nesse sentido, encontramos o ‘jeito de cuidar as meninas e meninos’. As crianças, por brincarem arrastando-se no chão e se sujarem rapidamente, principalmente as meninas pequenininhas, eram banhadas a todo instante, seja no córrego ou em casa, usando canecas ou bacias.

As crianças um pouco maiores tomam a iniciativa de se trocarem, ou eram advertidas pelos adultos. Não era raro as crianças vestirem as roupas mais novas e bonitas que possuíam no dia-a-dia, sem serem contrariadas pelos adultos, a não ser para trocá-las novamente quando se sujassem. Nos dias de muito calor, continua a autora, era comum as meninas vestirem apenas calçinha e os meninos calção, estando sempre prontos para os freqüentes banhos no córrego. Embora as crianças menores tivessem toda a roupa para tomar banho no córrego, não era comum vê-las nuas pela aldeia. Foram poucas às vezes em que elas viram crianças (de sete a onze anos) tomarem banho nu, mesmo nos dias mais quentes.

A interferência na maneira de vivenciar o corpo pelo grupo foi comentada com Lecznieski (2005) por uma mulher Kadiwéu, que a enfermeira da Missão não gostava que deixassem as crianças sem roupa.

Dessa maneira, nos reportamos ao corpo como *locus* social desse grupo, expressado por vários autores. Sánchez Labrador (1910) narra que os Kadiwéu arrancavam os cílios e os pelos do corpo. Para Lecznieski (2005), do ponto de vista dos Kadiwéu esse comportamento era para não parecer com bicho (ema).

O objetivo seria para diferenciar o homem do animal. Essa prática não existe na atualidade, porque dizem que, além de dolorida, o fato de não existir guerra torna a existência do ‘guerreiro’ desnecessária.

A autora contou que um professor (não índio) da escola relatou que até há pouco tempo as crianças levavam cacos de vidro, facas e giletes para a escola e cortavam os braços na hora do recreio. Esse costume ficou em desuso com a introdução de práticas esportivas. Em outro momento, no encerramento de torneio de futebol, na entrega de troféus, o enfermeiro (jogador e capitão de um dos times), fez um discurso sobre os benefícios do esporte para a formação de crianças e jovens.

O professor Kadiwéu, segundo Lecznieski (2005, p. 210), em seu discurso, afirmou que “o esporte trazia boa saúde, dava força e resistência, sendo que o mais importante tem que ser um exercício de cooperação, amizade, competição saudável, pois se for para ofender, bater, se descontrolar e não seguir regras, não serve para nada e é melhor acabar com ele de uma vez”. Ao explicar os rituais sobre as crianças, Lecznieski (2005) expõe uma história que lhe foi contada enquanto lavava roupa. Conta que uma das senhoras Kadiwéu

estava orgulhosa, pois sua filha havia sido preparada por um dos membros do grupo para dançar a ‘dança típica dos Kadiwéu’.

Contudo, ela teria “que comprar um pano vermelho e jogar no chão, onde a criança vai passar, onde ela vai pisar”. Era uma forma de homenagem, explicou. No dia da festa, na cidade de Porto Murtinho, pintaram a menina, então com três anos, e um dos membros da aldeia a levou para dar uma volta na roda. A senhora mãe disse que ficou muito contente em ver sua filha, uma criança, lá no meio, sendo homenageada. Sua alegria, porém, não durou muito. Depois de dar uma volta na pista, a pessoa do sexo masculino que circulava com sua filha a entregou para a *Ia* (avó no idioma Kadiwéu). O motivo alegado pelo homem para que a criança não dançasse foi por não ter condições financeiras, na época, para dar a festa para os patrícios. A mãe explicou para a pesquisadora que, “quando uma criança dança pela primeira vez, a família tem que dar uma festa, matar umas rês, beber pinga na bacia, tudo direitinho”. Explica que, não é qualquer um que pode só os velhos que sabem da história Kadiwéu, só os que eles mandam. “Aí todos dançam pra ela, é como se fosse cabeçante da dança, é tudo para ela”.

Com relação à troca de nomes, na atualidade, gira em torno do nascimento de uma criança e da morte de um parente próximo. O primeiro nome, que é recebido no nascimento, liga o novo membro ao grupo e o segundo nome liga o sujeito já inserido ao grupo, porém classificado de maneira distinta, pertencendo aos que já passaram pela dor da perda e aos outros que não passaram. Remete à denominação de parentesco e endereçamento. Essa troca de nomes, segundo Lecznieski (2005), construído como eixo central na constituição dos termos de parentesco e endereçamento, estabelece relações entre os vivos. Quando alguém morre, o nome do falecido não pode ser mais pronunciado no idioma até nascer um neto (a) ou bisneto (a). Quando é uma criança que morre, também não pode ser pronunciado seu nome.

Com relação ao ritual da ‘festa da moça’ contaram para Lecznieski (2005) que o mais importante é ‘escolher bem’ a pessoa que será responsável por ‘abandar’ a moça, devendo ser escolhida com muito cuidado, pois se acredita que suas características pessoais poderão ser passadas para a moça festejada. O ideal seria uma mulher que não fosse parente, mas especialmente uma mulher que soubesse cantar. A iniciada é denominada de *Nigaana-ake*, ou seja, moça que dá festa. A celebração em torno da menstruação feminina demonstra que a passagem é um ponto fundamental para a vida do grupo, sendo uma marca social, estando ligada à constituição feminina, mas principalmente à continuidade dos Kadiwéu. Desse modo, os cuidados que são exigidos pela prole recai basicamente nas mulheres, ou seja, a

socialização, amamentação, entre outros cuidados, sendo estritamente voltados para a esfera doméstica.

A política do ato doméstico de ter crianças remete às esferas e articulações da economia, da política e também à concepção mítica. Segundo a autora, essa triangulação permite compreender melhor a dinâmica do grupo. O fascínio por cativar crianças dos outros para serem criadas e cuidadas no interior das casas dos Kadiwéu não deixa de ser parte dessa dinâmica social e política. Por outro lado, elas podem ser vistas como ‘outros’ em potencial, sejam deles ou dos outros. Desse modo, nessa rede social, as crianças aparecem, como mediadoras, por excelência, tanto nas relações internas do grupo, inter e intrafamiliares, quanto nas negociações externas.

A liberdade, a simplicidade, a autodisciplina e as regras estabelecidas pelos mais velhos são à base de suas vidas. Nas histórias dos Kadiwéu, as crianças ocupam um lugar central, alguns jogos e festividades ainda fazem parte de suas vidas. Para os Kadiwéu, a participação ativa da criança na vida social do grupo, interagindo e construindo sentidos em sua vivência é um modo de como constroem ambientes para a formação da criança. Assim, os três eixos inspirados em Mauss (2003) foram sintetizados no Quadro 11 a seguir.

Quadro 11. Registros de Lisiane Koller Lecznieski - 2005

Técnica do nascimento e de obstetrícia

Pelo casamento com união legítima. Não há relatos de como as mulheres Kadiwéu fazem o parto. Pode nascer via mito de *Nitikana*.

Desmame e pós-desmame

Não há relatos de como as mulheres ou a criança faz o desmame, logo são introduzidas na alimentação do adulto.

Diferenças na criação da menina e do menino.

Os pais, biológicos ou não, têm muito carinho, atendendo as suas necessidades, conversando muito. Brincam a vontade. Nos tempos de calor, as meninas ficam só de calcinha, e os meninos de calção. Não há separação de gênero, todas brincam juntas, crianças e adolescentes. São bem cuidadas, tomam banho várias vezes ao dia, principalmente as meninas. As crianças mais grandinhas se trocam sozinhas. Os meninos cortam o cabelo de um jeito diferente. São comprados novos materiais de cortes e às vezes eles são levados à cidade para o cabelo ser cortado seguindo esse ritual. Fazem festa quando meninos ou meninas vão pela primeira vez à cidade. Mudam o nome e cortam o cabelo quando alguém morre. Quando o casal se separa, as crianças pequeninas ficam com a mãe e as maiorzinhas com o pai. Normalmente, quando é a mãe que vai embora com outro, o pai fica com as crianças.

Ao finalizar este Capítulo II, sintetizamos a literatura que trata da criança Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu escritas por missionários, militares, viajantes e etnólogos, com recortes inspirados em Mauss (2003). Os dados possibilitam compreender que a tradição se aprende pela pedagogia própria da cultura do grupo de pertencimento. Em todas as sociedades de que

o homem faz parte há regras segundo suas culturas e em diferentes tempos. Mauss (2003, p. 408) explica há uma “adaptação constante a um objetivo físico, mecânico, químico” e que essas adaptações são “montadas no indivíduo não simplesmente por ele próprio, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual faz parte, conforme o lugar que nela ocupa”.

Segundo Gallois (2006), as adaptações que cada cultura faz em seu tempo, compõem o patrimônio cultural material, que são elementos transformados em objetos e coisas visíveis. O patrimônio cultural imaterial corresponde a aquilo que cada grupo adquiriu de conhecimento ao longo do seu processo histórico. Desse modo, a origem de um povo e sua história está no pensamento de cada povo, que sabe como fazer, como utilizar aquilo que vai repassar para os filhos. Sem esse conhecimento não há cultura, não há tradição.

CAPÍTULO III - OLHARES DE MULHERES KADIWÉU

3.1 Elos com as Mulheres Kadiwéu

No século XXI, os Kadiwéu fazem-se presentes re-significando sua cultura. Conforme os dados explanados no Capítulo II que delineou o percurso histórico da formação da criança Kadiwéu, agora esses dados bibliográficos dialogam com a empiria.

A leitura de autores com estudos realizados em diferentes períodos históricos acrescentou à empiria dados muito significativos sobre a criança Kadiwéu, nessas tensões entre o imaginário de mulheres Kadiwéu que foram criadas na aldeia com a contemporaneidade de criarem filhos e netos no meio urbano, no ‘entre-lugares’.

O primeiro momento da pesquisa de campo foi conhecer o grupo Kadiwéu realizando uma visita à Aldeia Bodoquena, em 2007, durante as festividades do ‘Dia do Índio’. A experiência me fez lembrar momentos vividos por Lecznieski em 2005. Essa mesma comunidade havia, por inúmeros motivos, colocado a pesquisadora para ‘correr’, ou, como ela denominou, os ‘corridos’. Posteriormente, ao retornar a aldeia para uma visita recebeu elogios por ter voltado e reclamaram de pesquisadores que não voltam tempos depois.

O grupo comemorava o Dia do Índio, estavam presentes autoridades como os prefeitos de Bodoquena e de Porto Murtinho, as lideranças recebiam convidados. Mas havia tensões políticas circundando aquele contexto e nossa equipe, composta por representantes das instituições científicas da UCDB, não foi bem aceita na aldeia Bodoquena. Solicitaram nossa retirada, mas após longas conversas nos ‘permitiram’ apreciar a festa e sair da aldeia em seguida. Foi com essa vivência que saí dos livros e aprendi a admirar o que aprendera através de leituras sobre esse povo.

Esse primeiro fato da pesquisa de campo contribuiu para mudanças no rumo da pesquisa, a qual foi direcionada para pesquisar mulheres Kadiwéu adultas que mantivessem moradias também nos centros urbanos da região das terras Kadiwéu.

O novo percurso da investigação teve início com uma ‘pesquisa exploratória’ ocorrida em meados de 2007, quando foi realizada uma visita à Aldeia Urbana Água Bonita, localizada no município de Campo Grande, com o objetivo de oficializar um contato com o primeiro elo²¹ para chegarmos às demais entrevistadas. Em 2008, após a aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética/UCDB, dei continuidade à pesquisa, finalizando-a em 2009. A adoção dos nomes fictícios ocorreu com o objetivo de não expor as mulheres, embora tenham assinado os ‘termos de consentimento livre e esclarecido’. Desse modo, os sujeitos da pesquisa, receberam nomes fictícios de planetas da Constelação Solar: senhora Sol, senhora Mercúrio, senhora Vênus e senhora Terra. No decorrer da pesquisa de campo, outras duas mulheres participaram momentaneamente, mas de forma muito significativa, e foram denominadas senhora Marte e senhora Plutão. Houve também a contribuição de um homem, marido da senhora Marte, que prestou esclarecimentos sobre a criança Kadiwéu contemporânea criada na cidade, que foi denominado de senhor Saturno. Todos os entrevistados estão sintetizados no Quadro 12.

Quadro 12. Pessoas entrevistadas

Senhora Sol	50 anos
Senhora Mercúrio	70 anos
Senhora Vênus	50 anos
Senhora Terra	28 anos
Senhora Marte (contribuição)	50 anos
Senhora Plutão (contribuição)	24 anos
Senhor Saturno (contribuição)	50 anos

A visita às mulheres indígenas dividiu-se em duas etapas: o primeiro contato foi da pesquisadora por telefone agendando as visitas para conhecimento das senhoras, e sempre fui acompanhada de uma pessoa mulher da mesma etnia, com domínio na língua Kadiwéu; o segundo momento constitui-se de duas fases, uma para efetivação da entrevista com as senhoras e outra para a devolução desta por escrito. O trânsito das mulheres de suas aldeias para a cidade se deve ao fato de, além de manterem residência na periferia da cidade, têm filhos adultos trabalhando e estudando em Campo Grande. Outro fator importante das citadas senhoras, é a comercialização do artesanato na cidade, pois é um dos meios de sustentar suas

²¹ Termo adotado por Meihy (1991, *apud* VINHA, 2004) para designar a rede formada por indicações do próprio grupo étnico.

famílias. Segundo Siqueira Júnior (1993, p. 159) “a comercialização do artesanato feminino tem razoável importância econômica para o grupo familiar, não é maior devido à insuficiência do mercado em atender a oferta de produção, aliado às dificuldades de transporte e os baixos preços pagos”. Algumas mulheres Kadiwéu são conhecidas internacionalmente.

3.2 Identificando as Mulheres Kadiwéu

A primeira informante, **senhora Sol com 50 anos**, foi assim denominada por ter irradiado luz à pesquisa, apontando caminhos que nos levaram às demais participantes. A referida senhora sensibilizou-se com a temática e estudo da criança, dos saberes da gestação e dos ‘jeitos’ de criar na tradição do seu povo. Estimulada, relatou algumas diferenças ocorridas entre a sua gestação e o parto de mulheres que vivem na aldeia Bodoquena e a gestação e parto ocorridos de mulheres que vivem na cidade. Os partos realizados em hospital de Campo Grande/MS e os realizados sob acompanhamento de parteiras indígenas. A senhora Sol pertence a uma das famílias Kadiwéu que detém o poder entre o grupo. É filha de uma Kadiwéu com paraguaio, neta de Kadiwéu pertencente ao ‘estrato dos senhores’ é casada, tem quatro filhos e mantém residência na periferia de Campo Grande e na aldeia Bodoquena. Tem uma filha casada com um indígena guarani, sendo que dessa união nasceu uma menina, sua neta, hoje com três anos. A senhora Sol depois de entender a pesquisa, indicou o próximo ‘elo’ para continuidade da pesquisa. A partir daí foram feitos os contatos com as demais entrevistadas conforme descrição a seguir.

A segunda entrevistada, **senhora Mercúrio com 70 anos** é referência de seu grupo étnico nos saberes da tradição Kadiwéu, descendente do antigo “estrato dos senhores” conforme Siqueira Junior (1993, p. 24), é casada com um indígena Terena, teve dois filhos, mantém residência na periferia de Campo Grande e outra na Aldeia Bodoquena.

A terceira entrevistada, **senhora Vênus com 50 anos** é exímia artesã, casada com Kadiwéu, tem quatro filhos, reside na Aldeia Bodoquena. A quarta entrevistada **senhora Terra com 28 anos** é casada com um indígena Terena, reside na Aldeia Buriti em Sidrolândia e tem um filho do sexo masculino com três anos de idade. Essa senhora é estudante universitária e trancou matrícula para educar seu filho na tradição Kadiwéu.

No decorrer da pesquisa de campo houve contribuição da **senhora Marte com 50 anos**, da etnia Terena, casada com um Kadiwéu, tem três filhos, com residência na Aldeia Buriti em Sidrolândia. Outra pessoa que contribuiu foi a **senhora Plutão com 24 anos**, jovem

Kadiwéu, estudante de Direito, solteira e por ter acompanhado a pesquisa de campo como tradutora e conhecedora da cultura de seu povo, fez intervenções significativas. Outra contribuição significativa foi do **Senhor Saturno com 50 anos**, Kadiwéu do estrato dos senhores Kadiwéu, esposo da senhora Marte.

Iniciando a pesquisa de campo, em ambientes urbanos, pude constatar um acolhimento afetuoso nos ambientes familiares Kadiwéu, no contexto extra-aldeia. As mulheres agora nesse ambiente urbano convivem com as ambigüidades do seu imaginário étnico em um mundo em constante mudança.

3.3 Técnicas de Nascimento - Olhares de Mulheres Kadiwéu

Com relação as ‘técnicas de nascimento’, a **senhora Sol** explicou que “tudo se inicia com a união do casal”. Deu ênfase à sua experiência de ser mãe dizendo: “na minha primeira gravidez, até os sete meses, fiquei na aldeia. O meu filho mais velho hoje está com 28 anos, nasceu no hospital da cidade, na maternidade e fiquei hospedada na casa de um tio”. Disse que nessa parte não seguiu a tradição, mas o resto da tradição foi seguido e explicou que a maioria das mulheres, mesmo morando na cidade, continua com a tradição.

Explicou que a diferença de ter filho na aldeia e na maternidade foi vivida por ela e fez o seguinte relato: “eu achei muito ruim, eu achei muito ruim mesmo ter filho na cidade, e falei que nunca mais teria filho no hospital, na cidade, e não tive mesmo”. A senhora Sol explicou que quando engravidou da menina, seu segundo filho, o parto foi na aldeia e ela quase morreu. A criança não nascia e tiveram que chamar a parteira, que é também sua comadre. Poderia ser a parteira da família ou mulheres da própria família, que sabem fazer o parto, podendo ser a mãe, a avó, a tia ou a irmã.

O jeito de fazer o parto, segundo o relato a senhora Sol, “a parturiente fica deitada no chão ou na cama e são feitas massagens na barriga para ajudar a criança a nascer”. Esse momento é acompanhado por uma mulher mais velha. No parto da senhora Sol estavam presentes sua mãe e sua avó. Contou que a sua avó cantou uma música para o nascimento da bisneta, ela ficou cantando fora da casa, no quintal. Ao ser perguntado “para que servia o canto”, a senhora Sol disse que “é um modo de amenizar aquele momento de dor por que a mulher passa e a música é criada e ainda até hoje cantada na hora”.

Segundo a senhora Sol a parteira faz tudo: corta o umbigo com tesoura, coloca óleo de babaçu no algodão e cobre o umbigo com faixa para curar, acerta a boca da criança, o

nariz, as pernas e os braços da criança para ficarem bonitos e dá o primeiro banho. Os Kadiwéu usam óleo de galinha para curar as cólicas do bebê fazendo massagem na barriga da criança. A criança passa pelo ‘rito do nome’, ou ‘rito de nomeação’ conforme encontrado em outros autores. O nome para a criança é escolhido pelo pajé ou ‘padre’, entre os Kadiwéu atuais. A senhora Sol destacou que no seu caso houve uma diferença na tradição dizendo: “eu escolhi o nome, mas a mamãe estava presente”.

Sobre as prescrições do período pós-parto, há prescrições que devem ser seguidas para manter a saúde da mulher, bem como o crescimento salutar da criança. A senhora Sol explicou que “a mulher toma banho com água morna, mas somente após uma semana do nascimento, nesse período de uma semana não pode lavar o cabelo, porque dizem que o cabelo cai”. Completou a explicação esclarecendo que após uma semana do parto a mulher Kadiwéu pode andar um pouco, mas não pode fazer serviço pesado.

Outra prescrição do período pós-parto refere-se ao modo de se alimentar. “A alimentação no período do resguardo consiste em caldo de frango, não pode comer carne de caça nem carne seca”. A senhora Sol conta que permaneceu por 40 dias de resguardo, mas esse período pode ser mais longo, de acordo com a condição de cada mulher. Na fase de resguardo explicou que sua mãe fazia as comidas, às vezes era sua vovó quem cuidava para que ela não comesse carne crua. “Eu acho isso muito bom, pois a gente tem que se cuidar” argumentou a senhora Sol valorizando um comportamento de sua cultura.

Nesse período em que a mulher está de resguardo, o bebê dorme na rede ou na cama da mãe. Outra prescrição da cultura Kadiwéu para essa fase de resguardo pós-parto é que o marido dorme separado da esposa e da criança. Somente após seis meses o casal pode voltar a namorar. No entanto, observou que esse modo pode ser mudado, “isso depende da mulher, às vezes dura menos”.

A entrevista com a **senhora Mercúrio** elucidou outros dados sobre a ‘técnica do nascimento’ entre os Kadiwéu. Disse que quando a mulher Kadiwéu está grávida fica muito feliz, ela não come à vontade e faz somente parto normal. Quem fica com a mulher é a parteira que já fica avisada algum tempo antes. O marido fica também na casa esperando o final do parto e preparando a caixa de fogos. Quando a criança nasce, se for homem dispara três rojões, se for mulher são dois foguetes.

A senhora Mercúrio relatou as prescrições próprias do período pós-parto para a mulher da seguinte maneira: “para o corte do umbigo tem uma erva para colocar e também para tomar banho durante e após o nascimento”. A referida senhora não especificou quais seriam essas ervas e observou também que todos os procedimentos são acompanhados por

outra mulher. Depois de uma semana, a família reúne-se novamente para fazer uma festinha com pinga, mas não para ficar bêbado. Não há diferença na festa para menina ou menino, ambos são festejados. Mas, “isso também depende muito de cada família”, explicou.

Quanto à música, cantada na hora do parto e durante o processo do nascimento, a senhora Mercúrio explicou: “no parto da primeira filha a avó dela estava perto junto com outras pessoas da família. A parteira estava longe, não deu tempo de ajudar e quando ela chegou, eu já havia parido. Meu pai estourou os fogos, as tias e a avó cantaram uma música criada na hora”. A senhora Mercúrio explicou que até hoje isso é feito, embora algumas mulheres tenham filhos na cidade, as mulheres fazem a tradição aqui ou quando voltam para a aldeia. “Nos dois lugares, tudo é feito conforme a tradição”.

Por ser uma das detentoras mais antigas dos saberes da tradição Kadiwéu, a senhora Mercúrio narrou um pouco de sua história, a qual retrata um contexto recente do modo de ser Kadiwéu. “Sou filha de João Príncipe e Lair Pinto. Tive dois maridos, o primeiro marido era paraguaio, foi o mais desobediente da comunidade. Esse é o pai da minha filha, ele não ficou muito tempo comigo e foi transferido para outro trabalho. O povo da aldeia não me deixou ir, se eu fosse com ele a minha filha não poderia ir, teria que deixar a menina, então tive que me separar dele para poder criar minha filha. Isso foi mais ou menos há 50 anos atrás e só tive essa filha com ele. A fala da senhora Mercúrio reporta às condições expostas por Lekiesnki (2005), quando os pais se vão e doam os filhos para familiares, opção que ela não quis, preferindo sacrificar seu casamento.

Depois se casou com um Terena teve muitos filhos, para não atrapalhar a batalha tendo que levá-los junto. Ao trazer esse fato histórico a senhora Mercúrio explicou que “o direito dos Kadiwéu é ter um filho só, depois que a criança fica grande pode ter outro”. Assim depois de nove anos ela teve um filho homem e foi explicando que todos seus filhos nasceram na aldeia. Durante a sua primeira gravidez teve muitas dificuldades e enjôos. “Meus pais se preocuparam por isso fui parar na casa de um curador, o pajé Lourenço que era conhecido na comunidade, morava na Aldeia Alves de Barros”. A senhora Mercúrio não explicou como o pajé resolveu os enjôos da gravidez.

A **senhora Vênus** outra conhecedora das prescrições das técnicas de nascimento explicou que toda a mulher Kadiwéu tem uma preparação durante a gravidez para esperar a criança, uma dela é a alimentação, dando um exemplo “não pode comer banana gêmeas, porque poderá ter filhos gêmeos” argumenta ainda que mesmo o casal que não come bananas gêmeas “mesmo assim acontece de o casal ter filhos gêmeos”. Explicou que há algumas prescrições para o homem antes do nascimento da criança: “o homem se cuida para a criança

não nascer problemática, evita beber, comer certas coisas porque até mata a criança”. A senhora não explicou quais seriam as comidas que o homem deixaria de comer.

As prescrições próprias do período de partos, a senhora Vênus explicou: “quando a mulher Kadiwéu tem o bebê é a mãe com as avós que cuidam, mas, geralmente é nossa mãe que cuida. A música quando a criança nasce existe, minha mãe contou que é por causa da emoção de ver a criança nascendo. A parteira faz massagem na hora que a criança está para nascer, e está ainda na barriga da mãe. Eu sei por que já participei, eu sou parteira”. A senhora Vênus explicou que ajudou sua mãe a realizar o parto de sua cunhada. “No primeiro dia quando eu pequei aquela criança, quando nasceu, ainda dentro da ambulância, nasceu no meio da estrada, peguei aquela criança e foi uma emoção, até me dá vontade de chorar de alegria, porque presenciei a primeira vida”.

A **Senhora Terra** é uma jovem Kadiwéu, filha de Kadiwéu com Terena, casou na tradição Kadiwéu e na tradição Terena. Esses casamentos intertribais entre os Kadiwéu são históricos, continuam acontecendo até os dias de hoje. A senhora Terra explicou que o namoro entre os Kadiwéu antes não existia. “Meu pai Kadiwéu falou que lá na aldeia era o marido que ia morar na casa do sogro, então não namoravam, se juntavam”. Hoje, afirma ela, “ainda tem família que continua fazendo isso”. Mas há aquelas que enquanto namora cada qual continua em sua casa.

A senhora Terra é mãe de um menino de três anos, fez relato de como é o casamento na atualidade: “primeiro a mulher casa depois vai para a casa do esposo”. Ao citar essas mudanças, a senhora Terra contou que seu namoro foi parecido com o da sociedade ocidental, mas a tradição Kadiwéu foi seguida. “Tive pedido de namoro: primeiro meu marido pediu para meus pais, namorei por quatro anos, a segunda fase, foi para ficar noiva, teve o encontro da família dele com a minha família e meus avós”. Esse encontro parece ter sido muito significativo para seu povo, pois, segundo ela, “quase metade da comunidade veio no noivado”. Depois de um ano de noivado, casaram-se numa cerimônia realizada na aldeia das terras Terena. Teve duas cerimônias, casamento Terena e casamento Kadiwéu. Eu vesti a roupa tradicional Kadiwéu ele vestiu a roupa tradicional do Terena, o meu pai se vestiu de Kadiwéu e minha mãe de Terena”. As cerimônias foram gravadas em DVD e têm fotos que ficam guardadas na residência do casal. Dessa união nasceu um menino que hoje está com três anos de idade.

A senhora Terra relatou seus saberes sobre “técnicas de nascimento”, nos dias de hoje: “na gravidez a primeira coisa que tem que fazer é se cuidar, pois muita coisa a gente não faz depois que está grávida, como fazer serviço pesado, entre outras prescrições”. “Na minha

gravidez, tomei muito banho de ervas e remédio” a senhora não soube relatar o nome das ervas e os remédios. “Tudo isso é para ajudar a criança descer e nascer mais rápido, esse remédio tem que estar bem quente, de doer à pele mesmo, só que não é para o corpo todo, só da barriga para baixo e os banhos são tomados até no dia de ir pra a maternidade”. Nas prescrições alimentares a senhora Terra relatou que: “com relação à comida, meu pai não gostava que eu comesse duas coisas era feijão e ovo, o ovo é porque quando a criança nasce fica cheia de pelinha, aquela pelinha que parece casca, essas crenças são da tradição dos Kadiwéu e a gente segue”, explicou ela.

Seu parto aconteceu na cidade, na maternidade. Foi parto normal e ela permaneceu no hospital por três dias. Assim que foi liberada pelos médicos, ela e o bebê voltaram para a aldeia nas terras Terena.

Ao ser questionado se o esposo a acompanhou nesse momento, a senhora Terra relata que seu marido a acompanhou e permaneceu na maternidade até ela ganhar o bebê. “Ele me acompanhou todos os dias, ficou nervoso, e quando viu que era um menino, eu vi muita alegria nos olhos dele. O meu pai também ficou aguardando, ficou reservado, mas nossa! Meu pai ficou muito emocionado, chorou quando nasceu o guri”.

Quanto ao canto à senhora Terra afirmou que “teve sim, quando chegamos aqui a minha bisavó ao chegar para conhecer meu filho, começou de lá da entrada da casa a rodear ele, cantou e cantou e chorava tudo na língua Kadiwéu”.

Para as prescrições do pós-parto para o bebê relata que “quem cuidou foi a minha mãe Terena e minha avó Kadiwéu. A primeira coisa que elas se preocuparam foi com o umbigo da criança, porque tem infecção. Elas queimaram a folha de laranja, amassaram até virar pó, passaram no umbigo dele até cair, não podia molhar”.

Na tradição do seu povo Kadiwéu, a chegada de uma criança sempre foi festiva, e mesmo morando em terras Terena ela está dando continuidade. “Quanto à festa, foi aqui em casa ficava cheio de gente para ver a criança que nasceu todo dia às pessoas vinham visitá-lo. Meu marido tomou cerveja, com meu pai e os amigos dele”.

A senhora Terra explicou que a chegada da mulher do pós-parto é também cheia de cuidados: “fui cuidada sim por minha mãe e minha avó, fiquei 45 dias de resguardo, sem fazer nada pesado”. As mulheres ainda hoje, seguem as prescrições para cuidados do pós-parto, e a alimentação da mulher é também observada com os seguintes cuidados: “não pode comer comida pesada, tomar sempre chá, eu tomava chá de ervas”.

Para Araújo (2002) estudiosa das ervas medicinais, o nascimento da criança representa na vida da mulher, momentos que, embora transitórios, são carregados de riscos e

medo. Nesse sentido, as mulheres Kadiwéu entendem que os cuidados com o pós-parto e o resguardo são de extrema importância e são cuidados salutares.

A **senhora Plutão** explicou que há prescrições para entes do nascimento e pós-parto da criança. Explicou que “As mulheres tomam banho e bebem remédios de ervas. Os conhecimentos das ervas são dos saberes dos mais velhos, os banhos são feitos pelas pessoas que conhecem as ervas, podendo ser parentes da gestante”.

Ao ser perguntado sobre o canto para a chegada do bebê, a senhora Plutão explicou que as mulheres mesmo que tenham seus filhos na maternidade, elas cantam quando chegam a casa ou na aldeia as mulheres cantam. Quando a criança fica um pouco grandinha “se ela pedir para a avó cantar ela vai lembrar e cantar, mas ela não passa o canto para outra pessoa cantar depois que ela morrer aquilo fica com ela”. Acrescentou que sempre há música para o nascimento da criança, são as mulheres Kadiwéu mais velhas que cantam, há uma música para cada evento, nascimento, ‘festa da moça’ e para o menino.

A **senhora Marte**, casada com um Kadiwéu, ao casar foi morar com a sogra e criou os filhos na tradição. Ao se sentir grávida a senhora explica “quando eu soube que estava grávida minha sogra e minha mãe recomendaram muito que não poderia estar comendo comida esquentada. Por exemplo, a comida que sobra da janta e esquentar outro dia, pode fazer mal, nunca comer ovo e ficar parada na porta que dificulta o nascimento da criança. Tem muitas recomendações, tomava banho com remédios, até peso não pode pegar.

Quanto às prescrições para esperar o bebê, a senhora Marte seguiu a tradição com a sogra, por exemplo, “a minha sogra não deixava tomar banho antes do sol entrar, porque poderia fazer mal na hora do parto, pegar muita friagem. Quando já está quase chegando a época de ganhar o nenê, tomar banho morno. E quando está sentindo a dor pra nascer também toma chá, eu tomei chá de broto de melancia, que é muito bom”.

A senhora Marte em suas narrações afirma que há prescrições para os homens. O senhor **Saturno** e todos da família ficaram felizes ao saber da gravidez. “Lá nos Kadiwéu, a mãe dele recomendou que ele não pegasse muito o laço, o homem não pode estar pegando muito o laço para laçar o gado ou o cavalo, porque na hora de nascer a placenta pode se enlear no pescoço da criança, dificultando o nascimento”.

A **senhora Marte** relatou um de seus partos “eu, marido e sogra saem da aldeia para ir para Campo Grande, para ficar e esperar o bebê, por não saber que podia estar nascendo de um dia para outro. Quando apareceu o sinal falei para meu marido: bem não sei o que está acontecendo comigo, mas parece que esta na hora.

Quando já estávamos em Campo Grande ficamos na casa de um casal em que meu cunhado morava como estudante, começou a doer à barriga. Meu marido Saturno já tinha saído, minha sogra falou: e agora minha filha nós estamos sozinhas aqui. A sogra falou, eu sou parteira, será que vou ter que partejar você aqui mesmo? Ela ficou pensando, mas lá tinha um rapaz que chamou um táxi, e me levaram para a maternidade. Minha sogra então acendeu uma vela no cantinho, pedindo na oração para que tudo corresse bem. Fiquei dois dias na maternidade e minha sogra já tinha voltado para a aldeia”.

A senhora Marte explica que ficou na casa onde seu cunhado estava. “Esse casal era muito bom, eles me receberam como se fossem meus pais. O senhor era um coronel, ele foi me buscar na maternidade, me trouxe para a casa deles, a esposa dele que dava banho no bebê. Eu não tinha banheira, ela me deu uma bacia e esterilizava com álcool. Fui bem tratada lá.

A Senhora comenta: “minha sogra recomendou o que podia me dar para comer. Não era para me dar qualquer tipo de comida. Ela me cuidou muito bem. Depois vim para casa de minha mãe fiquei uns dias depois voltei para aldeia Kadiwéu, fiquei de dieta 40 dias”. Com relação às prescrições da dieta alimentar ela comentou “aqui a mamãe assim como lá nos Kadiwéu minha sogra fazia sopa de frango, fubá de milho, tipo curau, e lá nos Kadiwéu não deixavam comer tempero, minha sogra dizia, que dava inflamação na mulher esses tempero”.

As prescrições para descer o leite materno, a **senhora Marte** conta que “Eu tinha pouco leite e nos éramos três noras que estávamos com criança pequena lá dentro da casa. O neném chorava bastante porque estava com fome. Eu pedia para as minhas duas concunhadas, para dar de mamar para ela. E foi indo assim, as pessoas iam enjoando disso.

A senhora Terra continua explicando, tinha uma cadela que deu cria. Foi aí que minha sogra falou: olha eu sei uma simpatia muito boa para encher seu peito de leite. Se você quiser você faz. Se você tiver amor por sua filha você vai fazer. Daí eu falei: quero sim, como é sogra? Ela falou: Você vai dar de mamar um cachorrinho. O mais pretinho que tem no meio. Eu falei: eu faço, eu quero que junte leite no meu peito.

O fato foi assim explicado: “então à sobrinha do meu marido pegou o cachorrinho, e eu virei o rosto de lado, e ele mamou no peito, parece boca de bebê mesmo, ele mamou. A senhora acredita professora que passou uns três dias, meu peito encheu de leite. Eu tive muito leite mesmo, valeu essa simpatia. Posso dizer que foi dessa forma que juntou leite, porque tinha muito pouco”.

Esse quadro sobre os cuidados das mulheres com o nascimento, desmame e pós-desmame, e modos de criar a criança Kadiwéu, seque uma tradição, em que envolve a sabedoria dos os mais velhos, sendo que essa sabedoria é repassada para as mais novas.

Quadro 13. Síntese dos Olhares das Mulheres Kadiwéu - Técnicas de Nascimento

Técnicas de Nascimento

A criança Kadiwéu contemporânea pode nascer na aldeia, no hospital ou a caminho em ambulância. O canto das mulheres durante o parto ainda acontece. Há prescrição alimentar e preferem sempre comer comida fresca. Na tradição ainda não tomam banho na primeira semana, lavam a cabeça depois de uma semana, não fazem serviços pesados. Há prescrições para marido. O marido solta rojão quando nasce menino e foguete para o nascimento da menina. O umbigo da criança é curado com erva e essa erva serve para dar banho no bebê após o nascimento. Quando a criança nasce no hospital seguem as prescrições médicas, mas depois sempre seguem alguns procedimentos da tradição. Depois de uma semana, a família faz festa na residência dos pais da criança.

3.4 Desmame e Pós-desmame - Olhares de Mulheres Kadiwéu

A **senhora Sol** ao explicar sobre o aleitamento disse que “tanto a menina quanto o menino mamam no peito” e ela teve bastante leite. O menino que nasceu na cidade mamou até três anos, já a menina mamou até um ano e seis meses. Explicou que o desmame da menina aconteceu mais cedo porque o filho mais velho ficou doente e ela teve que voltar para Campo Grande em busca de tratamento. No período pós-desmame a entrevistada explicou que a criança vai ingerindo a mesma comida do adulto.

Esses relatos atuais recuperaram valores Kadiwéu extraídos de registros e relatos em diferentes períodos históricos, conforme Capítulo anterior. Barth (2000) explicou que as construções culturais são sustentadas de modo eficaz, tanto pelo consentimento mútuo quanto pelos materiais, esses valores estão incrustados nas representações coletivas diversas, nas linguagens, nos símbolos e nos rituais, sendo valorizadas pelo grupo.

A **senhora Mercúrio** explicou que no pós-parto, quando a mulher Kadiwéu está amamentando deve comer tudo o que é prescrito na dieta e seguir as prescrições para o resguardo, pois é muito importante para a saúde da mulher e da criança. A mulher é bem cuidada, fica deitada de repouso, a comida deve ter pouca gordura e sal e ela pode comer carne de frango. A dieta dura mais ou menos dois meses. Antes, no passado esse período era mais longo. “A mulher come sempre comida fresca nunca uma comida velha”.

Quanto à amamentação a **senhora Mercúrio** explicou que o bebê sempre deve pegar o peito. No caso da mulher Kadiwéu, “ela não tem problema com rachadura do peito, de

nada, o bebê não tem hora certa para mamar, a criança chorou já está mamando”. Quando a criança deixa de mamar come comida dos adultos, explicou a senhora. Geralmente, a criança deixa o peito com aproximadamente três anos, “mas a criança é que decide isso”.

A senhora Mercúrio contou que sua filha chorava demais toda vez que ela fazia alguma coisa para tirar o peito, ou desmamar. Até que seu irmão a ajudou levando a menina para o seu serviço e assim ela desmamou. Essa sua filha, hoje também mãe, teve um filho que mamou até os cinco anos e conseguiu desmamar por ocasião de uma viagem.

A **senhora Terra** ao ser perguntado sobre a amamentação da criança, a senhora explicou que a mulher “para ter leite, toma muito chá mesmo. Se a criança que não pega o peito, a mãe tem que fazer a criança pegar. E se o peito dói, tem que fazer simpatia”. A senhora Terra disse que ela não precisou fazer simpatia, mas que conhece um jeito de fazer simpatia para que o bebê pegue no peito para mamar. “A simpatia que não foi feita comigo, mas que vi é a seguinte: passaram cinza no peito dessa amiga, isso melhora a dor, mas não acaba de tudo”. “A mulher Kadiwéu tem que dar de mamar tendo peito rachado, cheio ou vazio, a hora que o bebê chora tem que mamar a mãe só dá o peito e quando a criança cresce come a comida de adulto”.

Quando a mãe e os familiares percebem que está na hora de o bebê deixar de mamar, há procedimentos para esse desmame. Assim explicou a senhora Terra “eu desmamei passando alguma coisa no peito, para dar medo para ele”. Sua mãe foi quem a orientou, pois “foi o modo que ela desmamou eu e meus irmãos. Eu usei boldo, passei pasta, mas tudo isso ele continuava mamando. Aí passei alguma outra coisa e ele desmamou, agora não lembro, mas isso durou três dias, ele tinha um ano e meio. Tenho somente esse filho, não foi batizado na aldeia das terras Kadiwéu ainda, porque na tradição cada vez que um parente morre os que ficam cortam o cabelo e trocam de nome”.

A **senhora Plutão** é mulher Kadiwéu, explica que elas são preparadas desde cedo para dar de mamar seu filho, “tendo filho na aldeia ou na maternidade, segue a tradição”. As crianças mamam até aproximadamente três anos. “Mas isso tudo vai depender da criança, porque a mulher fica exclusivamente para ela”, explicou a referida senhora.

A **senhora Marte** quanto ao desmame e pós-desmame comentou que “ela, não completou o primeiro ano, porque logo engravidei da outra menina, ela estava com 11 meses, e eu tive que desmamá-la porque podia fazer mal”.

Quadro 14. Síntese dos Olhares das mulheres Kadiwéu - desmame e pós-desmame

Desmame e pós-desmame

As mulheres kadiwéu amamentam a criança até aproximadamente três anos. Durante o tempo em que está amamentando toma chá de ervas e para peitos doloridos ou rachados há simpatias. Para o desmame da criança há simpatias e ajuda da família. A criança ao ser desmamada é introduzida na alimentação do adulto.

3.5 Diferenças na Criação da Menina e do Menino - Olhares de Mulheres Kadiwéu

Ao ser perguntado sobre “as diferenças no modo de criar menino e menina”, a **senhora Sol** explicou que há diferenças no modo de criar entre sua mãe, hoje com 70 anos, e a sua, hoje com 50 anos. A senhora Sol realizou o batismo das crianças em uma igreja Pentecostal, seus filhos estudam na escola, coisas que antes não existiam. Na educação da menina e do menino, entende que criou os dois filhos “tudo igual”, mas como mãe tem certos cuidados com eles, conforme manda a tradição. A senhora Sol narrou que é uma tradição de seu povo contar histórias para as crianças, afirma que contou histórias para seus filhos enquanto eram pequenos, na atualidade contava para sua netinha, mas agora quem conta e sua mãe a bisavó da criança, que é uma das entrevistadas.

O filho mais velho da senhora Sol embora tenha nascido na cidade, está com 30 anos, foi criado para ser o ‘filho querido’, conforme a tradição. Na família, hoje ele é o homem da casa. Está estudando e estão tentando para que ele estude uma faculdade. E a sua filha, hoje pode ser ‘filha querida’.

A senhora Sol relatou que “agora os netos e bisnetos estão sendo criados diferentes, mas sempre aprendendo a tradição”. Segundo ela, se seus filhos fossem criados por sua mãe seria só pela tradição. Explicou que a diferença é que antigamente não existia escola e hoje tem; mas mesmo assim, quem ensina a criança até os doze anos são os pais. A senhora Sol reforçou a explicação, contando que ficou cuidando de seus filhos o tempo que cada criança precisou tanto a menina quanto o menino. Mas ressaltou que “a criança fica com todos juntos e todos educam”.

Com relação à língua materna, a senhora Sol explicou que os Kadiwéu aprendem desde pequenininho o idioma, que o filho dela fala pouco com ela, porque há diferença nos modos da fala do homem e da mulher. O menino é educado de forma que quando a mãe, mulher, vai orientar “falo com eles no idioma de mulher, e eles não se sentem bem, eles aprenderam o idioma com o tio e falam mais com os homens” e acrescentou “mas eles me entendem”.

Quando perguntado “qual o sentimento em ser Kadiwéu”, a senhora Sol esclareceu que se sentia feliz sendo Kadiwéu e com relação às crianças disse achar “que são felizes, pois hoje têm escola”. Na época de sua infância na aldeia não tinha escola ela teve que ir para a cidade. Ao ser perguntado “o que é ser criança Kadiwéu”, a senhora Sol respondeu: “as crianças para mim nunca vão crescer”. Mas observou que hoje tem uma diferença: “hoje eles têm sua responsabilidade. Agora, acho que todo filho para a mãe nunca cresce”. Argumentou completando que, no caso do seu filho, “já não é mais uma criança, tem responsabilidade, corre atrás de seu interesse”. Mas a criança Kadiwéu continuou, “para nós e aqui e lá na aldeia continua uma criança, mesmo que cresça para os pais e a família toda nunca cresce. Não vejo muita diferença na aldeia de lá com a aldeia da cidade, porque aqui também, tudo se decide em comunidade”.

A **senhora Mercúrio** fez um comentário sobre uma forma de casamento no passado entre os Kadiwéu. O namoro, narrou que há 70 anos, a família que era bem de vida economicamente, fazia um trato nupcial. Esse trato acontecia logo que nascia a filha ou o filho, e fazia o casamento futuramente, após o rito de passagem da moça e do rapaz. Aquela criança prometida para viver com o rapaz/moça não poderia casar com outro, era para o resto da vida. As crianças cresciam sabendo que iam se casar, e tanto o menino quanto a menina “aceitavam isso numa boa”.

Reafirmou a senhora Mercúrio que esse comportamento se dava somente entre as famílias mais abastadas. Naquela época, não existia papel para o casamento, era a palavra que valia. Era uma festa sem documento, “igual a quando a moça tem a primeira menstruação, uma festa muito grande”. A duração da festa de casamento prometido de uma família tradicional não tinha tempo determinado, podendo durar mais de uma semana.

A senhora Mercúrio mora na cidade há 18 anos, com seu filho e uma irmã. Mantém sua casa na Aldeia e lá mora sozinha. Sente saudades da aldeia. Comentou que os filhos não sentem falta, porque se acostumaram com a rotina de estudo e trabalho. O motivo de sua vinda para a cidade foi a separação da filha, que tem quatro filhos. Segundo a senhora, o marido de sua filha era alcoólatra, grosseiro nos modos como a tratava e a toda família. Antes que ele ‘perdesse a cabeça’, ela se separou. A filha então, pediu aos seus familiares que gostaria de morar perto de um dos seus tios, e ele arrumou uma casa para ela.

A senhora Mercúrio ao relatar sobre a criação e a ‘diferença de criar o menino e a menina’ explicou que a escolha do nome da criança é dos avós, mas que hoje em dia algumas mulheres escolhem o nome dos filhos. Destacou que mesmo que os pais da criança escolham um nome para seu filho, “primeiro consultam a família para saber se o nome é bom ou não”.

Sobre os primeiros passos da criança Kadiwéu relatou que “conforme a criança vai crescendo e vai mostrando que quer andar, fica com as tias que ajudam. A criança não fica pelo chão antes de andar, só no braço, depois que anda a criança não tem restrição a nada, pode brincar à vontade”. Com relação às brincadeiras, lembrou que gostava mais que o menino brincasse com menino e a menina com menina.

Segundo a senhora Mercúrio, atualmente tudo vem mudando. As mulheres não estão seguindo mais as tradições, estão ficando ‘civilizadas’, isto porque o comportamento dos novos pais autoriza “a criança ficar sozinha engatinhando, não ensinam a andar e algumas mulheres também já estão tendo mais filhos do que antes”.

A senhora Mercúrio ao explicar sobre quando a criança é escolhida para ser ‘filha querida’ ou ‘filho querido’ afirmou que “a criança recebe um nome e uma criação diferente, hoje em dia, embora more na cidade, sua bisneta será preparada para isso”. Outro exemplo destacado pela senhora Mercúrio foi que ela e seu irmão foram preparados para serem ‘filhos queridos’, sendo que um dos rituais foi explicitado por ela: “minha avó guardava o guizo de uma cobra e os dentes de uma de onça, para um tipo de simpatia e quando meu irmão tinha dois anos minha avó o pegou e ele foi arranhado, esse meu irmão é agressivo igual à cobra, ele é o filho querido”. Sua filha e seu filho foram educados na tradição e preparados para serem os ‘filhos queridos’.

Naquele contexto, perguntei à senhora Mercúrio se a criança que brincava na frente da casa era sua bisneta. Disse que era e argumentou que a menina vai ser a ‘bisneta querida’, destacando que “isso é uma tradição e quem faz a preparação são os pais”. Mas explica que ela na condição de bisavó, cuidará da criança até que complete 15 anos e “quando ocorrer a primeira menstruação da menina vai haver uma festa, então, a bisnetinha deixará de ser criança”. Salientou que “isso depende muito dos pais”, como querendo dizer que os Kadiwéu continuarão apropriando-se dos saberes de sua tradição e ao mesmo tempo reinterpretando a realidade.

A senhora Mercurio em sua narrativa continuou dizendo “Desde a época dos mais antigos, histórias de crianças são contadas, têm história que não se pode contar para ninguém, é segredo da família”. Explicou que “A pessoa tem ciúmes da história e se alguém contar o outro da família vai tomar satisfação, é uma tradição”.

A senhora Mercúrio explicou que na aldeia as crianças sempre pediam para ela contar as histórias. Sua filha quando era pequena pedia para ela contar muitas histórias, depois foi sua neta. Quando ela contava história a netinha até dormia. Hoje, a bisneta também pede

para ela contar muitas histórias. “Todas as mulheres contam histórias para as crianças”, afirma a senhora Mercúrio.

Com relação ao idioma, a senhora Mercúrio afirma que há diferença da fala de homem e disse: “os meus filhos falam o idioma. Quando o homem se dirige à mulher, fala como homem e a mulher fala como mulher e eles se entendem”. Explica que a bisnetinha entende tudo o que a mãe e ela falam. Enfatizou que “não se ensina, a criança já nasce falando o idioma”. Em seus jeitos próprios de educar menino e menina compartilham conhecimentos, mantendo as especificidades de gênero.

Quanto ao medo das crianças, com relação às histórias que lhes são contadas, a senhora Mercúrio disse que “isso era para ver se elas não saem nas redondezas, e algumas têm medo de quem chega”. Os pais avisam as crianças vão crescendo e começam a freqüentar as festas e pedem para elas não beberem e não caírem. Se a menina vai ao baile, recomendam para ‘não dá mole para o cara’, seja ele quem for, mas se for à festa, ela tem que dançar.

Ao ser perguntado sobre “a diferença na criação da criança na cidade e na aldeia”, a senhora Mercúrio disse: “não sei, não notei nada, mas tenho um jeito e sempre será do meu jeito, do jeito Kadiwéu”. A senhora Mercúrio explicou que agora os netos e bisnetos estão sendo criados de maneira diferente. Se eles forem criados na aldeia, será pela tradição. Para as mães, a criança Kadiwéu continua sempre uma criança, mesmo que cresça, mude para a cidade, para a mãe, nunca cresce. Antigamente não existia escola, quem ensinava e ensina até hoje a criança até os doze anos são todos, os pais, tios avós, primos. Contou que durante todo o tempo que a criança precisar todos educam.

Ao ser perguntado “e quando a criança faz algo errado?”, a senhora Mercúrio explicou que deve ser “conversado, não existe punição, a gente não bate, não grita”. Mas se a criança insiste em fazer algo grave, perguntei à senhora Mercúrio, explicou dizendo “isso não existe”. Para exemplificar, contou que seu filho foi visitar a irmã e a envergonhou, pois brigou com os amigos da família que estavam na casa. “Agora meu filho está lá de castigo, porque veio aqui e brigou com os amigos dele”. Ela não aceita esse comportamento do filho e orientou o rapaz dizendo a ele: “eu não aceito isso, você vai à casa da sua irmã e em vez de fazer amizade está fazendo uma complicação para ela, você não vai mais lá”. Ele a obedeceu e a senhora Mercúrio acrescentou que “a criança pode ter a idade que for, tem que respeitar a família, os outros, os lugares, parentes e irmãos de etnia”.

Quanto à formação da criança no caso de falecimento, a senhora Mercurio lembrou que antes, segundo a tradição, o enterro não ia para o cemitério, mas agora já vai. “Já mudou”. Contou que na sepultura, no cemitério da aldeia, os Kadiwéu ainda colocam os

pertences da pessoa. Se morrer um parente, todos cortam o cabelo e trocam de nome. Mas há outros que já não entendem isso. Mesmo quem segue a tradição, não conhece seu significado. Na minha família, explicou “a gente faz isso, ou a do morto faz, a gente pode escolher o nome e quem corta o cabelo”. A perda do seu pai já teve características deferentes de outros tempos, disse que “quando perdi meu pai, cortei o cabelo. Mas não deixei trocar meu nome. Eu não deixei porque foi meu pai que deu o nome. Eu falei para minhas tias: não quero ter outro nome”.

Essa re-leitura ou tradução dada a uma tradição de seu povo, continuou explicando, “porque penso que vão esquecer meu nome, se alguém me chamar minha família chora de novo. Acredito que meu pai (falecido) não vai saber o outro nome e o dia que eu sair daqui (morrer), ele tem que me chamar pelo nome que colocou em mim”. Assim foi naquele dia da morte de seu pai, seus familiares deram a ela outro nome, só que ela não aceitou. “O resto seguiu o ritual”, completou a senhora Mercúrio.

O nome da senhora Mercúrio, no idioma, é *Uiichacha* significando ‘Vida’. A delicadeza daquele momento vivido na situação de pesquisa, a emoção transbordante da senhora Mercúrio ao lembrar o rito de passagem de seu pai a fez tecer novas explicações sobre a hora que encontraria o pai, e ele ao vê-la, a chamaria pelo nome que ele lhe dera em vida “eu vou”, disse emocionada. “O meu povo fala que tem que trocar o nome por que a parenta parte. Pode até trocar de nome, mas quando o “velho dos mortos” vem pode até lembrar-se da gente, mas se troca o nome ele não vai saber quem é devido a esse novo nome. E é por isso que eu não aceitei”. Naquele momento de interação, comentei que ela quebrara a tradição. “Sim, eu quebrei e a família aceitou sem reclamar. De tanto que eu senti a perda do meu pai, eu fui a “filha querida” de João Príncipe, o outro filho trocou de nome, eu não troquei”.

Quanto à questão sobre como se sentia feliz como Kadiwéu, a **senhora Mercúrio** respondeu “graças a Deus”. Sobre as crianças disse: “Acho que elas também são felizes, falo pelos meus filhos”, e completou dizendo “as crianças de todo meu povo, também eu acredito que são felizes”.

A **senhora Vênus** deu um exemplo sobre a diferença na criação do menino e da menina desde os tempos antigos, que se caracteriza por um rito de passagem registrado por autores de diferentes períodos históricos, que é a ‘festa da moça’ que autoriza a entrada da menina no mundo das mulheres. É sempre uma mulher mais madura que faz o rito, como explica a senhora Vênus: “minha mãe, que tem 86 anos, é quem vai comandar a festa da minha filha”. Planejando a futura festa, a senhora Vênus contou:

Vai ter a ‘dança da bacia’ que é muito bonita e a ‘dança da caixa’. Isso é um prazer para minha mãe, embora ela seja evangélica, ela vai dançar, é uma das poucas que dançam. Tudo isso é surpresa. Nós já compramos o tecido para as lembranças, vai ter bolo e a novilha para o churrasco. Nossa! Eu estou muito feliz. Vai ser conforme a tradição.

A formação da menina Kadiwéu é para ajudar nas lides da casa, para aprender a ser ceramista, que é uma tradição. A formação do menino, na tradição inicia-se desde pequenininho, “aos sete anos os meninos já sabem dançar”. Existe a dança do ‘Bate-Pau’, que é quase exclusivo para homem. Há um grupo de homens e um grupo de mulheres, porque mulher não se mistura com homem, explicou. “As crianças homens participam, mas depende da criança. Há um jeito de ensinar quando a criança ainda é pequenina e demonstra querer dançar essa será sua primeira vez. A menina também participa quando ela quer dançar, pode ser desde os três anos, tem festa para sua primeira dança e todo mundo participa”.

A educação da menina está principalmente na aprendizagem de atividades que a identificam como mulher, no contexto de seu povo. A menina aprende com todas as mulheres, sejam mães, tias primas, etc. No caso da senhora Vênus, ao explicar que estava no seu quarto casamento, afirmou que este seu atual marido ajuda um pouco na educação das crianças, mas a aprendizagem das meninas é mais com ela. Com relação ao menino, deixou claro que ela explica tudo para eles, mas que eles atendem o padrasto quando este conversa com eles.

A senhora Vênus destacou ainda a ‘dança dos Bobos’ na cultura Kadiwéu, explicando que a relação dessa dança com a educação da criança Kadiwéu é importante. “Os Bobos gostam de correr atrás das crianças para sorrir ou para bater com vara de pau e quando eles conseguem pegar, batem mesmo, que é para a criança aprender a respeitar. As crianças morrem de medo e até hoje eu tenho medo. Se um dos Bobos falar algo para uma pessoa sobre a vida dela, aquilo pode acontecer futuramente”, explicou a senhora Vênus, indicando que a própria cultura Kadiwéu cria tensões nas relações, e com os ‘Bobos’, tudo parece lúdico, dançante, mas no fundo é um modo de dar formação para os pequenos.

Com relação às brincadeiras, a senhora Vênus explicou que elas fazem parte da vida da criança. Eles aprendem destacando alguns jogos, as meninas brincam de cozinhar e de bonecas, os meninos gostam de atirar, que é o jogo da escopeta, tem a brincadeira do cavalinho e da linha. Sobre o jogo da linha, explicou: “Dizem é muito perigosa, eu tenho medo, porque as crianças começam essa brincadeira não querem parar mais, segundo os mais velhos quando as crianças brincam bastante ela traz doença. Um dia desses meninos jogaram o dia inteiro, jogaram vários dias e uma menina morreu. Todos na aldeia acharam que aquela brincadeira estava agourando a vida da moça”.

A formação dos filhos para a condição de ‘filho ou filha querida’ foi encontrada em Vinha (2004) que registrou que desde criança um dos filhos seria o (a) escolhido (a), receberia uma carga de informação maior e teria o direito de comer em uma tigela separada, enquanto os demais filhos comiam coletivamente, dentre outros fatores. A senhora Vênus explicou que o filho mais velho e a filha mais nova está sendo preparada para ser (a) o ‘filho querido’ (a).

A senhora Vênus explicou que a diferença entre a criança do passado para a de hoje, dando exemplo, “a criança Kadiwéu ela nunca saía para trabalhar, sempre estava na aldeia junto com seus familiares, hoje não, eu falo de meus filhos vão para a faculdade a gente tem que correr atrás”.

A **senhora Terra** explicou quanto à roupa, a criança usa roupa normal. Mas quando seu filho teve ‘quebrante’, a senhora explicou que foi feita a seguinte simpatia: “quando meu esposo veio do campo chegou todo molhado de suor e essa roupa molhada foi vestida na criança”. Seu povo conhece e utiliza essa simpatia para acabar com o quebrante.

Essas práticas, segundo Araújo (2002) estão ligada à maneira viva e enraizada de compreender a vida e a morte, nesse caso as funções naturais, o lugar do neonato e as suas relações com o sobrenatural implicam preocupação materna sobre a sutileza e a fragilidade da vida que rondam o bebê.

Na tradição, segundo Meliá (1999) a ação pedagógica dos povos indígenas permite que o modo de ser se reproduza nas novas gerações, e também que eles encarem com relativo sucesso as novas situações. A educação passa pelo ciclo da vida; é a preparação para a convivência com o mundo, se aprende com os pais, avós e os outros da comunidade. Desse modo, a tradição, no caso a indígena Kadiwéu, ganha novos contornos.

A senhora Terra relatou que tem um outro nome na cultura Kadiwéu, mas não se recordava naquele momento da entrevista. Afirmou que sobre a educação de seu filho “quem cuida e educa sou eu e meus pais, mas é minha mãe que cria ele. Eles gostam, nossa! Demais”. Há tanto apreço em seus pais pela criança que ela afirmou “se eu chegar a sair daqui, minha mãe fica doente.

Continuando, explica que “nós estamos ensinando a língua, essa é a diferença. Há diferença na educação porque muita coisa que o menino faz a menina não pode fazer, por exemplo, brincar no meio de menino, a menina não pode soltar pipa que eles já não aceitam”.

A senhora Terra, ao envolver-se com o tema, explicou assim as diferenças: “homem é homem, agora menina é menina”. Para exemplificar, contou que seu irmão sofreu muito, pois mesmo quando era maiorzinho estava sempre grudado com a mãe. Seu pai não

queria que fosse assim. “Papai brigava muito com ele e ele era uma pessoa muito quieta. Meu pai é muito machista”. A senhora terra continuou na sua narrativa dizendo que:

De um modo geral, os Kadiwéu, principalmente na aldeia, o menino pode jogar bola, mas não pode varrer ou pegar uma vasilha, as colheres para lavar, que é o que menina faz. O pai fica bravo, só faz coisa de homem, jamais fazer esses serviços. E a menina, na verdade, nem a menina não trabalha. Sempre minha tia nunca deixava a gente, nem meu irmão trabalharem, porque achavam que minha mãe estava nos fazendo de escravo. Só que aqui *[aldeia na terra Terena]* não. A educação que minha mãe teve a menina trabalha desde os doze anos. Tem que fazer o serviço de casa. E lá *[aldeia na terra Kadiwéu]* não, se as meninas estão trabalhando é uma judiação. (Acréscimos da pesquisadora).

Com relação à educação do ‘filho (a) querido (a)’ a senhora Terra explicou que é o primeiro filho, menina ou menino. Na verdade, ela só tem um filho, queria e pretendia ter só esse filho, mas sua mãe quer que o casal tenha mais um. Pela tradição, seu filho já é o ‘filho querido’ e “quem está preparando ele são os avós, ele vai se preparando com meus pais”.

A senhora Terra explicou que quando os avós falam com a criança fazendo correções no seu comportamento, “a criança respeita não faz birra”. Praticamente, explicou “não existe brigar com ele, meu pai pede para ele não fazer, ele fica quieto”.

Segundo a senhora Terra, no dia a dia, a educação na família Kadiwéu, fica assim: se a mãe chega a chamar a atenção da criança, para corrigi-la, sem conversar com ela, e se brigar o avô da criança “vem em cima de mim, ele não admite que brigue com meu filho. Minha mãe já é diferente, briga para corrigi-lo, mas depois se arrepende”.

De acordo com Cohn (2005), a criança, em seus primeiros anos de vida, vive aparentemente uma permissividade sem limites, em seu espaço geográfico. Isso acontece, porque a criança explora o ambiente em que vive.

A senhora Plutão explica sobre a relação das crianças com alguns pedidos do ‘Bobo’ diz que por vezes eles podem desistir de fazer alguns pedidos. Quando a senhora Plutão era pequena, foi laçada por um dos ‘Bobos’, eles pediram uma novilha para a comunidade e os pais dela teriam que concordar. O pai deu a novilha e teve festa. Os ‘Bobos’ estavam sempre de olho nela, porque ela é a filha mais velha de uma família influente entre os Kadiwéu. Então, os ‘Bobos’ faziam também uma distribuição de bens, conforme Siqueira Junior (1993).

São essas relações de poder, da força da tradição étnica, dos lugares e dos fazeres que podem ser sintetizados em Silva (2002, p. 41): “[...] a identidade e a subjetividade infantil

constroem-se por meio de processos que se realizam em seus corpos e que sintetizam significações sociais, cosmológicos, psicológicos, emocionais e cognitivas”.

Com relação ao jogo, a senhora Plutão falou que ela brincou muito o ‘jogo da linha’ quando era criança, ela relatou que nesse jogo “pode fazer passarinho, tartaruga, e pedras, era chamada assim, porque tinham que fazer dois formatos de pedras, os mais velhos pediram para não jogar mais esse jogo”, pois os mais velhos o consideram perigoso.

A senhora Plutão entende que há diferença na criação e disse, “pode se dizer que os Kadiwéu têm uma tradição muito machista. Para eles o homem é homem e sempre fica com o pai e a mulher fica com a mãe, mas eles jamais vão admitir isso”.

Os Kadiwéu possuem valores que resistem ao tempo, esses valores são componentes dessa identidade, pois são característicos de sua singularidade. Por outro lado, para entender essas diferenças, não se deve concebê-las como dadas e autenticadas. Segundo Bhabha (1998), elas são os signos da emergência da comunidade concebida como projeto, ao mesmo tempo uma visão e uma construção, que leva alguém para ‘além’ de si para retornar, com um espírito de revisão e construção, às condições políticas presentes.

Nesse sentido, compreendemos que as mudanças estão ocorrendo, mas os Kadiwéu estão passando por uma recuperação de elementos identitários, dialogando com o mundo urbano ao re-significar práticas culturais, o que indica que há um ‘núcleo duro da identidade’ que estabelece um elo entre passado e presente.

A **senhora Marte** sobre o ritual da morte na cultura dos Kadiwéu existe uma parte da cultura, “quando morre uma criança, os pais doam um filho para aquele casal que perdeu o seu, essa criança representa o filho que se perdeu. Então, com meu marido aconteceu isso. Foi ser filho de um Kadiwéu que só falava no idioma.

Explica que “quando eu fui para lá, eu achei estranho, sempre eu estava na casa dele, eu falava com ele, não me respondia. Até que um dia eu falei para Saturno acho que seu pai não gosta de mim, porque ele não me responde quando converso com ele, aí ele foi me explicar que os sogros não falam com as noras, como você pode ver, é uma diferença, eu sou índia, e lá também, mas o modo de vivenciar é diferente”.

Sobre o idioma a senhora Marte comenta que as duas filhas e o filho entendem pouco, mas ela também não sabe falar bem a língua Terena, o que segundo ela é uma pena. Agora com o neto ela pediu para o senhor Saturno ensinar o neto no idioma kadiwéu.

O **senhor Saturno** então esclarece que o neto “é lindo e muito fofo”. A **senhora Marte** completou que é vida e a paixão deles. O senhor Saturno comenta “já estou ensinando

alguma coisa para ele. Agora, por exemplo, ele pediu água, no idioma kadiwéu e na língua Terena. Estou começando a contar histórias, ele vai ser o neto querido”.

Quadro 15. Síntese dos Olhares das Mulheres Adultas - criação do menino e da menina

Criação do menino e da menina

Entre os kadiwéu embora alguns morem na cidade e freqüentem faculdade, seguem elementos da tradição que caracterizam diferenças na criação da menina e do menino. A mulher passa pelo ritual da ‘festa da moça’ por ocasião de sua primeira menstruação. O menino tem o ritual do corte de cabelo. O menino e a menina quando vão para a cidade pela primeira vez tem festa. O idioma é ensinado desde cedo e há diferenças no modo de falar da mulher e do homem. Hoje a língua Kadiwéu está presente na formação da criança, assim como as tensões das diferenças culturais estão em constantes negociações.

3.6 Tensões - a construção de novos ambientes para formação da criança Kadiwéu

Os Kadiwéu passaram por diversas mudanças que parecem ter favorecido para que o grupo possa viver de acordo com seus valores nas tensões específicas da realidade atual. As tensões que permeiam a pedagogia da criança Kadiwéu, na atualidade, estariam no nosso entendimento, quando os ‘filhos queridos’ reclamam dos jovens, que hoje pouco se interessam pela cultura. A senhora Mercúrio observou que “as mulheres não dão mais atenção às crianças, deixam brincar no chão, não ensinam as crianças andarem”.

Por outro lado, senhora Sol, Mercúrio, Vênus e Terra entendem que na tradição mudou alguma coisa, porque antes não existia na aldeia. Citaram como exemplo, o fato de algumas pessoas morarem na cidade, mas também tudo porque o Kadiwéu precisa trabalhar. Hoje as crianças frequentam a escola, os jovens frequentam a faculdade e permanecem mais na capital. Mas ressaltaram que isso não quer dizer que não exista mais tradição. A senhora Vênus falou sobre as meninas, explicando que iam fazer a ‘festa da moça’ para sua filha e isso vai ser conforme a tradição.

Nesse sentido, completamos o pensamento da senhora Vênus com Laraia (2004, p.45) ao afirmar que “ele (o ser humano) é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”.

As mudanças podem trazer um sentimento, principalmente aos olhos dos mais velhos, pelo fato de as crianças e jovens frequentarem escolas e faculdade, de que outros modos de viver estejam favorecendo a perda dos valores do grupo. Mas, conforme os relatos há indicações de enfrentamentos diários, há remodelações de conteúdos. Essa dinâmica faz com que esses valores estejam sendo repassados e vivenciados. Assim, a tradição está sendo

praticada, e imprimida nas pessoas desse grupo étnico, em que pesem as mudanças que adentram a vida na aldeia, assim como a saída de alguns deles ao seu encontro, optando por viver na capital.

A educação do menino também é construída diariamente no relacionamento com os colegas e brincadeiras com jogos. São educados para respeitarem as mulheres, os velhos, e as crianças, bem como todos da comunidade. Isso não quer dizer que não existam crianças e jovens que desrespeitem os outros. Conforme as entrevistadas, “essas coisas são com o tempo corrigido pela comunidade”.

Desse modo, nos dias de hoje ficou subentendido que cada geração transmite os conhecimentos de forma diferenciada, o que gera conflitos com os mais velhos. Processualmente, os jovens de hoje, no futuro, poderão ter essa mesma apreensão sobre a tradição que hoje recebem. As tensões fazem parte da dinâmica do grupo e da vida do sujeito. Para Silva (2000, p.32), “a cultura é teorizada no campo de luta entre os diferentes grupos sociais em torno da significação”. A construção dessas relações está envolvida com as relações de poder.

Com relação aos ‘Bobos’ disseram as senhoras entrevistadas que “é brincadeira e faz parte de nossa cultura”. O objeto que os ‘Bobos’ jogam nas crianças ou adultos têm um significado. Por exemplo, se eles jogarem uma garrafa, quem for atingido terá que dar pinga. De todo o jeito, as crianças têm medo deles.

A **senhora Terra** expressou que adora a aldeia. “A diferença de morar lá e aqui é que quando eu vim para a aldeia das terras Terena, na aldeia das terras Kadiwéu não tinha energia, televisão, não tinha nada. Aqui já tinha energia, tinha televisão. Eu conheci coisas da realidade daqui, soube tantas coisas que não prestava atenção, que lá eu não conhecia”. Afirmou ainda que a aldeia das terras Kadiwéu era uma aldeia bem preservada. “Para mim era um paraíso! Hoje muita coisa mudou, não continua a mesma coisa, essa é a diferença, já tem luz, televisão e outras coisas”. Essa diferença sempre vai existir, porque os Kadiwéu estão sempre em contato com outros grupos.

A **senhora Terra** diz menina Kadiwéu é educada para aprender as habilidades ligadas a sua etnia; isso não quer dizer que esteja alheia à realidade do que ocorre no mundo atual. Explica que teve uma educação que a diferenciou das outras mulheres de outras etnias. “Eu fui educada na tradição Kadiwéu e quando vim morar na aldeia das terras Terena, para continuar meus estudos, foi muito difícil, porque as meninas Kadiwéu não aprendem a cozinhar cedo e aqui as meninas aos doze anos ajudam à mãe em tudo”. Assim, ela afirma que teve que aprender tudo e que, “foi difícil, mas aprendi”. A **senhora Terra** completou a idéia

dizendo que o pai “Ele já impõe desde cedo, a menina sempre é educada pela mãe que conversa com a menina, e o menino geralmente com o pai”.

A **senhora Plutão** expressou seu sentimento dizendo que o pai do menino “quer que desde cedo a criança se defina logo”. Desse modo, alguns pontos fundamentais do cotidiano da criança Kadiwéu foram explicitados tanto pelas senhoras mais jovens das mulheres Kadiwéu, expressaram as traduções e a dinâmica da tradição Kadiwéu. Nesse sentido, podemos entender que algumas práticas da tradição Kadiwéu apresentam variações devido aos encontros com o mundo ocidental e às relações interétnicas. O que não havia antes foi sendo dinamizado com traduções (BHABHA, 1998).

Pode-se entender que a educação na tradição Kadiwéu está sob a relação de poder a qual estabelece diferença na construção do modo de vida das pessoas. As senhoras indicaram com clareza as diferenças que há entre um povo Terena e um Kadiwéu. Nesse sentido, Scott (2000 *apud* FLEURI, 2003), destaca que isso é um elemento constitutivo das relações sociais que estão fundamentadas nas diferenças percebidas entre os meninos e meninas, sendo o primeiro modo de dar significação as relações de poder.

Na tradição indígena Kadiwéu, cuja sociedade foi e no decorrer do tempo permanece constituindo-se de casamentos intertribais, a tradição, além de ser dinâmica evidencia as diferenças étnicas que a atravessam, dando sentido às relações. A tradição, segundo a senhora Terra, deve ser preservada. Todas as tradições devem ser preservadas porque elas acabam se perdendo “por não darem valor à tribo, às aldeias, ao lugar, tem que continuar a preservação das aldeias indígenas”. Entende que é importante contar para a criança desde cedo sobre a preservação da tradição Kadiwéu e da aldeia. É importante para a criança iniciar sua fala com o idioma porque muita gente fora da aldeia fala: “Ah, você não é índio, não fala a língua”. O filho da senhora Terra fala algumas palavras, como exemplo, “pede água no idioma, fala cavalo, ele vê e fala tudo no idioma”. Porque, explica ela, “meu avô e meu pai estão ensinando para ele aprender a cultura”. Quando a criança crescer, se for uma criança que não conhece nada, se lhe perguntarem sobre sua cultura, ela não vai saber responder, argumentou à senhora. Na língua Terena, a criança também pede água, ela está aprendendo as duas línguas.

Na família, há uma admiração por essa criança porque a senhora e seus irmãos entendem a língua dos seus pais, mas sabem falar pouco, enquanto a criança de hoje começa a se expressar nas duas línguas ao mesmo tempo. Isso tendo tranquilidade, pois a pedagogia Kadiwéu com as crianças contemporâneas suscita novos conhecimentos, favorece a aquisição de novas práticas educativas, antes restritas somente à linhagem paterna, como o caso da

língua de predominância. Como observou a senhora Terra sobre a aprendizagem de seu filho de três anos, “todos ensinam, ainda hoje”.

Nesse sentido Barth (2000, p. 33) afirma que, “quando as unidades étnicas são definidas como um grupo atributivo e exclusivo, a sua continuidade é clara, ela depende da manutenção da fronteira”. Em suas aprendizagens a criança não só aprende como deve tratar o pai, a mãe e outros componentes do grupo. Cohn (2005, p. 30 e 31) esclarece que ela “criará para si uma rede de relações que não está apenas dada, mas deverá ser colocada em prática e cultivada”, portanto “elas não ganham ou herdam simplesmente uma posição no sistema de relações sociais e de parentesco, mas atuam na criação dessas relações”.

Nesse sentido, pode-se dizer que a educação Kadiwéu desperta a percepção da criança sobre seu lugar naquela sociedade. Segundo Meliá (1979, p. 18), “a educação indígena é difícil de analisar principalmente porque não é parcelada”. No contexto Kadiwéu, de uma sociedade formada pela inclusão do outro, o processo explicitado pela senhora Terra mobiliza também conflitos entre as gerações. Ela explicou que seu pai conversa muito com seu filho, dizendo para a criança que ela não é Terena. Por outro lado, seu esposo fala para a criança que ele é um Terena. “Aí fica complicado, eu fico sem saber o que fazer, a criança fica dividida, fica no meio”. Seu pai, que é Kadiwéu, não aceita a afirmação feita por seu marido. “Isso é um conflito”, diz, ao mesmo tempo em que os membros da família presentes na entrevista riem muito. “A única coisa que eu falo é que quando ele crescer ele é quem vai decidir o que vai ser”.

Diante dessa complicação, ela afirma que seu marido antes não aceitava o posicionamento da tradição Kadiwéu, mas agora já está concordando. O marido da senhora Terra começou a concordar depois que começou a ir à aldeia da terra Kadiwéu e gostar de lá também “agora, acho que ele concorda”. A senhora Terra continua explicando que como mãe da criança, se tiver um comportamento de brigar com a criança na frente do seu pai, então o avô da criança tem uma reação que “será a mesma coisa que dar uma tapa, ele não aceita isso, por outro lado, se a criança fosse menina, meu pai ia se apegar à menina, mas ele não ia falar tanto com a menina como fala com o menino”.

Podemos entender que nesse processo ocorrem alianças interétnicas, não com poucos conflitos e complicações, como disse a senhora Terra. Conforme Bhabha (1998, *apud* FLEURI, 2003, p.63) há uma “fronteira cultural ou uma borda deslizante e intervalar nas relações, estimulando o desejo de reconhecimento de outro lugar e de outra coisa”. Essas relações dinamizam complexidade entre as culturas.

Meliá (1979) explica que a cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização, o que parece ser muito rico uma vez que muitos dos saberes Kadiwéu vieram de relações com outros grupos étnicos.

Em que pese esse contexto, a senhora Terra afirma que os Kadiwéu “se depender dela e de muitos jovens que estão retomando a cultura e a tradição não vão acabar”. Nesse sentido foi solicitada a referida senhora que deixasse escrita uma mensagem para a criança, qual seja: “para a criança crescer e nunca abandonar a cultura Kadiwéu, porque está no sangue de cada um seguir o caminho e querendo ou não seguir ela será sempre Kadiwéu”.

Os Kadiwéu tendo uma história de tenacidade, preservando sua identidade, miscigenada com diferentes povos, não esquecem seus símbolos e seu *ethos*. Desse modo, para que essa diferença identitária possa ser consolidada, Hall (2006) argumenta que a identificação é um processo de articulação, uma sobredeterminação e não uma subsunção.

Os Kadiwéu se casam entre si e com outros. Hoje, algumas famílias seguem as regras da tradição. Contudo, os casais podem se separar se assim quiserem. A nosso ver, por ser uma sociedade ágrafa, o que valia era a palavra e mesmo hoje, com a chegada da escola e de outras formas de contato, esses acordos de caráter moral do grupo são mantidos. No dizer de Bhabha (1998), seriam as negociações.

Nesse caso, valem as regras estabelecidas por seu grupo de pertencimento. Nesse sentido, as relações de poder do grupo carregam tensões e conforme Silva (2000), tais relações implicam conflito, controvérsia, lugar de disputa, de consenso, de discurso e de acordo. Direcionando o olhar para a criança sob os critérios da cultura indígena, Silva e Nunes (2002) destacaram que as crianças têm algo original a dizer, pois se socializam ao longo de uma relação dialógica com o mundo e vão compreendendo, assim, variações de saberes e práticas existentes em seu grupo social, ao construir sua identidade cultural. Cohn (2005) afirma que “por isso não podemos falar de criança de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que ocupam na sociedade [...]” (p. 9). Sendo diferentes dos modos de criar no mundo ocidental é necessário entender e respeitar o lugar, o tempo e o processo histórico que esse povo tem em seu modo de vida, indispensáveis para sua cultura e sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa intitulada “Pedagogia Kadiwéu e Formação da Criança - olhares de Mulheres adultas Kadiwéu” buscou respostas para o seguinte problema: *quais são os saberes e práticas específicas dos Kadiwéu para que uma criança possa construir sua identidade*

Os argumentos encontrados para esclarecê-la vieram de um panorama histórico do modo de vida dos Mbayá-Guaicuru a partir do Século XVIII, percorrendo especificidades até os atuais Kadiwéu, no Século XXI.

A organização social dos Kadiwéu manteve seu eixo estrutural de ‘senhores’, ‘guerreiros’ e ‘cativos’, durante todo esse período histórico. Atualmente, o lugar do ‘guerreiro’ está simbolicamente vazio, mas a índole guerreira está presente no ‘ser brabo’, ‘ser ruim’ é bom e ‘ser fera’ é belo. Os ‘cativos’ e os ‘nobres’ se relacionam de forma afetiva, mas mantêm uma ordem hierárquica e de fidelidade.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de descrever os saberes e práticas no ‘jeito’ de educar e formar a criança Kadiwéu no seu universo sócio-cultural, sob olhares de mulheres adultas Kadiwéu. Perceber o modo educativo primário, e como o fazer pedagógico influencia na formação identitária da criança.

Os objetivos específicos foram destacados em três eixos. Esses eixos foram inspirados nos argumentos elaborados por Mauss (2003): (a) técnicas do nascimento; (b) modos de criar e de alimentar a criança - desmame e pós-desmame e (c) diferenças na criação da menina e do menino.

Desse modo, a centralidade do olhar feminino e adulto priorizou esses três eixos. Esses fatores contribuíram para vislumbrar que a educação Kadiwéu na tradição está compreendida sob a dinâmica histórica e sociocultural.

Para consolidarmos esse estudo o levantamento de dados sobre a formação da criança Kadiwéu ficou assim sintetizado: as técnicas de nascimento não foram abordadas por autores dos Séculos XVIII a XXI. Contudo há aproximações a esses contextos que contribuíram para elucidar alguns fatores. Desde Sánchez Labrador (1910), em 1770 até Lecznieski (2005) não há registros das técnicas de nascimento. Mas, registraram que as mulheres, ao se sentirem grávidas, eram livres para ter ou não o filho. Segundo as mulheres entrevistadas, nos dias de hoje não ocorre essa prática. Na atualidade, assim como no passado, geralmente têm somente um filho, mas houve um período em que nasceram mais crianças.

O segundo eixo da pesquisa, os ‘modos de criar e alimentar a criança - desmame e pós-desmame’ indicaram que as mulheres, em diferentes idades, podiam amamentar. O aleitamento só terminava quando as crianças não queriam mais mamar, geralmente dos três aos seis anos e após o desmame passavam para a alimentação do adulto.

Mudanças mais efetivas ocorreram por ocasião das mudanças vindas de recursos provenientes de arrendamentos das fazendas e das atividades agrícolas da criação de gado bovino e equino. Quanto às diferenças na ‘criação da menina e do menino’, até sete anos aproximadamente, era feita pela mãe, depois os pequenos eram transferidos para os adultos. A menina era responsabilidade da mãe, até ser introduzida nos ritos pubertários. Desde bebês as crianças eram criadas numa educação polida. Eram livres, menino ou menina até os doze anos. Tomavam de três a quatro banhos por dia. O menino andava nu, com enfeites na cabeça e rosto pintado de negro. Aos doze anos, já podia participar das festividades dos adultos, tocando flauta e tambor, anunciando as festividades. Desde bebês, as meninas eram cobertas com mantas. Quando grandinhas usavam túnica, rosto pintado de negro e enfeite na cabeça até os seis anos. Demonstavam muita inteligência, vivacidade e curiosidade. Pintavam os cabelos de vermelho e em cada fase havia uma forma de ser cortado. Deixavam compridos até os cinco anos de idade, sendo cortados aos poucos e finalizando o tempo de ser criança, os meninos passavam para a ‘moda dos homens’ e as meninas passavam para a ‘crista das mulheres’.

A criança passava pelo ‘ritual do nome’, escolhido pelo pajé ou ‘padre’. O corte de cabelo dos meninos podia ser do jeito que quisessem. Às vezes eram prometidos para o casamento por suas famílias. A primeira menstruação era recebida com a ‘festa da moça’. Pintavam o rosto com a tinta de jenipapo, para durar a pintura mandavam picar a pele com espinhos. Dormiam sobre peles de animais, em pequenos feixes de palhas. Tinham somente um filho. Tiveram educação para serem guerreiras. Os pais e a comunidade estavam envolvidos com os cuidados e a educação das crianças. Logo que nasciam os pais e os cativos

cuidavam com o objetivo de servi-los, vigiá-los e acompanhá-los. Eram mantidos em constantes atividades físicas. Às vezes, acompanhavam os pais nas excursões. Enfeitavam o pescoço com colares de contas ou tubos de pratas; nos pulsos usavam braceletes e nos pés fios de contas azuis. Quando ficavam jovens, vestiam-se com pano branco ou colorido. Até os seis anos usavam cabelos longos, depois cortavam. Na idade adulta deixavam crescer, era bem penteado, negro e liso. Praticavam ‘pugilato’ entre rapazinhos sob olhares de adultos e praticavam outros jogos. Acompanhavam as mães para aprender as técnicas de serem ceramistas;

Educavam as meninas na arte da cerâmica. As mães confeccionavam figuras de personagens ou animais e estatuetas de madeira, para que as crianças brincassem. Os pais orientavam e ensinavam os filhos não havendo segredos para eles. O irmão mais velho era visto como autoridade. O pai liga-se mais ao filho e a mãe à filha. Havia divisão rígida entre os gêneros e de trabalho, mas ambos colaboravam na educação das crianças. A menarca era comemorada com a ‘festa da moça’. Os irmãos eram unidos e carinhosos. Quando a moça se casava, a autoridade dos pais era maior que a do marido.

Estes estudos me deram dados panorâmicos sobre o grupo, entretanto houve dificuldade em obter informações desses autores sobre a criança. Não foi elucidado pelos autores a formação da criança desde seus primeiros anos, da gravidez e do nascimento da criança naqueles períodos. Mesmo os dados obtidos, vale destacar que os olhares do missionário, dos militares e dos viajantes eram olhares de colonizador.

O diálogo com os relatos das mulheres Kadiwéu atuais, habitantes no meio urbano foram significativos, que propiciou não uma totalidade sobre os Kadiwéu, mas um conhecimento mais ampliado sobre a criança, mas simultaneamente limitado sobre o grupo. Por essa razão não se pode ter afirmações conclusivas sobre essa etnia, mas sim para aspectos elucidativos que contribuirão para aprofundamento em outras pesquisas.

Tensões do passado se fazem presentes, ambientações que ajudam a formar a criança Kadiwéu são hoje mantidas, a exemplo do personagem simbólico dos ‘bobos’, a impor limites na educação das crianças. Os meninos passam pelo rito da primeira viagem até a cidade. As meninas ainda passam pelo rito da ‘festa da moça’. Danças do ‘Bate-pau’ são praticadas nas festas. A menina é inserida na técnica da cerâmica e de outros artefatos de responsabilidade da mulher. Os pais, biológicos ou não, têm muito carinho com as crianças, atendendo suas necessidades e conversando muito. Nos tempos de calor, as meninas ficam de calcinha e os meninos de calção. Os cortes de cabelo são hoje realizados com a compra de novos materiais de corte e às vezes eles são levados à cidade para o barbeiro cortar. Mudam o

nome e cortam o cabelo quando alguém morre. Quando o casal se separa, as crianças pequeninas ficam com a mãe e as maiorzinhas com o pai. Normalmente, quando é a mãe que vai embora com outro, o pai fica com as crianças.

Atravessando o período histórico de 230 anos, aproximadamente, quatro mulheres Kadiwéu, duas outras mulheres convidadas e um homem explicitou de forma detalhada o ‘entre-lugar’ que hoje vive esse grupo. No passado, a constituição da sociedade Kadiwéu era com pessoas de outros grupos, vindas das relações de contato e dos casamentos inter-étnicos pareciam deixar a identidade Kadiwéu em uma tradução contingente, incerta. No entanto, na atualidade parece certo que há um núcleo duro, um eixo identitário que cede pouco diante de tantas influências.

Em um período histórico as crianças foram expostas a situações que hoje seriam consideradas violentas como receber picadas de maribondos e escarificações realizadas na pele, usando ossos de animais. Hoje esses procedimentos estão em desuso entre os Kadiwéu.

Nesse sentido, os resultados esperados foram recuperar significados na formação da criança Kadiwéu. A conclusão é de que o diálogo com o relato das mulheres atuais, propiciou não uma totalidade, mas um conhecimento ampliado sobre a criança, mas simultaneamente limitado sobre o grupo. O ‘entre - lugar’ em que vivem os Kadiwéu, a educação e a formação da criança está impressa na tradição, sendo relevante para a preservação de sua identidade.

A construção de ambientes para a educação e a formação de a criança Kadiwéu nos saberes do seu povo está detalhada no decorrer do estudo por autores de diferentes períodos, por credenciamentos teóricos diversificados e pela empiria indicam que a escola pública precisa rever seu ponto de partida. Inspirada em Nascimento (2007) posso afirmar que nenhum outro segmento étnico brasileiro foi capaz, pela sua presença identitária, de provocar a necessidade de a escola rever seu atendimento. Assim, o presente estudo pode contribuir ao trazer uma reflexão sobre a lógica do mundo Kadiwéu.

Desse modo, posso dizer que, não se pode ter afirmações conclusivas sobre essa etnia, principalmente sobre a criança Kadiwéu, mas sim, para aspectos elucidativos que contribuirão para aprofundamento em outras pesquisas. Nesse sentido, sugere-se que outras pesquisas, façam relações de poder e de parentescos do referido grupo.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Carla Mayara. **Tradutora dos saberes Kadiwéu**. 2008 e 2009. Senhora Plutão.
- ARAÚJO, Melvina Afra Mendes de: **Das Ervas Medicinais à Fitoterapia**. São Paulo: Ateliê editorial - FAPESP, 2002.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.
- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: contra Capa, 2000.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed., UFMG, 1998.
- BERTELLI, Antonio de Pádua. **Índios Cavaleiros Guaicurus**. São Paulo: Uyara, 1987.
- BOGGIANI, Guido. **Os caduveo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, exemplar nº 105. 1945.
- BOTTOMORE, Tom e OUTHWAITE, Willian. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Editoria brasileira: Renato Lessa e Wanderley Guilherme dos Santos. Tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL, LDB (1988). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº 9.394**. Editora do Brasil S/A.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. **Manual operacional para comitês de ética em pesquisa**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL, Ministério de Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAILLOIS, Roger. **Los Juegos y los Hombres: La Máscara y El Vértigo**. México: Fondo de Centro Cultura Económica, S.A. de CV, 1986.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- CIMI, Conselho Indigenista Missionário. **Este ano a saúde dos indígenas vai mudar**. Texto endereçado aos indígenas. www.cimi.org.br. Acesso 25 -05-09.
- HOUAISS, Antonio. Dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

DAY, Vivian Peres, *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. In Revista Psiquiátrica (suplemento 1): p. 9 a 21, abril 2003.

DOPP, Romélia Rodrigues e VINHA, Marina. **Reflexões Teóricas sobre Identidade Étnica.** Anais do 16º. Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

DUARTE, T.T. Nunes & J.M.B. **O uso do Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus Dichotomus*) Como Espécie Bandeira para Conservação de um dos Habitats mais Ameaçados do Brasil, a Várzea.** Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (NUPECCE), Departamento de Zootecnia. Universidade Estadual. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu - MG.

ELIAS Norbert. **Sobre o Tempo.** Editado por Michael Schöter. Tradução: Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FARIAS Dayane Bernardo. **Dados sobre a educação na tradição Kadiwéu e contemporaneidade. Entrevista.** Entrevista concedida na Aldeia Buriti. Sidrolândia. Campo Grande M/S. 2008 e 2009. Senhora Terra.

FERNANDES, Eva Bernardo Farias. **Dados sobre Obstetrícia, os modos de alimentar e criar a criança na Tradição Kadiwéu. Entrevista.** Matogrosso do Sul: Sidrolândia; Aldeia Buriti, Campo Grande/MS, 2009. Senhora Marte.

FARIAS, Osmarino. **Dados sobre a educação da criança menino na tradição Kadiwéu. Entrevista.** Matogrosso do Sul: Sidrolândia; Aldeia Buriti, Campo Grande/MS, 2009 - Senhor Saturno.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 7 ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FREIRE, Paulo. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: autentica 2008.

FUNASA, Fundação Nacional de Saúde. **Dados sobre a saúde de populações indígenas.** Informações para os indígenas. www.funasa.org.br. acesso 25 - 05 - 09.

GALLAHUE, David L. e OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, Crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará.** São Paulo: Ipê, 2006.

HALL, John. **Cultura.** In: _ Dicionário do pensamento social do século XX. Editado por Willian Outhwaite, Tom Bottomore. Editoria brasileira: Renato Lessa e Wanderley Guilherme dos Santos. Tradução de Eduardo Francisco Alves, Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora; Identidade e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

JUNQUEIRA, Carmen. **Antropologia Indígena: uma introdução: história dos povos indígenas do Brasil.** São Paulo: Ed. EDUC, 2002.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade.** In_ ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

KRAMER, Sonia. Infância, Cultura e Contemporaneidade e Educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz e KRAMER, Sonia. Infância, educação e direitos humanos. São Paulo: ed. Cortez, 2003.

- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LARROYO, Francisco. **História geral da Pedagogia**. São Paulo: Mestre Ju, 1974.
- LECZNIESKI, Lisiane Koller. **Estranhos laços: predação e cuidado entre os Kadiwéu**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A noção de estrutura em etnologia; Raça e história; Totemismo hoje**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1978.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das letras. 6 reimpressão. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. 1996.
- LIEGBOTT, Roberto Antônio. **A mortalidade de crianças indígenas deve voltar a cair este ano**. www.Brasiloeste.com.br. 2009 acesso 31.05.09 às 17h00.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo/SP: EPU, 1996.
- MAUSS, Marcel. Noção de Técnica Corporal. In: **Sociologia e Antropologia: com uma introdução à obra de Marcel Mauss**, de Claude Lévi-Strauss. 2003. São Paulo: Cosac Naify, pp. 401-422.
- _____. **Ensaio de Sociologia**. 2005. São Paulo: Perspectiva.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Canto de morte Kaiowá - história oral de vida**. São Paulo: Loyola, 1991.
- MELIÁ, Bartome. **Educação indígena e alfabetização**. Campo Grande: FUCMAT, 1978.
- NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola Indígena: Palco das Diferenças**. Campo Grande UCDB. (Coleção teses e dissertações em educação, v2).
- OLIVEIRA, Ruth Gonçalves. **Percepção dos Adultos Terena sobre a socialização das crianças de 0 a 6 anos da aldeia Tereré de Sidrolândia - MS**. Dissertação (mestrado, em Educação) UCDB - Universidade Católica Dom Bosco/MS, 2007.
- PECHINCHA, Mônica T. S. **Histórias de Admirar: Mito, Rito e História Kadiwéu**. Brasília, 1994. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Universidade de Brasília.
- PETTA Nicolina Luiza de. OJEDA, A. Baez. **História: uma abordagem integrada**. São Paulo. Volume único. 1.ed. Moderna, 1999.
- POUTIGNAT, Philippe. **Teoria da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaycuru. In: **Revista Sociologia**, vol. XIII março de 1951, número 1, pp. 93 - 109 1951. Publicada pela Escola de Sociologia/USP.
- RIBEIRO, Darcy. **Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza**. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes. 2 ed. 1980.
- ROCHA FERREIRA Maria Betraiz. et all. **Raízes Jogos Tradicionais**. In: **Atlas do Esporte no Brasil**. 2005. Rio de Janeiro: Editora Shape.

ROGOFF, Bárbara. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SARAT, Magda. **História de Estrangeiros: infância, memória e educação**. 2004. Tese de doutorado. Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP. Piracicaba, São Paulo.

SERRA Ricardo Franco de Almeida. **Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurús e guanás, com a descrição de seus usos, religião, estabilidades e costumes**. In: Revista Trimestral de História e Geografia/RJ tomo sétimo, 2ª edição, 1866 pp. 204 -218.

SIQUEIRA JR., Jaime Garcia. **Esse campo custou o sangue de nossos avôs: a construção do tempo e espaço Kadiwéu**. 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo.

SÁNCHEZ LABRADOR, José. **El Paraguay Católico**. 1910. 3 v. Buenos Aires: Imprensa de Coni.

SILVA, Aracy Lopes da et. all. (Org.) **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Aracy Lopes da. **Índios** São Paulo: ed. Ática, 1988.

SILVA, Elizabeth. **Dados sobre da obstetrícia conforme a Pedagogia Kadiwéu e a Formação da Criança. Entrevista**. Entrevista concedida na Aldeia Água Bonita, na cidade de Campo Grande /MS. 2007 e 2008. Senhora Sol.

SILVA, Saturnina da. **Dados sobre a Pedagogia Kadiwéu e a Formação da Criança. Entrevista**. Entrevista concedida na Aldeia Água Bonita. Campo Grande /MS. 2008. Senhora Mercúrio.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2001. Petrópolis, RJ: vozes.

SILVA, Thomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2000.

VERGILIO, Creuza. **Dados sobre Obstetrícia, alimentação e modos de criar a criança Kadiwéu. Entrevista**. Entrevista concedida na cidade de Miranda M/S. Senhora Vênus.

VINHA, Marina. **Corpo-sujeito Kadiwéu: jogo e esporte**. 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP.

Meio Eletrônico

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Ritos de passagem**. Disponível em [www.http://pt.wikipedia.org/ritos_de_passagem](http://pt.wikipedia.org/ritos_de_passagem). Acesso em: 16 de Maio de 2008 às 19h40min.

www.metodista.br Universidade Metodista de São Paulo. **Indígenas também são vítimas da violência**. Acesso www.google.com.br . 31. 05. 09 às 16h40min.

<http://anjosguerreiros.blogspot.com> **Líderes indígenas denunciam altos índices de violência**. Acesso 31.05.09 às 17h20min.

www.entremulheres.com.br

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

1. TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA:

PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA- OLHARES DE MULHERES ADULTAS KADIWÉU.

2 PESQUISADORA:

Nome: Romélia Rodrigues Dopp.

CPF: 080.052.061- 00 **RG:** 12.447.581 SSP/SP.

Telefone: (67)32314004/99873194/ 3306-1331 **Endereço:** Rua: Firmo de Matos, nº 78.

CEP: 79.331-050 **Bairro** Dom Bosco **Cidade:** Corumbá/MS.

3. ORIENTADORA:

Nome: Marina Vinha.

CPF: 070.499.001-68 **RG:** 109.858. SSP/MS.

Telefone: (67)3387-5920/9902-6567 **Endereço:** Rua: Ametista, nº 216.

CEP: 79.052-170 **Bairro:** Coopharádio **Cidade:** Campo Grande/MS.

4. OBJETIVOS DA PESQUISA:

4.1 Objetivo Geral:

Descrever o 'jeito' de educar Kadiwéu sob o olhar de mulheres adultas.

4.2 Objetivos Específicos:

a) sistematizar o 'estado da arte' que trata da criança Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu em referências bibliográficas, escritas por missionário, militares, viajante e etnólogos; b) identificar as representações sociais que contribuem para a formação da criança Kadiwéu e c) registrar a percepção das mulheres adultas sobre as técnicas do nascimento, modos de criar e alimentar e as diferenças na formação da menina e menino.

5. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA (SÍNTESE):

O projeto busca compreender a educação da criança Kadiwéu, vindo de relatos de diferentes períodos históricos e de olhares de mulheres adultas. O projeto está em andamento, o *objetivo geral* é o de descrever o 'jeito' de educar Kadiwéu sob o olhar de mulheres adultas. A metodologia foi buscada em fontes literárias que tratam dos Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu. A pesquisa é de caráter qualitativo, com reflexões que entrecruzam dados bibliográficos e dados empíricos, obtidos na oralidade e imagens, com mulheres adultas Kadiwéu, habitantes na periferia de Campo Grande/MS e região. Os benefícios esperados são: contribuir registrando os 'jeitos' específicos da educação indígena Kadiwéu e beneficiar a escola formal trazendo os processos próprios de ensinar e aprender, atendendo a Constituição de 1988 e LDB/1996.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Pesquisa priorizando a compreensão da criança Kadiwéu em diferentes períodos históricos foi desenvolvida com dados bibliográficos (em execução) e dados orais. A oralidade se fará por: a) coleta de dados com as mulheres adultas Kadiwéu; b) entrevistas com roteiro semi-aberto; c) gravação em audio-tape, transcritas e adequadas a algumas das normas padrão da língua portuguesa; d) as entrevistadas serão contatadas, a partir daí será marcada data, hora e local do encontro, este será acompanhado de uma pessoa Kadiwéu com domínio de ambas as línguas.

7. POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS:

Os riscos potenciais seriam no sentido de haver algum desrespeito ao modo de vida e aos valores dos sujeitos da pesquisados. Contudo, a pesquisadora está fundamentada nas normas explícitas na Resolução nº 304/2000, Resolução nº 196/1996 e Portaria nº 177/PRES/2006.

8. POSSÍVEIS BENEFÍCIOS ESPERADOS:

Trazer significados na formação da criança Kadiwéu, contribuindo para estudos escolares dos povos indígenas, ao tratar de processos próprios de ensinar e aprender, focar principalmente a fase anterior ao período em que a criança vai para a escola, fazendo emergir dados cujos valores fundantes contribuirão na compreensão do *ethos* Kadiwéu.

Considerando as informações constantes dos itens acima e as normas expressas na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde concordo, de modo livre e esclarecido em participar da presente pesquisa na condição de entrevistada.

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro.
2. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa;
3. É garantido o anonimato ou a identificação quando o informante se interessar por fazer uma versão de sua própria história ou de seu povo.
4. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos, em revistas especializadas e/ou em eventos científicos;
5. A pesquisa proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que a referenda e
6. O presente termo está assinado em duas vias.

Campo Grande-MS _____ / _____ / _____

(1) _____
Nome e assinatura do (a) Sujeito da pesquisa

Meio de contato _____

(2) _____
Pesquisadora: Romélia Rodrigues Dopp

(3) _____
Orientadora: prof^ª.dr^ª. Marina Vinha

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: PEDAGOGIA KADIWÉU E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA - OLHARES DE MULHERES ADULTAS KADIWÉU.

1. PESQUISADORA:

Nome: Romélia Rodrigues Dopp. **CPF:** 080.052.061- 00 **RG:** 12.447.581 SSP/SP. **Telefone:** (67)323 14004/9987-3194/3306-1331 **Endereço:** Rua: Firmo de Matos, nº 78. **CEP:** 79.331-050 **Bairro** Dom Bosco **Cidade:** Corumbá/MS.

3. ORIENTADORA:

Nome: Marina Vinha **CPF:** 070.499.001-68 **RG:** 109.858. SSP/MS. **Telefone:** (67)3387-5920/ /9902-6567 **Endereço:** Rua: Ametista, nº 216. **CEP:** 79.052-170 **Bairro:** Coopharádio **Cidade:** Campo Grande/MS.

4. OBJETIVOS DA PESQUISA:

4.1 Objetivo Geral:

Descrever o ‘jeito’ de educar Kadiwéu sob o olhar de mulheres adultas.

4.2 Objetivos Específicos:

a) sistematizar o ‘estado da arte’ que trata da criança Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu em referências bibliográficas, escritas por missionário, militares, viajante e etnólogos; b) identificar as representações sociais que contribuem para a formação da criança Kadiwéu e c) registrar com som e imagens a percepção das mulheres adultas sobre as técnicas do nascimento, modos de criar e alimentar e as diferenças na formação da menina e menino.

5. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA QUANTO AO USO DE *IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS* (SÍNTESE):

Com imagens atuais poderão ser entrecruzados dados bibliográficos e dados empíricos, registrado na literatura específica sobre os Mbayá- Guaicuru e Kadiwéu e em fotos atuais, cedidas pelas mulheres entrevistadas ou ocasionalmente obtidas quando da presença de alguma criança nas residências das referidas senhoras.

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS QUANTO AO USO *IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS*:

A literatura Kadiwéu não aponta algum desconforto de origem mitológica sobre reprodução fotográfica. Há a possibilidade de se obter fotos de crianças presentes durante o contato com as mulheres Kadiwéu. Para a obtenção dessas imagens será solicitada a assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, conforme a Portaria nº 177/PRES/2006.

7. POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS QUANTO AO USO DE *CAPTAÇÃO DE IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS*:

Partindo do princípio que os instrumentos para a coleta de imagens só serão expostos para as entrevistadas e acionados apenas quando for explicado e autorizado, o possível desconforto torna-se inexistente.

8. POSSÍVEIS BENEFÍCIOS ESPERADOS COM A CAPTAÇÃO DE IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS:

Contribuir para estudos escolares dos povos indígenas. A imagem de criança Kadiwéu que reporta a um dos três eixos do estudo: modos de criar, de alimentar, de relação mãe e filho, de expressões pessoais, dentre outros, são também dados científicos.

Considerando as informações constantes dos itens acima e as normas expressas na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde concordo, de modo livre e esclarecido em participar da presente pesquisa na condição de entrevistada.

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro.
2. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa;
3. É garantido o anonimato ou a identificação quando o informante se interessar por fazer uma versão de sua própria história ou de seu povo.
4. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos, em revistas especializadas e/ou em eventos científicos;
5. A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), que a referenda e
6. O presente termo está assinado em duas vias.

Campo Grande-MS _____ / _____ / _____

(1) _____
Nome e assinatura do (a) Sujeito da pesquisa

Meio de contato _____

(2) _____

Pesquisadora: Romélia Rodrigues Dopp

(3) _____
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marina Vinha

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação/Curso: Diversidade Cultural e Educação Indígena. Projeto: Pedagogia Kadiwéu e a Formação da Criança - Olhares de Mulheres Adultas Kadiwéu.

Questionário para mulheres Kadiwéu. Data: _____

Tradição/Relações de parentesco

Sr^a _____ **Idade:** _____

- Qual a família Kadiwéu pertence? ()Silva ()Matechua ()Outra, qual _____
- A Sr^a é filha de: ()Pai e Mãe Kadiwéu ()Pai Kadiwéu/Mãe Terena;
- Pai Terena/Mãe Kadiwéu; Outra: _____
- A Sr^a é casada. Esposo de qual etnia? _____
- Quantos tiveram? _____
- Como era o namoro dos Kadiwéu?
- E o casamento? _____
- Teve os filhos na aldeia, em terras Kadiwéu? _____
- Como foi a gravidez (como chama na língua?) _____
- A sr^a morava (a) em qual aldeia antes de vir para a aldeia urbana ou cidade?
- Há quanto tempo mora na cidade? _____
- O que a levou a sair da aldeia? _____
- Aqui na cidade a Senhora mora com quem? _____
- E na aldeia, deixou sua casa _____
- Sente diferença entre viver na aldeia e viver na Cidade/Aldeia Urbana.

(a) Técnicas do nascimento e da obstetrícia

- Quando a mulher Kadiwéu fica sabendo que esta grávida, o que ela deve fazer?
- Os meses que a barriga vai crescendo como a mulher deve se comportar, o que pode comer ou não pode.
- E na hora do parto, quem fica com a mulher? Onde fica o marido?
- Toma alguma erva? Tem cantos?
- Pode contar um pouco como foi o parto dos seus filhos?
- Quando a criança nasce, o que a tradição faz com o menino e com a menina?
- Há algumas regras que os pais Kadiwéu devem seguir enquanto a mulher esta grávida, para o homem e a mulher?
- Quem escolhe o nome do nenê?

(b) Modos de criar e de alimentar a criança (amamentação desmame e pós-desmame)

- O que a mulher deve comer para dar de mamar?
- E se a criança não pega o peito?
- Quando a mãe não tem leite, como os Kadiwéu fazem?
- Quando o peito dói, o que a mulher deve passar ou tomar?
- Tem hora certa para dar o peito para o nenê?
- Quando o nenê começa a comer outra coisa, além do peito?
- Quando o nenê deve deixar o peito? Há algum jeito de desmamar?
- O que ele vai comer?
- Há algum ritual, festa para o nenê? Quem faz esse ritual.
- Com quem a criança fica quando começa a andar?
- Como é criada a criança Kadiwéu?

(b) Diferenças na criação da menina e do menino

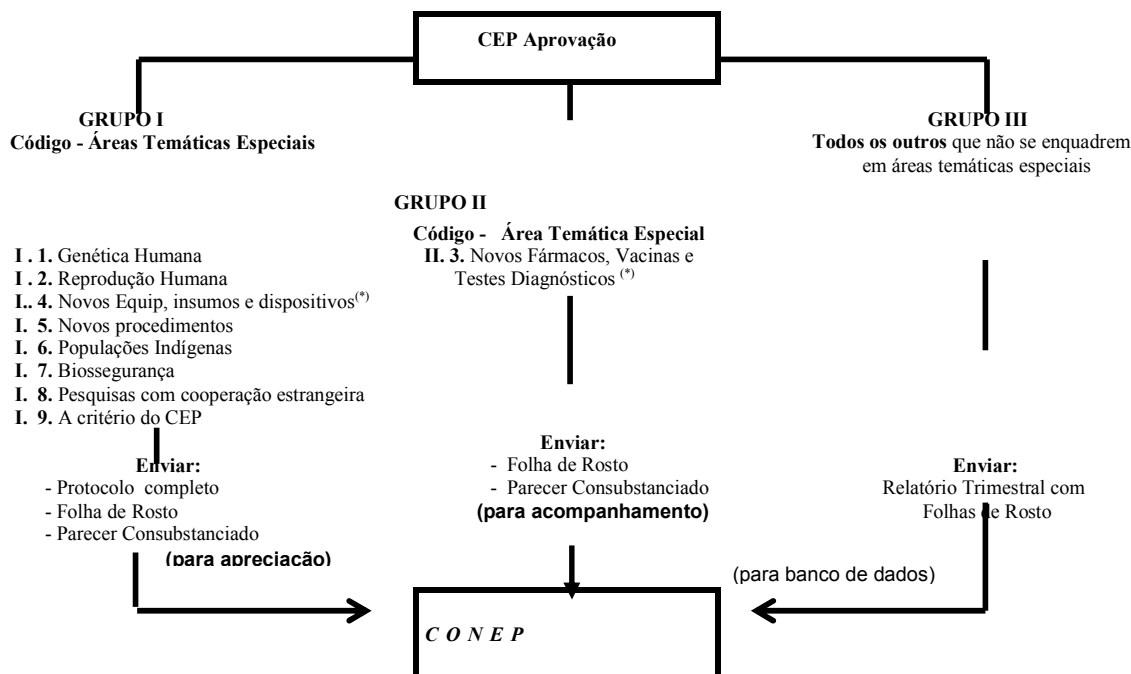
- Tem diferença para educar o menino Kadiwéu e a menina?
- Quem educa o menino e quem educa a menina?
- O que o menino pode fazer e o que não pode.
- O que a menina pode fazer e o que não pode.
- Quando a criança é escolhida como o “filho querido” ela recebe uma educação diferente? Como a criança vai sendo preparada para ser o filho querido? Isso se estende para a menina? O que ele (a) aprende?
- Existem festas dos antigos, para as crianças, que fazem até hoje? Quais seriam eles?
- Os adultos colocam algum tipo de medo nas crianças? Por quê?
- Os adultos contam historias de antigamente, da tradição, para os filhos?
- A senhora como Kadiwéu se sente feliz, e a criança, o que ela precisa para ser feliz? (Inspiração em Oliveira 2007)
- Quantos filhos a Sr^a teve? Eles foram criados na aldeia, foi a sr^a quem os educou? A educação foi na tradição Kadiwéu? Pode explicar como é feito isso?
- Pode contar a diferença de criar filhos na aldeia e na cidade?
- A criança pode aprender desde cedo os rituais da tradição Kadiwéu? Como seria isso? Para a menina? E para o menino?



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
 (versão outubro/99) Para preencher o documento, use as indicações da página 2.

1. Projeto de Pesquisa: Pedagogia Kadiwéu e a Formação da Criança			
2. Área do Conhecimento (Ver relação no verso) Educação		3. Código: 7.08	4. Nível: (n Sós áreas do conhecimento 4)
5. Área(s) Temática(s) Especial (s) (Ver fluxograma no verso) Populações Indígenas		6. Código(s): 1.6	7. Fase: (Só área temática 3) I () II () III () IV ()
8. Uni termos: (3 opções) Criança, Infância, Interculturalidade			
SUJEITOS DA PESQUISA			
9. Número de sujeitos No Centro: Total: 4		10. Grupos Especiais: <18 anos (X) Portador de Deficiência Mental () Embrião /Feto () Relação de Dependência (Estudantes , Militares, Presidiários, etc) () Outros () Não se aplica ()	
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
11. Nome: Romélia Rodrigues Dopp			
12. Identidade: 12.447..581		13. CPF.: 080.052.061-00	19. Endereço (Rua, n.): R. Firmo de Matos, 78 21. Cidade: Corumbá
14. Nacionalidade: Brasileira		15. Profissão: Professora	22. U.F MS
16. Maior Titulação: Especialista em Psicopedagogia		17. Cargo Professora Coordenadora	23. Fone: 673231-4004 24. Fax
18. Instituição a que pertence Governo do Estado de Mato grosso do Sul		25. Email: romelia_dopp@hotmail.com Email: romeliadopp@gmail.com	
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Data: ____/____/____ Assinatura _____			
INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO			
26. Nome da instituição UCDB - Universidade Católica Dom Bosco		29. Endereço (Rua, nº): Av. Tamandaré, 6000	
27. Unidade/Orgão: Programa de Mestrado em Educação - linha 3		30. CEP: 79.771-900	31. Cidade: Campo Grande 32. U.F MS
28. Participação Estrangeira: Sim () Não (X)		33. Fone: 673312-3601	34. Fax: 673312-2737
35. Projeto Multicêntrico: Sim () Não () Nacional () Internacional () (Anexar à lista de todos os Centros Participantes no Brasil)			
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução Nome: Margarita Rodriguez Fernandez Cargo: Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação. Data: 02/09/08 Assinatura _____			
PATROCINADOR Não se aplica ()			
36. Nome		39. Endereço	
37. Responsável		40. CEP:	41. Cidade: 42. UF
38. Cargo/Função:		43. Fone:	44. Fax:
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP			
45. Data de Entrada: ____/____/____	46. Registro no CEP:	47. Conclusão: Aprovado () Data: ____/____/____	48. Não Aprovado () Data: ____/____/____
49. Relatório(s) do Pesquisador responsável previsto(s) para: Data: ____/____/____ Data: ____/____/____			
Encaminho a CONEP: 50. Os dados acima para registro () 51. O projeto para apreciação () 52. Data: ____/____/____		53. Coordenador/Nome _____ Assinatura	Anexar o parecer consubstanciado
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP			
54. Nº Expediente:	56. Data Recebimento:	57. Registro na CONEP:	
55. Processo:			
58. Observações:			

FLUXOGRAMA PARA PESQUISAS ENVOLVENDO SERES HUMANOS (JAN/99)



CÓDIGO - ÁREAS DO CONHECIMENTO (Folha de Rosto Campos 2 e 3)

1- CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

- 1.01 - MATEMÁTICA
- 1.02 - PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA
- 1.03 - CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO
- 1.04 - ASTRONOMIA
- 1.05 - FÍSICA
- 1.06 - QUÍMICA
- 1.07 - GEOCIÊNCIAS
- 1.08 - OCEANOGRAFIA

4 - CIÊNCIAS DA SAÚDE (*)

- 4.01 - MEDICINA
- 4.02 - ODONTOLOGIA
- 4.03 - FARMÁCIA
- 4.04 - ENFERMAGEM
- 4.05 - NUTRIÇÃO
- 4.06 - SAÚDE COLETIVA
- 4.07 - FONOAUDIOLOGIA
- 4.08 - FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
- 4.09 - EDUCAÇÃO FÍSICA
- 7 - CIÊNCIAS HUMANAS**
- 7.01 - FILOSOFIA
- 7.02 - SOCIOLOGIA
- 7.03 - ANTROPOLOGIA
- 7.04 - ARQUEOLOGIA
- 7.05 - HISTÓRIA
- 7.06 - GEOGRAFIA
- 7.07 - PSICOLOGIA
- 7.08 - EDUCAÇÃO
- 7.09 - CIÊNCIA POLÍTICA
- 7.10 - TEOLOGIA

2 - CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (*)

- 2.01 - BIOLOGIA GERAL
- 2.02 - GENÉTICA
- 2.03 - BOTANICA
- 2.04 - ZOOLOGIA
- 2.05 - ECOLOGIA
- 2.06 - MORFOLOGIA
- 2.07 - FISILOGIA
- 2.08 - BIOQUÍMICA
- 2.09 - BIOFÍSICA
- 2.10 - FARMACOLOGIA
- 2.11 - IMUNOLOGIA
- 2.12 - MICROBIOLOGIA
- 2.13 - PARASITOLOGIA
- 2.14 - TOXICOLOGIA
- 5 - CIÊNCIAS AGRÁRIAS**
- 5.01 - AGRONOMIA
- 5.02 - RECURSOS FLORESTAIS E ENGENHARIA FLORESTAL
- 5.03 - ENGENHARIA AGRÍCOLA
- 5.04 - ZOOTECNIA
- 5.05 - MEDICINA VETERINÁRIA
- 5.06 - RECURSOS PESQUEIROS E ENGENHARIA DE PESCA
- 5.07 - CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS
- 8 - LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES**
- 8.01 - LINGÜÍSTICA
- 8.02 - LETRAS
- 8.03 - ARTES

3 - ENGENHARIAS

- 3.01 - ENGENHARIA CIVIL
- 3.02 - ENGENHARIA DE MINAS
- 3.03 - ENGENHARIA DE MATERIAIS E METALÚRGICA
- 3.04 - ENGENHARIA ELÉTRICA
- 3.05 - ENGENHARIA MECÂNICA
- 3.06 - ENGENHARIA QUÍMICA
- 3.07 - ENGENHARIA SANITÁRIA
- 3.08 - ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
- 3.09 - ENGENHARIA NUCLEAR
- 3.10 - ENGENHARIA DE TRANSPORTES
- 3.11 - ENGENHARIA NAVAL E OCEÂNICA
- 3.12 - ENGENHARIA AEROSPACIAL

6 - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

- 6.01 - DIREITO / 6.02 - ADMINISTRAÇÃO
- 6.03 - ECONOMIA
- 6.04 - ARQUITETURA E URBANISMO
- 6.05 - PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL / 6.06 - DEMOGRAFIA
- 6.07 - CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
- 6.08 - MUSEOLOGIA/6.09 COMUNICAÇÃO
- 6.10 - SERVIÇO SOCIAL
- 6.11 - ECONOMIA DOMÉSTICA
- 6.12 - DESENHO INDUSTRIAL/ 6.13 TURISMO

(*) NÍVEL : (Folha de Rosto Campo 4)

- (P) Prevenção
- (D) Diagnóstico
- (T) Terapêutico
- (E) Epidemiológico
- (N) Não se aplica



Missão Salesiana de Mato Grosso
Universidade Católica Dom Bosco
Instituição Salesiana de Educação Superior

Campo Grande, 02 de outubro de 2008.

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o projeto **"Pedagogia kadiwéu e a formação da criança"** sob a responsabilidade de **Romélio Rodrigues Dopp** e orientação da Profa. Dra. Marina Vinha, protocolo nº 063/2008B, após análise do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco, foi considerado aprovado sem restrições.

Susana Elisa Moreno

Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade Católica Dom Bosco